



Fonte: opus.dei.org

Muito humanos, muito divinos

1. Jesus, que devemos fazer?

Neste primeiro artigo sobre as virtudes humanas, consideramos como todos os nossos desejos podem encontrar a sua harmonia em Deus. Descobri-lo leva o seu tempo, mas é libertador.

Pode parecer estranho que Santo Agostinho, ao longo das suas memórias, em determinado momento, comece a descrever a influência do "peso" nas coisas físicas que tem ao seu redor. Com o seu conhecimento do século IV, aquele que viria a ser bispo de Hipona observa que há algo que faz com que o fogo sempre vá para cima, enquanto a pedra sempre vem para baixo. Mais tarde nota que o óleo sempre fica acima da água quando são misturados ou que, de alguma forma, tudo o que está desordenado procura a ordem e aí fica. Santo Agostinho intui que, em todos esses movimentos, as coisas são guiadas pelo seu "peso". E é então que, com linguagem poética, confessa: “O meu peso é o meu amor, ele leva-me para onde eu for levado”.^[1] É uma experiência universal: o que desejamos, o que buscamos, o que queremos é o que nos move. Buscamos sempre a satisfação de um desejo que aspira a ser duradouro. Esse "peso" leva-nos à felicidade, mais ou menos plena, por isso não queremos ser enganados por um simples e fugaz passar bem. Como descobrir aquele amor pelo qual Santo Agostinho se sentiu atraído?

O processo de toda a história

«Que hei de fazer para alcançar a vida eterna?», perguntou um jovem a Jesus (cf. Lc 18, 18). É uma passagem da Escritura diante da qual guardamos um silêncio expectante, porque levanta uma questão que nos envolve a todos. O que responderá aquele que é Deus e Homem? No entanto, pouco antes da sua intervenção, o jovem tinha usado uma frase em

que o Senhor detetou algo estranho: dirigiu-se a Jesus chamando-O "bom mestre". A resposta pode parecer um pouco contundente: «Ninguém é bom senão Deus» (Lc 18, 19). O Senhor tinha percebido, não sabemos como, que certamente o jovem procurava *algo mais* na sua vida, mas que realmente pensou que lhe seria dado por um bem criado, algo que poderia controlar, algo a que poderia agarrar-se aqui na terra.

Portanto, embora na pergunta seguinte, Jesus se certifique de que o jovem se está a esforçar para cumprir a lei de Deus, quer ir mais longe, quer que o jovem rompa definitivamente com a indulgência secreta deste cumprimento e com os ídolos da prosperidade humana: «Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me» (Lc 18, 22). Nesta cena observamos o chamamento do Senhor, a seguir intuímos a batalha interior do jovem, até concluir com a sua triste retirada. Jesus pode ter sonhado com um grande discípulo, mas o jovem voltou ao conforto da sua casa, à sua riqueza e aos seus conhecidos.

Essa grande felicidade ansiada pelo jovem não está imediatamente ao nosso alcance. Não podemos administrá-la ou dominá-la. Só podemos recebê-la abandonando-nos a Deus. Diz S. João Paulo II que «se só Deus é o Bem, nenhum esforço humano, nem sequer a observância mais rigorosa dos mandamentos, consegue "cumprir" a Lei, isto é, reconhecer o Senhor como Deus e prestar-Lhe a adoração que só a Ele é devida (cf. Mt 4, 10). O "cumprimento" pode vir apenas de um dom de Deus».^[2] Por isso, talvez, acima de tudo, seja necessária paciência, saber esperar ativamente.

O amor cristão não é um clarão momentâneo – embora também possa existir – mas uma história de amor, e todas as histórias têm o seu processo. “A graça, normalmente, tem os seus tempos, e não gosta de violências...”.^[3] Talvez o jovem procure a satisfação imediata do seu desejo, fica impaciente, não percebe que o amor de Deus, como o grão semeado, precisa de tempo para crescer junto a Cristo. No entanto, vemos no Evangelho

como Jesus preparou os Seus aos poucos, sem pressa, mas também sem pausas. Do cárcere, S. João Baptista, talvez um tanto impaciente, mandou perguntar a Cristo através dos seus discípulos: "És Tu o que está para vir, ou devemos esperar outro?" (Lc 7, 20). Pode parecer-nos, às vezes, que Jesus não tem suficiente pressa, e ficamos impacientes por ser bons da noite para o dia.

Para formar um desejo firme

Sabemos que os discípulos – como toda a gente - precisavam de tempo porque, como o jovem rico, primeiro tinham que purificar as vãs imaginações que tinham forjado: a tentação do sucesso, do prestígio, da glória humana, da vida confortável. Precisavam de compreender coisas importantes como a determinação de «rezar sempre e não desanimar» (Lc 18, 1) ou aprender a perdoar «setenta vezes sete» (Mt 18, 22). Mas, visto que o Senhor viu que os apóstolos já tinham uma preparação mínima, depois de ter rezado a noite toda, mandou-os um a um (cf. Mt 10, 1-5; Lc 6, 12). Isso não significa que o caminho formativo dos discípulos já tinha terminado, longe disso. S. Josemaria repetiu muitas vezes que a formação de um apóstolo nunca termina. Era evidente que, em muitos, o chamamento de Deus não tinha penetrado profundamente: houve os que perderam o interesse pela Sua doutrina, "voltaram para trás e já não andavam com Ele" (Jo 6, 66), ou os que abandonaram Jesus mesmo durante a Sua prova final. Em suma, nuns e noutros, os seus desejos ainda não eram firmes, estáveis, disciplinados.

Pouco a pouco, com paciência divina, Deus aproxima-se do nosso coração, chama-nos e envia-nos a comunicar o Evangelho a todos os homens. Fá-lo através de momentos de meditação pessoal, de adoração eucarística, de orações vocais em que pegamos nas palavras que a Igreja nos propõe e também através da contemplação contínua ao longo do dia. Descobrimos a intimidade com Ele, saboreamos a Sua amizade, o Seu olhar, a Sua firmeza, a Sua compreensão... Deus também nos prepara

através das contradições, um processo consciente e não automático com o qual vamos, pouco a pouco, quebrando os nossos ídolos, pequenos e grandes, internos e externos, para abrir mais espaço para Jesus na nossa alma. Aproxima-se do nosso coração, enfim, através do trabalho contínuo que preenche o nosso dia: «O meu Pai continua a realizar obras até agora, e Eu também continuo!» (Jo 5, 17). Ele mesmo, que colocou nos nossos corações o desejo de bem – o "peso" que guiou Santo Agostinho – será quem realizará esse desejo.

A harmonia dos bens

Ao longo da vida, muitas vezes erramos em busca de bens efémeros que não enchem o coração, bens aparentes que não nos levam a Deus, fonte de todo o bem. Recordando a preocupação do jovem rico sobre o que se deve *fazer* para chegar ao céu, S. João Paulo II destaca que «só Deus pode responder à questão sobre o bem, porque ele é o Bem. *Interrogar-se sobre o bem, com efeito, significa dirigir-se em última análise a Deus, plenitude da bondade. Jesus mostra que a pergunta do jovem é, na verdade, uma pergunta religiosa, e que a bondade que atrai e simultaneamente vincula o homem, tem a sua fonte em Deus, mais, é o próprio Deus*».^[4]

Jesus, quando não poucos o abandonaram, perguntou aos doze se eles também iam embora. Pedro responde: «A quem iremos nós, Senhor? (...). Tu é que és o Santo de Deus» (Jo 6, 68-69). Nesse chamamento de amor, descobriram o sentido último da sua vida: o Reino de Deus, a vida eterna, o céu. Pedro descobriu o que Santa Teresa de Ávila diria mais tarde: «Só Deus basta».^[5] Encontrou o tesouro escondido. É então que os outros desejos encontram um lugar harmonioso, medido e razoável no seu coração; é então que os bens aos quais esses desejos se referem formam um conjunto ordenado. Não é preciso fugir deles, mas não o dominam. Quem encontra Deus acima de todos os outros bens sente-se ágil, desapegado, liberto para levar a força do Evangelho a todas as criaturas. Precisamente, a possibilidade de não o fazer «é a principal componente do claro-escuro da

liberdade humana. Nosso Senhor convida-nos e anima-nos a escolher o bem, porque nos ama profundamente».^[6]

S. Josemaria animava-nos a amar o mundo apaixonadamente, mas não porque o mundo criado seja um absoluto, mas porque é o primeiro dom de Deus, a primeira fonte dos desejos que nascem no coração do homem. No entanto, esses desejos pedem para serem ampliados pelo amor que nos leva a dar sentido a todas as nossas tarefas. Este grande desejo divino dá unidade a toda a nossa existência, não elimina os desejos humanos – de companhia, de futuro, de projetos – mas antes os purifica e os reúne no apelo à intimidade com Deus.

Santo Agostinho observou que as virtudes morais, ao conduzirem-nos à felicidade, se identificam efetivamente com o amor de Deus. Todos os nossos esforços para adquirir tranquilidade e gosto pelo bem são sempre esforços para amar. Por isso, o bispo de Hipona definiu cada uma das virtudes ao serviço desse amor: a temperança é o amor que permanece incorruptível, a fortaleza é o amor que tudo sustenta, a justiça é o amor que não se desvia e a prudência é o amor que discerne como querer mais.^[7]

Esse caminho para encontrar a harmonia dos nossos desejos consolida-se ao longo da vida, pois é sempre uma história. Muitas vezes temos pressa, tomamos decisões precipitadas, buscamos a gratificação imediata... Mas essa não é uma boa lógica para seguir este caminho. Em inglês, às vezes diz-se que alguém "se apaixona", *falls in love*, como algo que acontece de repente. Mesmo que às vezes esse fulgor exista, não será assim até o fim. Pode ser surpreendente que Maria tenha respondido tão rapidamente ao anjo quando lhe foi anunciado que seria a mãe do Messias; como se de repente tivesse descoberto todo o amor divino. Mas, na realidade, Deus trabalhou na alma da nossa Mãe desde a sua Imaculada Conceição e ao longo de toda a sua vida, que foi, desde o início, uma história de amor.



NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *Confissões*, livro 13, cap. 9

[2] . João Paulo II, encíclica *Veritatis Splendor*, n. 1

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 668

[4] S. João Paulo II, encíclica *Veritatis Splendor*, n. 9

[5] Sta. Teresa de Jesus, fragmento de um autógrafo encontrado no seu livro de orações

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 24

[7] Cf. Sto. Agostinho, *Sobre os costumes da Igreja Católica e dos maniqueus*, I, 15, 25

2. O caminho está no nosso interior

Com a força da fé e a confiança da esperança, podemos dizer a nós próprios: aqui e agora posso ser luz de Deus, amor de Deus.

Uma busca constante de Deus. Assim foi a vida de Santo Agostinho: uma busca apaixonada, que nem sempre encontrou os caminhos que o levavam verdadeiramente até Ele. Na juventude, foi fortemente influenciado pelo seu interesse pela literatura e pela admiração que as suas capacidades retóricas suscitaram nos outros. Por vezes, os impulsos levaram-no a afastar-se, e, até mesmo a adotar formas de pensar que estavam em oposição à fé cristã. No entanto, a busca da verdade e a leitura da Sagrada Escritura aproximaram-no gradualmente do cristianismo. Talvez com este processo em mente, e conhecendo muitas pessoas sábias com quem partilhava inquietações, mas que não chegaram a Cristo, Santo Agostinho escreveu que por mais raciocínio adequado que se consiga alcançar, «nem todos encontram o caminho. Os sábios do mundo compreendem que Deus é uma certa vida eterna, imutável, mas veem-no de longe (...). O Filho de Deus que é sempre a Verdade e a Vida no Pai, ao assumir o homem, fez-se caminho para nós, que não tínhamos por onde ir até à verdade. Caminha pelo homem e chega a Deus».^[1]

Chegamos a Deus através de Cristo

Talvez não seja difícil sentir que é Deus quem procuramos, que é Ele que nos espera no final da viagem. Acontece o mesmo com a origem: identificamos dentro de nós um impulso, e suspeitamos que nos vem d'Ele. Contudo, pode ser mais complicado experimentar que Deus é também o caminho: chega-se a Deus através d'Ele. E é precisamente para que possamos percorrer esse caminho que enviou o seu próprio Filho ao mundo; podemos não só ouvi-Lo, olhá-Lo ou tocá-Lo, mas até participar na sua vida. Jesus “não nos mostrou apenas o caminho para encontrar Deus, um

caminho que poderíamos seguir por nós próprios, obedecendo às Suas palavras e imitando o Seu exemplo”. Em vez disso, para nos abrir a porta da libertação, o próprio Cristo tornou-se caminho: “Eu sou o caminho” (Jo 14, 6).^[2]

A liturgia da Santa Missa confirma-o quando, no final da oração eucarística, o sacerdote proclama, elevando o Pão e o Vinho: “Por Cristo, com Ele e n'Ele...”. Só podemos chegar a Deus *por* Cristo, *com* Cristo e *em* Cristo. A sua pessoa é o caminho pelo qual devemos prosseguir, a verdade pela qual podemos alcançar o objetivo e a vida em que podemos viver a nossa própria vida. É por isso que, desde aquela primeira vez no Cenáculo, cada celebração da Eucaristia culmina na comunhão com o corpo de Jesus: Deus torna-se alimento para o caminho, o caminho que é Ele próprio.

Caminhar por este *trilho* torna possível a plenitude da vida. «A fé nasce do encontro com o Deus vivo que nos chama (...). Aparece como uma luz no percurso, que orienta o nosso caminho através do tempo».^[3] S. Josemaria saboreava de uma forma especial a certeza de ter encontrado o mesmo Cristo dos Evangelhos: «Jesus é o caminho. Ele deixou neste mundo as pegadas limpas dos seus passos... quanto gosto de o recordar: Jesus Cristo, o mesmo que foi ontem para os apóstolos e para as pessoas que o procuraram, hoje vive para nós».^[4]

Três feixes de luz

O quarto Evangelho diz-nos de João Baptista que «veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas a testemunha da luz» (Jo 1, 6-8). Aquela luz da qual João deu testemunho também quer manifestar-se em cada batizado. De facto, se Cristo, como proclamamos numa das versões do Credo, é “Luz da Luz”, também se pode dizer que os cristãos que o recebem e “acreditam no seu nome” (Jo 1, 12) são ao mesmo tempo, luz dessa Luz. Portanto, quando pedimos a Deus *luz para ver*, estamos ao

mesmo tempo a pedir para sermos nós próprios, como o Batista, testemunhas da Luz no mundo.

Não é suficiente termos o clarão de luz que nos permitiu partir na nossa viagem; nem é suficiente termos aquele brilho que, projetado nas profundezas da vida, nos permite orientar-nos. Precisamos de uma luz que nos acompanhe a partir do interior. Necessitamos de uma força que vivifique a nossa própria força. E este é o papel desempenhado na nossa alma pelas virtudes teologais: fé, esperança e caridade, que são como três feixes de luz, como as três cores primárias da vida de Deus em nós. Estas três virtudes, de facto, «adaptam as faculdades do homem a uma participação na natureza divina»;^[5] com elas «nosso Senhor faz-nos seus, endeusa-nos».^[6]

Fé, esperança e caridade correspondem, em certo sentido, «às três dimensões do tempo: a obediência da fé aceita a palavra que vem da eternidade, e, promulgada na história, transforma-se em amor, em presente, e assim abre a porta da esperança».^[7] A fé precede-nos: diz-nos de onde vimos, mas também para onde vamos; não é apenas uma memória, mas uma luz que ilumina o futuro: abre-nos à esperança, projeta-nos para a vida. E, no centro do fio estendido entre estes dois polos, desdobra-se a caridade, que se conjuga sempre no tempo presente. Com a força da fé e a confiança da esperança, podemos dizer a nós próprios: aqui e agora, nesta pessoa, nesta situação, eu posso ser, com todas as minhas limitações, a luz de Deus, o amor de Deus.

A novidade vem da convivência com ele

«O mundo encontra-se em grande necessidade, meus filhos», dizia numa ocasião S. Josemaria, «porque milhões e milhões de almas não conhecem Deus, ainda não viram a luz do Redentor. Cada um de vós deve ser, como nosso Senhor quer que sejamos, *quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco*, como um farol aceso no meio das trevas».^[8]

A luz que acende este farol tem duas fontes. A primeira pertence-nos pelo simples facto de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus. Esta fonte nunca nos deixa e manifesta-se na nossa capacidade de compreender o que é verdadeiro, na nossa inclinação para querer o que é bom e, ainda mais profundamente, na nossa dignidade por ter vindo da mão de um Criador sumamente inteligente, amoroso e livre, e não do acaso cego. A esta fonte de luz junta-se a torrente da nossa «regeneração operada no Batismo, que faz que todo o cristão tenha, ontologicamente, uma nova vida que late no seu interior».^[9] Este sacramento cura a ferida do pecado que herdámos dos nossos pais e torna-nos mais capazes de iluminar o nosso entorno.

Estas duas grandes fontes - o nosso ser criado à imagem de Deus e o nosso Batismo - impelem-nos a refletir a luz de Deus. Quando um mestre da lei, escondido dos outros, se aproximou de Jesus para lhe perguntar como viver realmente perto de Deus, ele respondeu: «Aquele que age segundo a verdade vem para a luz» (Jo 3, 21). Também as nossas ações, levadas pela misericórdia de Deus, geram luz se nos deixarmos mover pela nossa bondade e pela Sua graça, se nos despojarmos do que nos leva a mover-nos, por vezes, na direção oposta. Esta familiaridade com a luz de Deus, esta facilidade em optar pelos seus bens maiores do que pelos outros bens aparentes, transforma-se gradualmente numa «conaturalidade entre o homem e o verdadeiro bem. Tal conaturalidade fundamenta-se e desenvolve-se nas atitudes virtuosas do próprio homem: a prudência e as outras virtudes cardeais, e em primeiro lugar as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade».^[10]

A identificação com Jesus Cristo consiste no desenvolvimento, pela graça e pelo acolhimento que lhe damos na nossa alma, daquela conaturalidade cada vez maior com Ele, para que possamos vir a ter os seus mesmos sentimentos (cf. Fil 2, 5), as suas mesmas atitudes. Quanto mais avançamos na intimidade com Jesus, mais percebemos que procurar a santidade não consiste principalmente em lutar para atingir o auge de um

certo padrão moral, mas sim num caminho confiante com Deus, pelo qual nos sentimos com ele, sofremos com ele, vibramos com ele. Que bem ilustrou S. Josemaria: «Em momentos de exaustão, de desânimo, ide confiantes a Nosso Senhor, dizendo-lhe, como aquele nosso amigo: “Jesus, Tu verás o que estás a fazer...: antes de começar a luta, já estou cansado”». [11] Esta é a responsabilidade do cristão: responder com ele. “Jesus, aqui estou. Contigo. Tu verás o que fazes...”.

A vida cristã, entendida desta forma, não consiste em aceitar um sistema de ideias, mas em confiar numa pessoa: em Cristo. Foi assim que tantos homens e mulheres ao longo da história o viveram. Hoje em dia não temos outra mensagem ou outros meios. Como eles, temos a tarefa de iluminar o mundo a partir de dentro, como os escritos dos primeiros séculos o descreveram graficamente: «Os cristãos são no mundo o que a alma é no corpo (...). Tão importante é o lugar que Deus lhes atribuiu que não é lícito para eles desertar». [12] Ser alma do mundo: esse é o nosso caminho, e o caminho está dentro de nós. É Jesus Cristo, que nos quer, como Ele, muito humanos e muito divinos.

Charles Ayxelà



NOTAS

[1] Sto. Agostinho, Sermão 141, n. 1-4.

[2] Congregação para a Doutrina da Fé, carta *Placuit Deo*, n. 11.

[3] Francisco, *Lumen Fidei*, n. 4.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 127.

[5] Catecismo da Igreja Católica, n. 1812.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 98.

[7] Joseph Ratzinger, *Communio. Un programa teológico y eclesial*, Encuentro, Barcelona 2013, p. 303.

[8] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 2 de junho de 1974.

[9] Fernando Ocáriz, “A vocação do *Opus Dei* como vocação na Igreja”, in *O Opus Dei na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa 1994, p. 169.

[10] S. João Paulo II, Encíclica *Veritatis Splendor*, n. 64.

[11] S. Josemaria, *Forja*, n. 244.

[12] *Carta a Diogneto*, VI.

3. Buscar os sentimentos de Cristo

Neste terceiro artigo mergulhamos no coração das virtudes: o que são, como orientam a nossa afetividade e porque nos tornam mais livres.

Havia já várias perguntas, lançadas com a intenção de fazer Jesus tropeçar no seu discurso. O Senhor ia respondendo a elas, uma a uma, sem se impacientar. No final, um escriba abre caminho, surpreendido por tudo o que tinha ouvido. Admirado com os ensinamentos do Mestre, faz em público uma dúvida que havia tempo o preocupava: «Qual é a coisa mais importante na vida?». Ele, que estava habituado a cumprir meticulosamente até as mais pequenas prescrições, por vezes ficava confuso: não conseguia saber o que era essencial em tudo o que fazia. E lança-se com a sua pergunta: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» (Mc 12, 28). Jesus quer desenredar o interior deste homem, que procura sinceramente ser feliz, e serve-se de algumas palavras das Escrituras que têm a fisionomia da linguagem dos enamorados: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente e com todas as tuas forças» (Mc 12, 30).

Jesus quer-nos fazer compreender que a vida daqueles que acreditam em Deus «não pode ser reduzida a uma obediência ansiosa e forçada, mas deve ter o amor como seu princípio».^[1] Amar com coração, mente, alma e força. Mas, como consegui-lo? S. Paulo indicava o caminho aos Filipenses: «Tende entre vós os mesmos sentimentos de Cristo» (Fl 2, 5); sentir e reagir ante tudo – pessoas, acontecimentos, situações – como Jesus. Com os sentimentos de Cristo, superam-se as divisões interiores que põem em risco a estabilidade do amor. Se, além de seguirmos os passos e as palavras do Senhor, procurarmos *sentir* como Ele, encontraremos aquela simplicidade e felicidade que o escriba ansiava.

A importância do mundo interior

O Catecismo da Igreja diz-nos que as paixões, os sentimentos, «são componentes naturais do psiquismo humano; constituem o lugar de passagem e asseguram a ligação entre a vida sensível e a vida do espírito»; [2] estão presentes na vida de cada pessoa e, portanto, estavam também presentes na vida de Cristo. Efetivamente, sabemos que Jesus chorou junto ao túmulo do seu amigo Lázaro (cf. Jo 11, 35) e que reagiu com firmeza aos comerciantes que tinham convertido o Templo de Jerusalém num mercado (cf. Jo 2, 13-17). Também O vemos cheio de alegria ao observar como os simples acolhem o Evangelho (Mt 11, 25).

Para compreender bem este âmbito da nossa afetividade, devemos distinguir entre as nossas *ações*, por um lado, e os nossos *sentimentos* ou *paixões*, por outro; ou, por outras palavras, entre o que fazemos e o que *nos acontece*. Dizemos que *atuamos*, quando planeamos e realizamos algo por própria iniciativa; por exemplo, quando decidimos começar a estudar ou ir visitar um amigo doente. Outras vezes, pelo contrário, podemos ser surpreendidos por uma reação inesperada face a uma situação: ira, perante uma palavra que consideramos ofensiva; tristeza, perante a morte inesperada de uma pessoa querida; ou inveja, perante algo valioso que gostaríamos de ter. Estes fenómenos anímicos, que ocorrem sem que nós o decidamos, são chamados *sentimentos* ou *paixões*.

Precisamente porque os sentimentos não são escolhidos por nós, não constituem um mérito nem um pecado. Isto não significa, contudo, que sejam sempre neutros, uma vez que «recebem uma qualificação moral na medida em que dependem da razão e da vontade»; [3] ou seja, na medida em que são ativamente procurados ou se consente neles, aceitando-os. A espontaneidade com que ocorrem em nós também não implica que careçam de importância para a vida cristã, porque, na realidade, acontece o contrário: os sentimentos pressupõem um juízo preliminar do acontecimento perante o qual se manifestam e sugerem uma linha de conduta posterior. E podemos moldá-los paulatinamente para que se ajustem cada vez mais ao que realmente queremos.

Por exemplo, ante um acontecimento que se nos apresenta como bom, surge uma paixão como a alegria ou o entusiasmo que, por sua vez, sugere ações como aplaudir a situação ou aproximar-se de uma pessoa. Por outro lado, ante um acontecimento que se nos apresenta como mau, surge uma paixão como a ira ou a tristeza que, por sua vez, sugere ações como a reprovação ou o distanciamento. Logicamente, há momentos em que uma situação não deve ser aplaudida, ainda que o juízo preliminar dos nossos sentimentos seja positivo; ou haverá também momentos em que veremos uma ofensa onde não há nenhuma, e seria um erro reagir com um comportamento de censura. Pode dizer-se, portanto, que quando as paixões envolvem um julgamento verdadeiro são uma ajuda para a vida cristã, porque tornam possível fazer o bem espontaneamente, mas quando estão enraizadas num julgamento falso, dificultam-na.

Obviamente, quem experimenta paixões baseadas em percepções erradas da realidade ainda pode agir bem, resistindo com esforço a esses sentimentos. Mas não se pode manter um esforço continuado durante a vida inteira, lutando continuamente contra a investida das más paixões, fazendo o que não apetece fazer, ou rejeitando sempre o que a afetividade está inclinada a fazer. Uma luta sustentada contra os próprios sentimentos pode facilmente levar ao desânimo ou à exaustão. Se não se conseguir educar este mundo interior, no final torna-se difícil discernir o que é bom do que é mau, porque a mente fica obscurecida e muitas vezes ceder-se-á facilmente aos sentimentos tal como eles vêm, sem os avaliar.

A educação da afetividade

«Educar é introduzir na vida, e a grandeza da vida é iniciar processos: ensinar os jovens a iniciar processos e não a ocupar espaço!».^[4] Foi assim que uma vez o Papa Francisco respondeu a uma professora numa reunião com a comunidade educativa de uma escola. Esta recomendação aplica-se também à formação da afetividade, que não visa simplesmente controlar as más inclinações ou bloquear certos comportamentos, mas sim dar forma,

pouco a pouco, ao mundo dos sentimentos, para que os movimentos que surgem espontaneamente em nós nos ajudem a fazer o bem de um modo rápido e natural. Educar os nossos sentimentos é iniciar um processo que nos levará a aceitar melhor a graça de Deus e, assim, a identificar-nos com Jesus. A afetividade ordenada permite-nos gostar de fazer o que é bom; permite que *o que nos apetece fazer* coincida, quase sempre, com o que agrada a Deus.

Para educar os nossos sentimentos é necessário compreendê-los, para saber por que surgem. Fomos criados com uma inclinação natural para o que é bom para nós: o instinto de sobrevivência, a tendência sexual, o desejo de conhecimento, a necessidade de trabalhar e de ter amigos, a exigência razoável de reconhecimento e respeito por parte dos que nos rodeiam, a procura de significado e transcendência, e assim por diante. Todas estas inclinações naturais são como uma força que sai de nós em busca do que precisamos. Quando a tendência encontra satisfação, produz-se uma ressonância interior positiva, que é um sentimento: alegria, gratidão, serenidade... Mas quando a tendência se vê frustrada, surge um sentimento negativo: ira, confusão, pessimismo...

Contudo, há dois fatores que deformam o mundo dos sentimentos e dificultam o funcionamento harmonioso da nossa alma. O primeiro é a desordem que o pecado produziu no sistema de tendências: a graça da justificação em Cristo elimina a culpa, mas não nos devolveu imediatamente a integridade dos nossos desejos: é um caminho a ser seguido progressivamente. O segundo fator varia de pessoa para pessoa: dependendo da educação recebida, do ambiente social e dos pecados pessoais, o organismo das nossas tendências pode ser deformado mais tarde. Para corrigir esta desordem e evitar que surjam sentimentos negativos, temos de descer à camada mais profunda da personalidade e ordená-la para o bem. E isto é conseguido por meio das virtudes.

Que são as virtudes?

No início do século XIV, Giotto encheu de frescos o interior de uma capela em Pádua, hoje considerada uma das obras de arte mais importantes do mundo. Aos lados, cada quadro apresenta uma cena da vida de Jesus e Maria, desde a Anunciação até à Ascensão. Todos convergem na parede do fundo, que representa o fim dos tempos: a cena do Juízo Final, com os bem-aventurados à direita de Cristo e os condenados à sua esquerda. Mas há mais: as paredes laterais, na parte inferior, a área mais próxima do espectador, contêm duas séries de sete imagens que não pertencem propriamente à história da salvação: são personificações de sete virtudes e sete vícios. Nesta sucessão de imagens, que também se dirigem para um e outro lado do Senhor, cheio de majestade, o artista parece ter querido representar a colaboração humana nesta história divina: a nossa possibilidade de facilitar ou dificultar a obra da graça.

Neste sentido, em certa ocasião S. Josemaria referia que há muitas pessoas que «talvez não tenham tido a oportunidade de ouvir a palavra divina, ou que a tenham esquecido. Mas as suas disposições são humanamente sinceras, leais, compassivas, honestas. E atrevo-me a afirmar que quem reúne estas condições está prestes a ser generoso com Deus, porque as virtudes humanas formam o fundamento das virtudes sobrenaturais». ^[5]

Mas, que são as virtudes? Podem ser possuídas, tal como pegamos em alguma coisa com as mãos, vestimos um fato, ou calçamos uns sapatos? Num certo sentido, sim: a inteligência e a vontade, que são as nossas faculdades espirituais, e também os apetites sensíveis, têm a capacidade de possuir. Embora não sejam objetos materiais, são qualidades que, quando estabilizadas, chamamos bons hábitos ou virtudes. Estas qualidades não são visíveis como as formas e as cores, mas a sua presença numa pessoa é facilmente notada. Por exemplo, um matemático realiza facilmente operações e cálculos que uma pessoa que não tenha estudado matemática nem sequer consegue compreender. O matemático *possui* uma ciência, que é uma virtude intelectual. A pessoa temperada, para dar outro exemplo,

come e bebe o que é razoável sem grande esforço, porque possui uma virtude moral, que é a temperança. Quem não é dono deste hábito, só com dificuldade e esforço conseguirá limitar-se ao que é razoável; e, pelo contrário, quem tem o vício que se opõe à temperança, a gula, facilmente comerá mais do que devia.

As virtudes morais têm três dimensões fundamentais. A primeira é de natureza intelectual: uma vez que as virtudes têm de regular uma reação, elas pressupõem o conhecimento de um estilo de vida, o de quem segue Cristo. A virtude da pobreza, por exemplo, pressupõe o conhecimento do papel que os bens económicos desempenham na vida de um cristão. A segunda dimensão das virtudes é a sua natureza afetiva: introduzem-se nas tendências que se dirigem para cada bem concreto, modificando-as pouco a pouco e tornando o seu movimento espontâneo de acordo com o estilo de vida cristão. Isto consegue-se através da repetição de atos que são ao mesmo tempo livres, conformes ao que é virtuoso, e realizados precisamente porque são bons. Os atos que parecem ser bons mas que são realizados por medo, conveniência, ou outros motivos alheios ao bem, não conseguirão tornar virtuosas as tendências humanas, porque não moldarão a afetividade. Por fim, a terceira dimensão das virtudes é que elas geram uma predisposição para o bem: a pessoa virtuosa tem uma especial facilidade e perspicácia para distinguir o bem do mal, mesmo em situações complexas ou imprevistas.

As virtudes libertam-nos

Ao apresentar-se como o bom pastor, imagem que evocava nos seus ouvintes a vinda do Salvador do povo, Jesus diz: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (Jo 10, 10). Essa vida abundante e plena é-nos dada pela graça de Deus, apoiada no nosso desejo de descobrir e tirar o melhor do que nos rodeia. Portanto, possuir estes hábitos torna-nos mais livres; gradualmente, torna-nos pessoas mais flexíveis, que sabem descobrir a forma de fazer o bem em situações muito diferentes. As virtudes libertam-

nos porque nos permitem escolher entre os diferentes bens que se nos apresentam. Os vícios, pelo contrário, são rígidos, porque geram automatismos, reações que são difíceis de abandonar.

A identificação com Cristo, para a qual o Espírito Santo nos move, passa por adquirir e consolidar as virtudes que Jesus ensinou: tanto as virtudes teologais como as morais. Detivemo-nos nas segundas, que reordenam o mundo interior dos sentimentos, tão importantes para a vida cristã. No entanto, a força motriz e a raiz de todas estas virtudes é a caridade. Sem ela, tudo o resto seria visto como um peso que oprime a liberdade. Quando se deseja viver sinceramente para a glória do Pai, como Cristo viveu, esse amor guia suavemente as escolhas, de modo que sejam cada vez mais semelhantes às de Jesus. O mandamento com que o Senhor respondeu ao escriba – amar a Deus com todo o coração e com todas as forças – não sabe de obediências forçadas: necessita de filhos que empreendem uma tarefa gratificante, porque sentem como Jesus sente.

Ángel Rodríguez Luño



NOTAS

- [1] Francisco, *Angelus*, 25-X-2020
- [2] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1764
- [3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1767
- [4] Francisco, Discurso, 6-IV-2019
- [5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 74

4. Somos nós o habitat das virtudes

O nosso desejo de sermos melhores alimenta-se do ambiente no qual vivemos e, além disso, frutifica nas relações com os outros.

Deus não vive sozinho. É uma família, uma Trindade de pessoas unidas pelo amor; uma fonte inesgotável de vida, um manancial que se entrega e se comunica sem cessar. Cada pessoa divina vive livre e inteiramente para as outras, olhando para as outras, numa alegre dependência. O Nosso Deus, dizia Bento XVI, é «um *Ser-para* (o Pai), um *Ser-desde* (o Filho) e um *Ser-com* (o Espírito Santo)». ^[1] E esta mesma lógica resplandece também em tudo aquilo que saiu das suas mãos. De maneira muito especial, no homem. Sim: a vida trinitária está gravada no profundo do nosso ser. A nossa existência só é autenticamente humana, e autenticamente divina, se se desenvolver segundo estas coordenadas trinitárias de comunhão: *desde* Deus e *desde* os outros; *com* Deus e *com* os outros; *para* Deus e *para* os outros.

O equilibrista

Todas as virtudes, até à mais pequena ou insignificante, apontam para um crescimento na comunhão com os outros. É certo que, na medida em que nos proporcionam um certo domínio sobre aspetos particulares da nossa pessoa, as virtudes (de *virtus*, força) fortalecem-nos. Entrelaçadas entre si, fazem-nos ser mais verdadeiramente nós mesmos. No entanto, não buscam uma perfeição individual, porque a felicidade nunca é um caminho isolado. As virtudes fazem-nos capazes «de expressar o amor: esse amor precisamente no qual o homem-pessoa se converte em dom e, mediante este dom, realiza o sentido próprio do seu ser». ^[2] Uma autêntica virtude não se alcança à margem ou *sem* os outros. O caminho é, aliás, o contrário: o do crescimento numa liberdade para os outros; uma liberdade que nos permite comprometer, entregar-nos a quem nos rodeia. A virtude, no final de contas,

consiste em *possuir-se para dar-se*. Essa é a verdadeira força, o verdadeiro poder.

Podemos imaginar um equilibrista que avança sobre um fio nas alturas, perante olhar inquieto do público. Dia após dia realiza o mesmo trajeto, de um lado para o outro do fio. Nele dá-se uma mistura de ousadia e de cautela: teme a queda, mas desfruta da altura e do risco. Procura superar os seus limites, e o seu objetivo exige-lhe um minucioso treino. Necessita de uma habilidade que só alcançará se, superando a vertigem dia após dia, repetir o exercício sem parar. De modo idêntico, para sermos pessoas virtuosas – ordenadas ou agradecidas, por exemplo – necessitaremos de vencer as resistências, com tempo e treino. Qual é a nossa motivação para deixar as coisas no seu lugar ou para agradecer amavelmente? Só se soubermos que no princípio e no fim do fio nos espera alguém que amamos, pessoas que necessitam desses dons, é que merece a pena arriscar-se sobre o vazio. Não queremos apenas alcançar uma harmonia ou uma perfeição individual. Todas as virtudes têm como horizonte, como tal, a abertura aos outros; são pessoais e, ao mesmo tempo, têm uma dimensão de comunhão, potenciam os vínculos com os outros.

Ser-desde: o dom de depender

Alguns livros de autoajuda oferecem pistas para viver em paz consigo próprio, e identificam a felicidade com uma vida plena e independente: como se depender de outros fosse frustrante, algo assim como um obstáculo para o crescimento pessoal. Mas se voltarmos o olhar para Trindade, entendemos que as coisas são de outra maneira. Em primeiro lugar, Deus Filho procede do Pai e recebe d' Ele todo o seu ser. Esta filiação leva a que Jesus faça em tudo, e com alegria, a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34). De uma maneira idêntica, como criaturas de Deus, e ainda mais se tivermos recebido o Batismo, que nos incorpora à vida de Jesus, a nossa existência tem um carácter filial. Não nos damos a nós próprios a vida. Outras pessoas, que ainda não nos conheciam, trouxeram-nos até aqui. E destas

relações de filiação – filhos de Deus e filhos dos nossos pais – surgem as outras relações humanas: porque somos filhos, somos irmãos e somos família.

Desta forma, no íntimo da pessoa humana descobre-se uma dependência radical. A nossa existência revela-se *desde* Outro e *desde* outros. Esta realidade é especialmente visível quando consideramos o amor esponsal, que consiste em viver totalmente unido a outra pessoa e *depende* de tal modo do afeto mútuo que não se pode viver sem ela. Necessitar dos outros não limita, como tal, a liberdade; pelo contrário, torna a pessoa mais valiosa, leva-a para uma alegria mais plena. Saber que recebi amor e que posso devolvê-lo enche a vida de sentido.

Além disso, as virtudes só podem ser adquiridas, de facto, num ambiente relacional: o seu habitat é o de "nós próprios". As nossas disposições interiores educam-se no contacto com os outros. É aquilo que fazem os pais quando ensinam aos seus filhos algumas maneiras de se comportarem: «filho, não agradeces?»; «filho, deixa as coisas no seu lugar». Crescemos graças aos conselhos que recebemos; graças a conversas que iluminam a razão com princípios firmes. Princípios que, aplicados à vida, vão formando as virtudes e permitindo-nos entender onde está o bem, e como alcançá-lo.

Neste processo, o exemplo das pessoas que nos rodeiam é também fonte de ensinamento. Um clima virtuoso na família ou no lugar do trabalho é um viveiro de virtudes. E também acontece, lamentavelmente, o contrário: onde o clima é descuidado, é mais difícil crescer humanamente. Um lar sóbrio educa os filhos na temperança; uma mãe detalhista ensina aos seus filhos o valor do pequeno. O mesmo sucede entre amigos, entre colegas de trabalho e em qualquer comunidade humana. Faz parte da nossa tarefa evangelizadora criar à nossa volta um ambiente que ajude a descobrir e a crescer neste caminho. É o que faz a Igreja ao apresentar como modelo a vida dos santos: aí não temos a teoria, mas sim as virtudes encarnadas numa

pessoa; aí vemos que é verdadeiramente possível deixar entrar Deus e os outros na nossa vida.

Ser-com: a alegria de acompanhar

O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é o amor partilhado e enviado aos homens para *ser-com* nosco.^[3] Ele é «o manancial inesgotável da vida de Deus em nós».^[4] dessa vida que só se pode revelar em forma de comunhão interpessoal. É assim: nós, homens e mulheres, não vivemos sem mais, mas *con-vivemos*; a nossa existência é um *ser-com* quem nos rodeia. Só há vida onde há comunhão. Os vínculos que criamos com os outros são muitas vezes a força que permite o nosso próprio crescimento pessoal.

Apesar de alguns modos de pensar e de viver dos nossos dias nos oferecerem um modelo de homem independente e, em certo sentido, autossuficiente, a Palavra de Deus diz-nos que não somos náufragos que sobrevivem no seu isolamento, mas pessoas necessitadas dos outros. S. Paulo recorda aos Coríntios que todos fazem parte de uma mesma unidade: «Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro» (1 Cor 12, 27). Estamos envolvidos por fortes vínculos de graça e de amor, inclusive com aqueles que nos precederam e com os que nos seguirão no caminho para Deus. Assim o expressa o Catecismo da Igreja: «O mais insignificante dos nossos atos, realizado na caridade, reverte em proveito de todos, numa solidariedade com todos os homens, vivos ou defuntos, que se funda na comunhão dos santos.»^[5] Seremos melhores na medida em que nos ajudamos entre todos, desde e com os outros.

Não estamos sós no caminho para adquirir as virtudes. Como dizia S. Josemaria, «ninguém é um verso solto (...): de certo modo, ou nos ajudamos ou nos prejudicamos. Todos somos elos de uma mesma corrente».^[6] Durante a infância, muitas crianças divertiam-se a construir castelos com as cartas de jogar: uma carta apoiava-se na que estava mais próxima e juntas sustentavam-se. Por cima, a seguir, colocavam-se outras, que se mantinham de pé graças às de baixo; e assim, pouco a pouco, construía-se

uns castelos muito delicados que com qualquer movimento em falso podiam cair. Analogamente, também a nossa vida é um tecido de relações e de encontros, um *ser-com* os outros: «A vossa mútua fraqueza é também apoio que vos mantém direitos (...): como mutuamente se sustentam, apoiando-se, as cartas de jogar».^[7]

É fonte de alegria sentir a proximidade de pessoas que nos oferecem o seu apoio, e que também apoiamos. Acompanhar os outros e ser acompanhados por eles é o selo de uma existência verdadeiramente cristã. Pensemos nos discípulos de Emaús: se não se tivessem encontrado com aquele caminhante misterioso que lhes abriu os olhos, teriam continuado fechados na sua tristeza (cf. Lc 24, 13-17). Ter pessoas perto serve de incentivo para seguir em frente; elas saberão apoiar-nos ou levantar. Quando ajudamos outras pessoas a alcançar a sua melhor versão, fazemos o mesmo que fez Jesus com os dois discípulos que abandonavam Jerusalém. Rodeados de pessoas que nos querem e nas quais confiamos, é mais fácil crescer.

Todas as virtudes têm um carácter relacional, inclusive as que parecem mais individuais. A fortaleza ou a temperança, por exemplo, também nos dirigem para os outros: permitem-nos partilhar o bem que descobrimos. As virtudes abrem as portas ao encontro generoso e facilitam-nos a doação. Não existem pessoas virtuosas se estão fechadas em si mesmas: isso seria apenas aparência de virtude. Na realidade, «não há virtude alguma que fomente o egoísmo; cada uma redundará necessariamente no bem da nossa alma e das almas dos que nos rodeiam».^[8]

Ser-para: a alegria de servir

O Pai é a origem da vida trinitária. Tudo n'Ele é doação ao Filho, plenitude que sai e entrega gratuitamente tudo o que tem, com delicadezas de mãe (cf. Mt 23, 37; Sl 131, 2). Esta paternidade divina é a fonte de toda a paternidade (cf. Ef 3, 15), um dom que Deus confia a cada um de nós, para que também sejamos origem de vida nos outros. Todos estamos chamados a

ser pais ou mães: um discípulo é *filho* do seu mestre, um amigo é *pai e filho* de outro amigo, etc. Todos somos filhos e, por outro lado, convertemo-nos em pessoas maduras na medida em que nos preparamos para ser pais ou mães, cada um segundo a sua vocação pessoal.

Cada pessoa só se encontra verdadeiramente a si mesma quando consegue sair do seu isolamento e dar-se aos outros. O Concílio Vaticano II afirma em muitas ocasiões, repetindo uma mensagem especialmente oportuna para a nossa época, que o homem não pode «encontrar a sua própria plenitude se não for através de um dom sincero de si».^[9] Só assim somos verdadeiramente felizes. Oferecer a vida «aos outros é de tal eficácia, que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria».^[10] E a alegria de *ser-para* os outros manifesta-se em atos concretos de entrega, de serviço, de compreensão. Temos muitas oportunidades em cada dia: quando fazemos rapidamente um favor, quando julgamos com misericórdia o comportamento dos outros, quando somos pessoas com as quais se pode contar sempre para uma necessidade... Assim foi o estilo de vida dos primeiros cristãos, tão surpreendente para os pagãos, que repetiam: «Vede como eles se amam, (...) vede como estão dispostos a morrer um pelo outro».^[11]

Maria também se ocupa dos outros com um completo esquecimento de si: sabe cuidar de Isabel na reta final da gravidez, em Caná está preocupada com a feliz celebração da boda, no Calvário acompanha o seu Filho com enorme serenidade no meio da dor... Nela «encontramos segurança e também força para continuar a levar o consolo do seu Filho a quem dele necessita».^[12] Toda a graça e virtude da mãe de Cristo voltam-se espontaneamente para os outros porque, para aqueles que querem seguir Jesus, não há bem que não se transforme em bem de todos.

José Manuel Antuña



NOTAS

- [1] Joseph Ratzinger, *Fé, verdade y tolerância*, Edições Universidade Católica Portuguesa, Coleção Traduções.
- [2] S. João Paulo II, Audiência, 16-I-1980.
- [3] Cf. Ricardo de San Víctor, *De Trinitate*, III, 2-4.
- [4] Francisco, Audiência geral, 8-V-2013.
- [5] *Catecismo da Igreja católica*, n. 953.
- [6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 76.
- [7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 462.
- [8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 76.
- [9] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 24.
- [10] S. Josemaria, *Forja*, n. 591.
- [11] Tertuliano, *Apologeticum*, 39, 1-18.
- [12] Fernando Ocáriz, *Mensagem*, 29-IV-2020.

5. Para poder ser amigos

Qualquer amizade genuína supõe um esforço, tanto para entrar na vida dos outros como para deixar que entrem na nossa; neste quinto artigo revemos algumas das virtudes que nos podem ajudar.

Quando uma pessoa vive os seus últimos momentos, quando está quase «a passar deste mundo para o Pai» (cf. Jo 13, 1), tende a pensar no essencial. O seu interesse centra-se em resolver as coisas que não quer deixar inacabadas: conseguir dirigir umas frases de carinho aos seus, fazer um rápido balanço da sua vida, procurar reconciliar-se com alguém... Também isso sucede na vida de Jesus. O preâmbulo das suas horas finais é uma ceia ritual com as pessoas mais próximas. Os evangelhos permitem-nos contemplar esses momentos através de umas comoventes *páginas de amizade*, nas quais o Senhor nos deixa como herança o testemunho do Seu amor. «Na intimidade do Cenáculo, Jesus diz aos apóstolos: “A vós chamei-vos amigos” (cf. Jo 15, 15). E como a eles, disse-nos a todos. Deus ama-nos não apenas como criaturas, mas também como filhos a quem, em Cristo, oferece verdadeira amizade».^[1]

Um encontro de intimidades

A amizade é uma relação em duas direções, que cresce através do dar e do aceitar. Jesus Cristo oferece aos seus amigos o dom maior que existe: «Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito» (cf. Jo 14, 16). Mas, à sua maneira, também pede reciprocidade; pede-que aceitemos os seus dons: «Permanecei no meu amor» (cf. Jo 15, 9). Não existem amizades nas quais só uma parte esteja envolvida. Qualquer amizade genuína supõe um esforço, tanto para entrar na vida dos outros como para deixar que entrem na nossa.

Este movimento de aproximação mútua nem sempre é fácil; e ainda menos se o ambiente social, ou as nossas próprias inércias, nos levam a contar pouco com os outros, a bloquear o nosso mundo interior diante de possíveis intrusões, ou a olhar para os outros apenas quando nos podem ser úteis num dado momento. Para que a amizade seja possível, temos de estar dispostos a abrir as portas do coração. Isso torna-nos seguramente vulneráveis, mas também nos torna mais humanos. Quem não experimentou esses momentos de cumplicidade com outra pessoa, quando se encontram dois mundos interiores? Poderíamos pensar que essas situações, cheias de sinceridade e intensidade, são próprias da juventude. No entanto, quem perder o medo de abrir a sua interioridade e de acolher os outros no seu coração é capaz de estabelecer amizades profundas em qualquer idade: seja com os seus pais, irmãos, filhos, marido ou mulher, com quem vivem na mesma casa ou com os colegas de trabalho.

Benevolência e ternura

Desde há muito tempo que se considera que «a amizade é uma virtude ou, em todo o caso, algo acompanhado de virtude. Além disso, é o mais necessário para a vida»[2]. Para que uma amizade se consolide e cresça é necessário que os amigos fomentem algumas disposições que favorecem o intercâmbio de interioridades. A amizade, na verdade, é constituída pela «procura do bem do outro, reciprocidade, intimidade, ternura, estabilidade, e uma semelhança entre os amigos que se vai construindo com a vida partilhada».[3]

A procura do bem do outro, também conhecida como benevolência, é talvez a principal destas disposições. Não significa que me importa *um bem concreto do outro* – nem sequer *um bem para o outro* –, mas que me importa *o outro*: interessa-me que seja feliz. A benevolência indica a autenticidade do afeto para com os nossos amigos, que supõe «reconhecê-los e afirmá-los tal como são, com os seus problemas, os seus defeitos, a sua história pessoal, o seu entorno e os seus tempos para se aproximarem de

Jesus. Por isso, para construir uma verdadeira amizade, é preciso desenvolver a capacidade de olhar com afeto para as outras pessoas, até vê-las com os olhos de Cristo».^[4]

Melhorar a nossa capacidade de nos abirmos aos outros requer também ganhar em ternura. Contrariamente àquilo que por vezes se pensa, a ternura «não é a virtude dos fracos, mas muito pelo contrário: denota fortaleza de ânimo e capacidade de atenção, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro».^[5] A ternura é campo fértil, fruto do trabalho diário: nela pode crescer a cumplicidade, a confiança. «Cada um de vós tem o seu coração cheio de ternura, como eu o tenho»,^[6] dizia S. Josemaria. Esta ternura pode manifestar-se em pessoas afetuosamente expressivas ou em temperamentos mais introvertidos, e sabe adaptar-se a um e outro modo de ser. Nesses momentos íntimos da Última Ceia, precisamente, Jesus debate-se com Pedro, que não quer Ele lave os seus pés (cf. Jo 13, 6-11), mas também permite que João recline a cabeça no seu peito (cf. Jo 13, 23). A ternura do amigo entende as necessidades do outro, respeita a sua intimidade, o seu modo de ser; evita invadir e, pelo contrário, oferece a sua presença silenciosa.

Continuidade e sintonia

Outra componente necessário da amizade é a continuidade da relação, porque duas interioridades não se abrem de modo repentino. As coisas importantes precisam de tempo para se desenvolver e crescer no coração humano. Às vezes parece que encontramos um *novo melhor amigo*, mas na realidade a essa relação ainda lhe falta muito para crescer. «É preciso muito tempo para falar, estar juntos, conhecer-se... Aí constrói-se a amizade. Só com essa paciência pode uma amizade ser real».^[7]

Os amigos desejam ver-se, estar juntos, poder partilhar o que é valioso para cada um. Os apóstolos gostavam de estar com Jesus, não só porque o consideravam como o Messias de Israel, mas porque eram bons amigos. Não o seguiam apenas por convicções históricas ou intelectuais, mas porque

Jesus se tinha tornado parte da sua vida: «Eu hei de ver-vos de novo! Então o vosso coração há de alegrar-se, e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (cf. Jo 16, 22).

Os encontros e a comunicação ao longo do tempo vão robustecendo a amizade até torná-la sólida, mesmo à distância. Deste modo, gera-se uma sintonia especial entre os amigos, porque cada um comunica espontaneamente ao outro os dons que enchem a sua vida. Por este caminho consegue-se valorizar aquilo que a outra pessoa valoriza, a desfrutar com as suas coisas; e também, como é lógico, a entristecer-se com aquilo que lhe causa tristeza. O amigo atrai sinceramente o outro amigo, não o convence nem o engana disfarçando de amizade outros interesses.

Virtudes para a convivência

Diz S. Tomás de Aquino que «entre as coisas do mundo não há nenhuma que dignamente se possa preferir à amizade, porque ela é a que une os virtuosos, e conserva e levanta a virtude.»^[8] O caminho da virtude é um aliado das relações de amizade: aqueles que cultivam a imagem de Deus nas suas vidas reconhecem-se facilmente entre si, e tendem a partilhar essa beleza interior.

Certamente, existem algumas virtudes que são mais aptas para preparar esse caminho ou para o fazer crescer: são as virtudes da convivência. O «ambiente de amizade, que cada um está chamado a levar consigo, é fruto da soma de muitos esforços por tornar a vida agradável aos outros. Ganhar em afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza, e em todas as virtudes que tornam amável a convivência é importante para que as pessoas possam sentir-se acolhidas e ser felizes: “Palavras amáveis multiplicam muitos amigos, a linguagem afável atrai muitas respostas agradáveis” (cf. Sir 6, 5). A luta por melhorar o próprio carácter é condição necessária para que surjam mais facilmente relações de amizade».^[9]

Nem sempre é fácil distinguir que aspetos da própria personalidade devem ser modelados no âmbito da amizade, ou quais devem ser tolerados – inclusive queridos – pelo amigo. Talvez não seja necessário fazer demasiadas distinções, mas sim procurar trabalhar sobre si mesmo, que é aquilo que temos ao nosso alcance: se sou tímido, tratarei de ser mais extrovertido; se tenho reações fortes, vou-me empenhar em suavizá-las; se tenho tendência para ser inexpressivo, procurarei manifestar mais aquilo que sinto; etc. O que em qualquer caso não levaria muito longe seria manter uma obstinada afirmação do próprio eu. S. Josemaria animava uns e outros a sair desse impasse: «Às vezes pretendes justificar-te, afirmando que és distraído, despistado; ou que, por temperamento, és seco, reservado. E acrescentas que, por isso, nem sequer conheces a fundo as pessoas com quem convives. – Ouve: não é verdade que não ficas tranquilo com essa desculpa?». ^[10]

* * *

Qualquer amizade é um dom que se recebe e, ao ser aceite, converte-se em dom para o outro. É aquilo que caracteriza o amor: só o pode dar quem antes o tenha recebido. Inclusive o amor que Jesus Cristo oferece aos seus apóstolos está precedido por aquele que lhe foi entregue: «Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós» (cf. Jo 15, 9). Por isso, além de crescer em todas as virtudes que nos ajudam a abrir aos outros, o mais importante para ser verdadeiros amigos é aprofundar nesse amor de Deus por nós. À medida que aumenta essa relação de intimidade, amplia-se a capacidade de amar os outros. «Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, são um único mandamento. Mas ambos procedem do amor que vem de Deus, que nos amou primeiro (...). O amor é “divino” porque provém de Deus e une-nos a Deus e, mediante este processo unificador, transforma-nos num Nós, que supera as nossas divisões e converte-nos numa só coisa, a fim de que Deus seja “tudo em todos” (cf. 1 Cor 15, 28)». ^[11]

Jorge Mario Jaramillo



NOTAS

- [1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 1-XI-2019, n. 2.
- [2] Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, 1155a.
- [3] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 123.
- [4] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 1-XI-2019, n. 8.
- [5] Francisco, Homilia, 19-III-2013.
- [6] S. Josemaria, Apontamentos de uma reunião familiar, 15-IX-1971. AGP, biblioteca, P01.
- [7] Francisco, Entrevista, 13-IX-2015. Texto completo no *site* da Agência Informativa Católica Argentina.
- [8] S. Tomás de Aquino, *Del gobierno de los príncipes*, I, X.
- [9] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 1-XI-2019, n. 9.
- [10] S. Josemaria, *Sulco*, n. 755.
- [11] Bento XVI, *Deus Caritas est*, n. 18.

6. Até pôr em prática

Parar para pensar, escolher o caminho, passar à ação. Três momentos essenciais que dão forma à prudência, a virtude necessária para fazer o bem no único lugar real: aqui e agora.

Num quadro a óleo que se conserva em Berlim, Rembrandt retratou em 1627 um velho sentado à frente de uma mesa, no meio da penumbra. À sua volta amontoam-se moedas de ouro e títulos de propriedade. Entre os objetos figura também um relógio, premonição de que as suas horas estão contadas. O velho usa óculos devido à sua fraca visão, e ilumina a mesa e as suas posses com uma vela, que cobre com a mão direita: uma luz incerta, como um fio de vida, que rapidamente se extinguirá.

Assim imaginava este grande artista a parábola que Jesus contou numa ocasião perante uma multidão de milhares de pessoas: «O campo dum homem rico tinha produzido excelente colheita. Ele pensou consigo: ‘Que hei de fazer, pois não tenho onde guardar a minha colheita? Vou fazer assim: Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores, onde guardarei todo o meu trigo e os meus bens. Então poderei dizer a mim mesmo: Minha alma, tens muitos bens em depósito para longos anos. Descansa, come, bebe, regala-te’. Mas Deus respondeu-lhe: ‘Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?’ Assim acontece a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus» (Lc 12, 16-21).

Deus qualifica este rico de "insensato" ou imprudente. «O homem que todos conheciam como inteligente e afortunado é um idiota aos olhos de Deus: «insensato», diz-lhe. Perante aquilo que é verdadeiramente autêntico, aparece com todos os seus cálculos estranhamente insensato e míope, porque nesses cálculos tinha-se esquecido do mais importante: que a sua alma desejava algo mais que bens e alegrias, e que em algum dia se iria

encontrar diante de Deus».^[1] Este homem não se dava conta de que o sentido da sua vida se resumia ao amor a Deus e ao próximo. Por isso, quando teve oportunidade de fazer algo pelos outros, não conseguiu pensar mais além de si próprio. No fundo, ignorava «como são e estão verdadeiramente as coisas»; não podia atuar bem, porque «o bem é aquilo que está de acordo com a realidade».^[2] Por isso é insensato. Por isso é imprudente.

As falsas prudências

A prudência é a virtude que conecta a nossa atuação com a realidade: prudente é o homem a quem as coisas *lhe parecem* como realmente *são*. Com base nesta conexão com a realidade, esta virtude leva a escolher os meios adequados para conseguir um fim *bom*, e colocá-los em prática. Ou seja, a prudência não entende por bom qualquer fim. Por isso, dizia S. Josemaria, «Temos de perguntar sempre a nós próprios: prudência, para quê?». ^[3] E respondemos: para amar a Deus e aos outros. Como escreveu Santo Agostinho, «a prudência é o amor que sabe discernir o útil para ir a Deus, daquilo que pode afastar d'Ele».^[4]

A prudência necessita de estar acompanhada pela fé e pela caridade para não degenerar numa das suas caricaturas. Existem, com efeito, duas falsas prudências. Por um lado, está a simples "prudência da carne" (cf. Rm 8, 6), a de quem se foca unicamente nos prazeres e nos bens sensíveis, e procura apenas o seu disfrute e posse, sem atender a outros fins mais importantes.^[5] «Chama-a de razão e utiliza-a unicamente para ser mais besta do que todas as bestas»,^[6] diz a este respeito Mefistófeles, numa famosa obra de Goethe. Por outro lado, temos a "astúcia": a habilidade para procurar os meios que permitem obter um fim perverso. Este fim não tem de ser necessariamente sensível, como se o prazer fosse algo mau por si; pode consistir, por exemplo, numa procura egoísta da própria segurança, sem ter em conta as necessidades dos outros,^[7] como sucede no caso do rico da nossa parábola.

A verdadeira prudência, afirma o Catecismo da Igreja Católica, «dispõe a razão prática para discernir, em qualquer circunstância, o nosso verdadeiro bem e para escolher os justos meios de o atingir».^[8] Esse verdadeiro bem não se limita ao da sensibilidade, mas abarca a pessoa na sua integridade; é o bem que surge da verdade das próprias coisas, e não apenas dos meus desejos. Consiste em dar a cada um o que é seu, em perseverar no caminho que nos fará mais felizes – a santidade, o amor, a fidelidade – apesar das dificuldades que encontraremos; é o gozo dos prazeres sensíveis em harmonia com a verdade do nosso ser.

Esta definição da prudência fala de um discernimento e de uma escolha. Para o primeiro – «discernir o verdadeiro bem» – precisamos de afinar a nossa vontade e o nosso coração, de maneira que amem e desejem o bem verdadeiro. Consegue-se isto com as outras virtudes, especialmente com a justiça, mas também com a fortaleza e a temperança. As virtudes morais, com efeito, indicam o bem para a prudência: só com elas pode orientar-se para os fins bons e «escolher os justos meios» para os realizar. Mas, ao mesmo tempo, na definição de qualquer ato virtuoso entra a prudência como *medida*, porque é ela que conecta a ação com a realidade e decide, aqui e agora, o meio termo, o melhor, entre dois extremos viciosos. Ou seja, a prudência é simultaneamente um requisito para o crescimento das demais virtudes morais e um resultado delas. É como um *círculo virtuoso*. E por isso são tão importantes a educação e o ambiente no qual vivemos: aí aprendemos a amar e a saborear o verdadeiro bem, não por meio de raciocínios, mas através da identificação com quem amamos.

Deliberação: parar para pensar

Ao estudar com profundidade a prudência, S. Tomás de Aquino distingue nela três etapas: deliberação, decisão e império. Os dois primeiros dão-se unicamente na nossa razão; o terceiro, pelo contrário, leva-nos à ação.^[9] Estes três atos podem identificar-se claramente noutro relato de Jesus: a parábola das virgens insensatas e prudentes, onde o Senhor

compara o Reino dos céus com uma parte da celebração das bodas judias (cf. Mt 25, 1-13).

A cerimónia que aparece na parábola consistia em conduzir a noiva, com certas formalidades, até à casa do noivo. Ao final do dia, normalmente ao entardecer de uma quarta-feira, os convidados entretinham-se na casa da mulher. O noivo chegava um pouco antes da meia-noite, com os seus amigos mais próximos, para se encontrar com a esposa. Iluminado pelas chamas das candeias, era recebido pelos convidados. Era costume que, também ali, dez mulheres esperassem o noivo com candeias suspensas por bastões, lembrando as solenidades judias. Sobre as dez virgens diz Jesus que «tomaram as suas candeias» e «saíram ao encontro do noivo». Toda a comitiva tinha então de se deslocar, acompanhada pela luz destas candeias, até à casa paterna do noivo, onde teriam lugar as bodas.

No entanto, nem todas estavam preparadas para intervir. Na realidade, «cinco delas eram insensatas e cinco prudentes. As insensatas, ao tomarem as suas candeias, não levaram azeite consigo; enquanto as prudentes, com as suas candeias, levaram azeite nas almotolias». Estas últimas foram previdentes: lembraram-se que nestes casos o noivo não chegava senão perto da meia-noite; calcularam que as suas candeias não durariam tanto tempo acesas (deliberação); optaram por levar almotolias com azeite de reserva, apesar do incómodo de as transportar (decisão); e finalmente assim o fizeram (império). Ao contrário, as insensatas, apesar de talvez terem ouvido como as prudentes comentavam o problema, e inclusive viram-nos ir buscar as almotolias, não quiseram complicar-se a vida; deixaram-se levar pela precipitação e as pressas para chegar quanto antes à casa da noiva; ficaram atraídas pelos jogos e risos e não pensaram em muito mais. Parece que as virgens insensatas da parábola foram imprudentes talvez sobretudo por falta de deliberação, deixaram-se levar por um certo atordoamento.

No final, sucedeu aquilo que era previsível: «Como o noivo demorava, começaram a dormir e adormeceram. A meio da noite, ouviu-se um brado: “Aí vem o noivo, ide ao seu encontro!” Todas aquelas virgens despertaram, então, e aprontaram as candeias. As insensatas disseram às prudentes: “Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas candeias estão a apagar-se.” Mas as prudentes responderam: “Não, talvez não chegue para nós e para vós. Ide, antes, aos vendedores e comprai-o.”

Mas, enquanto foram comprá-lo, chegou o noivo; as que estavam prontas entraram com ele para a sala de núpcias, e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as outras virgens e disseram: “Senhor, senhor, abre-nos a porta!” Mas ele respondeu: “Em verdade vos digo: Não vos conheço”».

Podemos perguntar-nos: porque é que Jesus chama prudentes a umas e insensatas a outras? A parábola permitiria responder atendendo às três etapas da ação prudente, mas ressalta nela de maneira especial a primeira: a deliberação. Para atuar bem é preciso parar para pensar na situação, com uma escuta atenta e fiel ao sentido das coisas; trazer à memória casos semelhantes, para retirar experiência; deixar-se aconselhar pelos outros – pelos prudentes –, porque, como também diz S. Tomás, «nas coisas que dizem respeito à prudência não há ninguém que se baste sempre a si próprio».^[10] E, por último, é preciso estar atento às circunstâncias variáveis, que podem aconselhar a adaptar o plano e a tomar uma nova decisão para conseguir o bem pretendido. Trata-se, finalmente, de conhecer a realidade, pressuposto indispensável para realizar o bem. Não basta a "boa intenção" ou a "boa vontade": é necessário andar na verdade, porque só «a verdade vos tornará livres» (cf. Jo 8, 32).

S. Josemaria animava a estudar detalhadamente os assuntos antes de tomar uma decisão, escutando todas as partes implicadas e evitando a precipitação: «O urgente pode esperar – dizia – e o muito urgente deve esperar».^[11] Insistia na necessidade de pedir conselho ao Espírito Santo na oração, porque «a verdadeira prudência é a que permanece atenta às

insinuações de Deus».^[12] Também sugeria recorrer a outras pessoas que nos possam ajudar, como um diretor espiritual ou quem partilhe conosco a responsabilidade de uma decisão. Neste processo de deliberação, a humildade é fundamental para nos podermos abrir à verdade, para nos aproximarmos o melhor possível da realidade das coisas.

Decisão: escolher o caminho

Para ilustrar a decisão, segundo momento da prudência, é esclarecedor o relato de S. Marcos sobre as primeiras horas da manhã do domingo de Ressurreição. Maria Madalena e as outras mulheres tinham comprado perfumes para embalsamar o corpo de Jesus e tinham-se posto a caminho muito cedo, enquanto diziam umas às outras: «Quem nos irá tirar a pedra da entrada do sepulcro?» (cf. Mc 16, 3). Apesar de não terem conseguido solucionar todos os problemas que iriam enfrentar, o amor a Jesus move estas mulheres a tomar a decisão correta, prudente: decidem atuar com os dados que têm. «Era uma pedra enorme», comenta S. Josemaria. «Assim sucede normalmente. Surgem as dificuldades, mas, se está presente o amor, não se repara nesses obstáculos: há audácia, decisão, valentia: o que se tem de fazer, faz-se! Quem tirará aquela pedra? Sozinhas não conseguiriam; e, no entanto, não param e vão para o sepulcro. Meu filho, como estamos de hesitações? Temos esta decisão santa, ou temos de confessar que sentimos vergonha ao contemplar a decisão, a ousadia, a audácia destas mulheres? Quando chegaram ao sepulcro, “viram que a pedra tinha sido rolada para o lado” (cf. Mc 16, 4). Isto sucede sempre. Quando decidimos pôr em prática aquilo que temos de fazer, as dificuldades superam-se facilmente».^[13]

A deliberação, aquele primeiro ato da prudência, não pode continuar indefinidamente. Em algum momento temos de a dar por terminada e decidir. Porque a indecisão é outra forma de imprudência, que torna estéril a deliberação prévia: de nada serve discernir qual é a linha de atuação mais virtuosa, se depois não me decido por ela, seja porque não me apetece, porque não tenho interesse, pelo «que dirão», por medo de errar ou por

qualquer outra razão. De nada serve saber o que é o melhor, se não me decido a fazê-lo. «Amanhã! Algumas vezes, é prudência; muitas vezes, é o advérbio dos vencidos».^[14] dizia também S. Josemaria. A pessoa prudente não espera a certeza onde não a pode haver; pelo contrário, «prefere não acertar vinte vezes a deixar-se ficar num cómodo abstencionismo».^[15] Não decidir é muitas vezes uma imprudência, porque então outros, ou simplesmente o tempo, decidirão por nós, talvez com menos critério para acertar. A pessoa prudente não quer ter tudo absolutamente controlado: reconhece a própria limitação e confia em Deus, porque isso é o mais real.

O exemplo de Jesus é eloquente. No Evangelho mostra-Se-nos como alguém que conhece a realidade, o Seu destino, o Seu bem verdadeiro: espera prudentemente a chegada da Sua "hora". Por exemplo, em Caná diz à Sua mãe: «ainda não chegou a minha hora» (cf. Jo 2, 4). Depois, em duas ocasiões, S. João conta-nos como Ele abre caminho entre a multidão «porque a sua hora ainda não tinha chegado» (cf. Jo 7, 30; 8, 20). Num certo momento, inclusive, vemos que não coincidem os seus desejos com os seus sentimentos (cf. Mt 26, 39), mas apesar de tudo escolhe o bem. Aquele «Levantai-vos, vamos!» (cf. Mt 26, 46), antes da sua prisão em Getsémani, é uma escolha prudente, heroicamente prudente.

Império: passar à ação

No final do Sermão da Montanha, Jesus faz algumas advertências, entre as quais se encontra esta imagem sobre a pessoa prudente: «Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha (...). Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia. Pelo contrário, o que ouve as minhas palavras e não as põe em prática e como um homem néscio que edificou a sua casa sobre areia» (cf. Mt 7, 24-26). A distinção entre o prudente e o insensato encontra-se aqui na execução do aprendido. Porque não basta deliberar e decidir: é necessário passar à ação. Nisto consiste o

terceiro e último momento da verdadeira prudência, o império ou execução, que S. Tomás considera ser o mais importante, porque de nada vale conhecer o caminho se não se percorre.^[16] Pode-se ser imprudente não apenas por precipitação ou por indecisão, mas também — é mais frequente do que parece — por deter-se perante os obstáculos ou por negligência ao omitir aquilo que se deve fazer, muitas vezes por algo tão simples como o simples esquecimento.

«Pensar devagar e agir rápido»: assim aconselhava uma vez S. Josemaria ao Beato Álvaro del Portillo.^[17] Com esta máxima queria, por um lado, preveni-lo os erros que decorrem da precipitação, mas também o adverti-lo da imprudência de adiar sem necessidade a decisão e a sua execução. A audácia não é imprudência. Aliás, se é verdadeira audácia, é verdadeira prudência. «– O que é preciso fazer, faz-se... Sem hesitar... Sem contemplações... Sem isso, nem Cisneros teria sido Cisneros; nem Teresa de Ahumada, Santa Teresa...; nem Iñigo de Loyola, Santo Inácio... Deus e audácia!». ^[18]

Os atrasos desnecessários na execução da decisão podem, além disso, prejudicar os outros: em particular se se tiver uma tarefa de formação ou de governo, como os pais em relação aos filhos, ou os chefes em relação aos subordinados. Requer-se fortaleza para superar os medos, a tentação de fazer aquilo que é mais cómodo ou o apego excessivo à própria imagem. Explica-o muito bem uma carta na qual Santa Catarina de Sena instava o Papa Gregório XI a combater os abusos de alguns eclesiásticos: «Este tipo de indulgência, que nasce do amor próprio e do amor aos familiares, aos amigos e à paz terrena, é, na realidade, a pior crueldade, porque quando uma ferida não se limpa com ferro candente e o bisturi do cirurgião quando é necessário, infetará e, finalmente, conduzirá à morte. Pôr unguentos pode ser agradável para o doente, mas não vai melhorar com eles». ^[19]

Naturalmente, a audácia da verdadeira prudência não está em conflito com a procura do melhor momento para a execução daquilo que se decidiu,

tendo sempre em conta a caridade, o bem das pessoas. Às vezes há que saber esperar com paciência. Outras vezes não será conveniente esperar, porque as consequências de o fazer seriam piores, porque a oportunidade não voltará a repetir-se, ou por outros motivos. A pessoa prudente é aquela que, aqui e agora, «aprecia rapidamente se determinada ação concreta é o caminho que realmente conduz à obtenção do fim proposto».^[20] Mas, em todo o caso, só a execução da decisão, depois da prudente deliberação, realizará em nós aquele profundo desejo de Jesus (cf. Mt 5, 16): «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu».

José Brage



NOTAS

- [1] Joseph Ratzinger, *Mirar a Cristo*, Edicep, Valencia, 2005, pp. 20-22.
- [2] J. Pieper, *Las virtudes fundamentales*, Rialp, Madrid, 1976, p. 16.
- [3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 85.
- [4] Sto. Agostinho, *De moribus Ecclesiae*, I, 15, 25.
- [5] S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 13, res.
- [6] J. W. Goethe, *Fausto*, *Prólogo no céu*.
- [7] S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 8, ad. 3.
- [8] Catecismo da Igreja Católica, n. 1806.

- [9] S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 8, res.
- [10] J. Pieper, *Las virtudes fundamentales*, p. 49.
- [11] Javier Echevarría, *Memoria del Beato Josemaría*, Rialp, Madrid, 2000, p. 165.
- [12] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 87.
- [13] S. Josemaria, Apontamentos tomados durante uma meditação, 29-III-1959.
- [14] S. Josemaria, *Caminho*, n. 251.
- [15] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 88.
- [16] Cf. S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 8, res.
- [17] S. Josemaria, Carta a Álvaro del Portillo, 28-II-1949, citada em Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, tomo III, Verbo, Lisboa, 2003
- [18] S. Josemaria, *Caminho*, n. 11.
- [19] S. Undset, *Santa Catalina de Siena*, Encuentro, Madrid, 1999, p. 172.
- [20] J. Pieper, *As virtudes fundamentais*.

7. O nosso trabalho, levedura de Deus

Neste sétimo artigo descobriremos algumas virtudes do trabalho que se escondem numa imagem que Jesus usou: a daquela mulher que faz pão para muitas pessoas. O desafio é transformar as nossas tarefas diárias em amor para quem nos rodeia.

O trabalho, com os seus objetos e as suas rotinas, era talvez a realidade que melhor conheciam aqueles que escutavam Jesus. Por isso, na Sua pregação aparece com tanta frequência e de tantas perspetivas diferentes. Está no semeador que lança a semente ao campo, no negociante que procura pérolas finas, no pescador que lança a rede ao mar... Um dia, para explicar algo tão importante como o modo como Deus atua no mundo, Jesus fixa-se numa das tarefas mais ancestrais: a de fazer pão. «A que posso comparar o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que certa mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até ficar levedada toda a massa» (cf. Lc 13, 20). Assim se desenvolve o Reino de Deus na história: ao nosso lado, ao compasso do nosso trabalho quotidiano, fermento que se incorpora no trabalho de Deus e que transforma o mundo desde dentro. Como dirá Jesus noutra ocasião, «o meu Pai continua a realizar obras até agora, e Eu também continuo!» (cf. Jo 5, 17).

Com esta figura da mulher que fermenta a farinha, o Senhor reveste de uma imensa dignidade uma tarefa que, de tão normal, pareceria quase fora de lugar. Aqueles que escutavam o Senhor talvez imaginassem que, para descrever algo tão transcendental como o desenvolvimento do Reino de Deus, teria sido mais adequado pensar no trabalho de um nobre da época, ou nas tarefas daqueles que se encarregavam mais diretamente das coisas religiosas. Mas o próprio Jesus, sendo o Filho do Altíssimo, tinha exercido um trabalho manual, simples. Deste modo, em vez de se referir a um cargo de influência política, de eficácia económica ou de prestígio social, pensou no trabalho dessas pessoas discretas que acordam cedo, antes das outras,

para que possa chegar a tempo esse pão da primeira refeição, que normalmente só dura umas horas no seu melhor estado.

Três medidas de farinha

Ao descrever a cena desta mulher que trabalha a massa, Jesus menciona um detalhe muito sugestivo: a quantidade de farinha. No mundo judaico da época, três "medidas" de farinha equivaliam aproximadamente a vinte e dois litros de massa, com o qual se podia produzir pão para dar de comer a uma centena de pessoas. Essa quantidade de farinha indica-nos que a mulher não está a trabalhar apenas para a sua própria família, por mais numerosa que fosse. O seu trabalho parece dirigir-se mais para uma necessidade da comunidade. Não é difícil, como tal, imaginá-la em pleno trabalho, colocando o coração naqueles que iriam desfrutar de todo esse pão. Porque é assim que sucede em todo o trabalho: a nossa tarefa põe-nos em relação com os outros, coloca-nos num lugar onde contribuímos para o bem dos outros. De facto, «as alegrias mais intensas da vida surgem, quando se pode provocar a felicidade dos outros, numa antecipação do Céu. Vem a propósito recordar a cena feliz do filme *A festa de Babette*, quando a generosa cozinheira recebe um abraço agradecido e este elogio: “Como deliciarás os anjos!”. É doce e consoladora a alegria de fazer as delícias dos outros».^[1]

Tanto pão para tanta gente representaria um tempo e um esforço consideráveis. Mas esta mulher aceita o desafio e persevera no seu trabalho «até ficar levedada toda a massa» (cf. Lc 13, 20). Acabar a tarefa iniciada, e terminá-la bem, requer fortaleza, concentração, perseverança, pontualidade... Conseguir trabalhar como esta mulher requer vencer a preguiça, que é normalmente «o primeiro obstáculo contra o qual temos de lutar».^[2] Nesse sentido, sabemos que S. Paulo não pensou duas vezes em corrigir a ociosidade que se tinha infiltrado entre os primeiros cristãos de Tessalónica. Alguns deles pensavam que a segunda vinda do Senhor era iminente, e diziam entre si que trabalhar já não fazia muito sentido; viviam,

como tal, «sem fazer nada, só ocupados em bisbilhotar tudo». No entanto, S. Paulo diz-lhes: «Se alguém não quer trabalhar também não coma» (cf. 2 Ts 3, 10-11).

O Padre falou-nos das potencialidades que tem o trabalho, também daquele que nos custa um pouco mais, quando encontramos nele um lugar de amor e de liberdade: «Podemos cumprir com alegria também os deveres que nos são desagradáveis. Como nos diz S. Josemaria, “não é lícito pensar que só é possível fazer com alegria o trabalho que nos agrada”. Podemos fazer com alegria—e não de má vontade— o que custa, o que não agrada, se o fazemos por e com amor e, portanto, livremente.»^[3] Isto aplica-se inclusive às dificuldades relacionadas com a própria situação laboral, como podem ser um momento de desemprego ou de doença, a perda de energias com o passar dos anos, tensões ou incertezas no próprio setor, etc.

S. Josemaria, consciente de como são comuns esse tipo de situações na vida, dizia com realismo que «a doença e a velhice quando chegam, transformam-se em trabalho profissional. E assim não se interrompe a procura da santidade, segundo o espírito da Obra, que se apoia, como a porta na dobradiça, no trabalho profissional».^[4]

Quando o amor está presente

São muitas as razões que nos podem levar a perseverar numa tarefa honesta: a responsabilidade por sustentar aqueles que dependem de nós, o desejo de servir os outros, a alegria de criar algo novo, etc. No entanto, também as boas intenções podem adotar progressivamente formas de amor próprio, como a ânsia de reconhecimento, ou os desejos de se exhibir e fingir perante os outros. Outras vezes pode assediar-nos a tentação de trabalhar demasiado: um desvio subtil, que costuma disfarçar-se de virtude. O perfeccionismo e o efficientismo – o *workaholism* – encontram-se neste tipo de desordem. Aquilo que no início era um empenho em fazer as coisas bem, e de maneira eficaz, pode transformar-se naquilo que S. Josemaria chamava "profissionalite":^[5] uma dedicação excessiva ao trabalho, que elimina quase

todo o tempo para o restante. «O vosso trabalho —escrevia numa ocasião— tem de ser responsável, perfeito, na medida em que a tarefa humana possa ser perfeita: com amor de Deus, mas tendo em conta que o melhor costuma ser inimigo do bom. Fazei as coisas bem, sem manias nem obsessões, mas terminando-as, colocando sempre a última pedra e cuidando os detalhes».^[6]

O problema da "profissionalite" não reside tanto na maneira como se trabalha, mas no peso que se dá ao trabalho no horizonte da vida. É muito bom também para a saúde mental e corporal, não perder de vista que o trabalho se ordena para uma missão maior, e que só essa missão dá sentido à existência de um filho ou uma filha de Deus. A prudência ajudar-nos-á a integrar o nosso trabalho, aqui e agora, num horizonte que vai muito para além do próprio trabalho. Um horizonte que está feito não de objetivos, nem de prazos, mas sim de pessoas: a começar por Deus, que conta com esses momentos em que cuidamos especialmente da nossa relação com Ele, e a continuar – também estando aí o Senhor à nossa espera – por aqueles que nos rodeiam, que necessitam do nosso tempo, do nosso afeto, da nossa atenção.

A imagem da mulher que amassa o pão coloca-nos diante dos olhos a melhor razão para trabalhar. Ela transforma o seu trabalho num dom, numa bênção: além de pão, a mulher dá amor, porque quando damos um presente a alguém «o primeiro que lhe damos é o amor com o qual lhe desejamos o bem».^[7] A mulher não se limita a dar ao próximo o que lhe corresponde; porque, quando o amor está presente, é a própria pessoa que *se dá*. Por isto dizia S. Josemaria que não nos podemos limitar «a fazer coisas, a construir objetos. O trabalho nasce do amor, manifesta o amor e ordena-se ao amor».^[8] Quando alguém trabalha deste modo por nós, conduz-nos ao amor, porque nos faz entrar na lógica do dom: um amor gera outro, como um sorriso gera outro, transformando um a um os corações. O amor desta mulher, expressão do amor de Deus, é a levedura viva que transforma, como um dom seu, aqueles que recebem o pão que fez com as suas mãos.

O mundo inteiro é altar para nós

A referência às três medidas de farinha tem ainda outro significado, que se entende a partir das suas origens bíblicas: trata-se da mesma medida que oferecem Abraão e Sara para honrar os três homens misteriosos que os visitam em Mambré (cf. Gn 18, 6), e também é a medida que usa Gedeão para oferecer um sacrifício que o Senhor consome com o fogo de um anjo (cf. Jz 6, 19-21). Talvez para algum dos judeus que escutavam Jesus a simples menção das medidas de farinha evocaria estas ações sagradas (apesar de os sacrifícios serem habitualmente feitos sem levedura). Com esta referência, o Senhor parece querer recordar-nos que o trabalho desta mulher é uma oferta a Deus, como pode ser o nosso quando o unimos à Santa Missa. Convertamos assim o humano, as nossas horas de trabalho, em algo santo. E assim se realiza aquilo tão belo que «o mundo inteiro (...) é altar para nós».^[9]

S Josemaria animava-nos a fazer da Eucaristia «o centro da vida interior, de tal forma que saibamos estar com Cristo, fazendo-Lhe companhia durante o dia, bem unidos ao seu sacrifício: todo o nosso trabalho tem esse sentido. E isto levar-nos-á durante o dia a dizer ao Senhor que nos oferecemos por Ele, com Ele e n'Ele a Deus Pai, unindo-nos a todas as suas intenções, em nome de todas as criaturas. Se vivermos assim, todo o nosso dia será uma Missa».^[10]

A imagem desta mulher com as mãos na farinha remontava seguramente à infância de Jesus. Quem sabe? Talvez se tratasse da sua mãe, Santa Maria, que tantas vezes preparou o pão. Imaginamo-La concentrada no seu trabalho, fazendo da sua parte o necessário para que o processo natural da levedura acontecesse. Como sucede no nosso trabalho: quando o fazemos diante de Deus, deixamos que Ele se sirva dos nossos esforços para estender o Seu reino, com a Sua levedura divina. Assim o manifestou S. Josemaria: «Contemplo já, através dos tempos, até ao último dos meus

filhos (...) atuar profissionalmente, com sabedoria de artista, com felicidade de poeta, com segurança de mestre e com um pudor mais persuasivo do que a eloquência, procurando – ao procurar a perfeição cristã na sua profissão e no seu estado no mundo – o bem de toda a humanidade».^[11]

Javier del Castillo



NOTAS

[1] Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 129.

[2] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 10.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 9-I-2018, n. 6.

[4] S. Josemaria, Apontamentos da pregação, citado em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. III, p. 165.

[5] Cf. S. Josemaria, *Sulco*, n. 502.

[6] S. Josemaria, *Cartas 36*, n. 38; citado em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, vol. III, pp. 189-190.

[7] S. Tomás de Aquino, *Suma teológica*, I, q. 38, a. 2, resp.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 4.

[9] S. Josemaria, apontamentos tomados de uma meditação, 19-III-1968. Citado em Javier Echevarría, *Vivir la Santa Misa*, Rialp, Madrid 2010, p. 17

(a edição portuguesa Viver a Missa foi publicada pela Principia, na chancela Lucerna em 2012).

[10] S. Josemaria, apontamentos da pregação, 27-V-1962.

[11] S. Josemaria, Cartas 3, n. 4.

8. A batalha da nossa formação

Neste oitavo artigo refletimos sobre algumas atitudes e conselhos que nos preparam melhor para ser semente fértil no nosso lugar no mundo.

Apesar do seu momento de esplendor ser já coisa do passado, Atenas continuava a ser uma referência cultural nos tempos de S. Paulo. Diz-nos S. Lucas dos seus habitantes, mentes inquietas, que «não passavam o tempo noutra coisa, senão a dizer ou a escutar as últimas novidades» (cf. At 17, 21). Deste modo é surpreendente a sua recusa cética ao anúncio da única novidade que merece esse nome: a da morte e ressurreição de Cristo, que nos salva do pecado (cf. At 17, 32). S. Paulo deve ter ficado profundamente marcado por este *fracasso* no próprio coração da cultura clássica. De facto, isso levou-o a refletir profundamente, guiado pelo Espírito Santo, sobre o conteúdo da novidade cristã: porque é que os atenienses não tinham sido interpelados por aquilo que tinha mudado a vida ao apóstolo das gentes?

Velhas novidades e novidade autêntica

Nas suas cartas aos cristãos de Corinto, a quem se dirigiu imediatamente após os atenienses, recolhe-se o fruto desse processo de pensamento. S. Paulo apresenta dois grandes fundamentos para poder acolher a sua mensagem: por um lado, está o mistério da cruz de Cristo, difícil de assimilar apenas com a lógica humana (cf. 1 Cor 1, 20-25); por outro, estão também as suas implicações concretas na vida diária: a cruz comporta um novo modo de estar no mundo (cf. 1 Cor 5, 7-8). Só a partir deste duplo acolhimento de Jesus crucificado na nossa existência se pode falar de novidade em sentido próprio. «Se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas» (2 Cor 5, 17).

Com esta mesma novidade entronca a luz que S. Josemaria recebeu no dia 2 de outubro de 1928: a sua visão dos cristãos como «portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas, do único fulgor no qual nunca poderá haver escuridões, penumbras nem sombras.»^[1] A autêntica novidade cristã, a nossa vida *em* Jesus, permitia-lhe dar-se conta de que algumas das chamadas *novidades* que agitavam nesse momento a vida da sociedade e da Igreja não eram na realidade mais do que «voltairianismos de cabeleira empoada ou liberalismos desacreditados do século XIX».^[2] Continuarão sempre a aparecer e a desaparecer; sempre haverá, em contraste com a mensagem cristã, outras *novidades* que são apenas um renascimento «dos erros que aconteceram ao longo de séculos»,^[3] ou seja, algo profundamente antigo.

Uma boa parte da nossa missão de cristãos correntes consiste em levar a autêntica novidade de Cristo a todos os âmbitos da nossa vida, sem nos deixarmos seduzir por aquilo que no fundo não é mais do que aparência de novo. Para isso é imprescindível acolhê-la primeiro na nossa vida, deixá-la crescer com paciência e empenho, para que vá formando a nossa mentalidade e as nossas atitudes. Só assim contribuiremos para que «muitos não permaneçam em trevas, mas que andem por sendas que levem até à vida eterna».^[4]

O mais importante é o sementeiro

Várias das parábolas de Jesus sobre o Reino de Deus manifestam que a sua presença entre nós é um dom gratuito. Por exemplo, na parábola do sementeiro (cf. Mt 13, 3), o ponto de partida é a intervenção de *alguém* que lança a semente. Sem essa ação prévia é evidente que não pode haver fruto. Por isso, estamos na parte mais importante da narração; que o terreno seja bom, médio ou mau, também é importante, mas, secundário.

A fé faz-nos descobrir que somos filhos de Deus: herdeiros do mundo (cf. Sl 2, 8), chamados a colaborar com o nosso Pai para que toda a criação chegue a ser o presente que Ele sonhou para nós (cf. Rm 8, 20-23).

Animados pela mesma fé que apoiava a missão dos primeiros cristãos, procuramos descobrir como todos os caminhos da terra podem conduzir a Deus. Estamos convencidos de que «o mundo não é mau, porque saiu das mãos de Deus, porque é criatura Sua, porque Javé olhou para ele e viu que era bom».^[5]

Sabendo-nos filhos e herdeiros – em suma: apóstolos – convertemo-nos nessa semente lançada aos quatro ventos. Entusiasma-nos, sobretudo, saber que Deus se empenha em lançar uma e outra vez a semente para enriquecer um mundo com profundos desejos de frutificar. Assim «podemos compreender toda a maravilha da chamada divina. A mão de Cristo colheu-nos num trigal: o semeador aperta na sua mão chagada o punhado de trigo; o sangue de Cristo banha a semente, empapa-a. Depois, o Senhor lança ao ar esse trigo, para que, morrendo, seja vida e, afundando-se na terra, seja capaz de se multiplicar em espigas de ouro».^[6]

Trabalhar a terra, melhorar a semente

No entanto, não basta lançar a semente: é também necessário que esta tenha a força e a *inteligência* para criar raízes. Além disso, a terra pode ser adubada; podemos trabalhá-la e dispor dela da melhor maneira (cf. Lc 13, 6-9).

Se queremos que o fruto seja tão fecundo que, tal como já diz Jesus, inclusive as aves do céu se venham abrigar nos ramos da árvore na qual se converterá aquele primeiro gesto (cf. Mt 13, 31-32), parte essencial do nosso modo de colaborar será preparar, na medida das nossas possibilidades, uma boa semente. Para isso, precisamos em primeiro lugar, de nos convenceremos de que a fé que queremos viver e partilhar não é algo irracional nem arbitrário, mas que tem uma relação íntima com a verdade; necessitamos de ter a experiência vital de que a fé não é simplesmente «um sentimento bom, que consola e afaga, mas permanece sujeito às nossas mudanças de ânimo, à variação dos tempos».^[7] O Papa Francisco recordou-nos: «O homem precisa de conhecimento, precisa de verdade, porque sem

ela não se mantém de pé, não caminha. Sem verdade, a fé não salva, não torna seguros os nossos passos».^[8]

A sede de verdade permite-nos acolher a fé na nossa inteligência, descobrir o seu carácter razoável. A nossa inteligência abre-se assim a horizontes muito mais amplos; a realidade torna-se por sua vez mais compreensível e profunda. É lógico que assim seja: se o cristão quer ser semeador da novidade de Cristo, não pode renunciar a refletir sobre a sua fé nem a relacioná-la com todos os âmbitos da sua vida, incluindo o seu trabalho profissional. Este exercício de pensar as coisas à luz da fé que não é simplesmente recorrer a umas respostas prefabricadas, irá converter-se pouco a pouco num autêntico hábito bom, uma virtude: talvez uma das mais importantes. Só à luz desta inteligência da fé se poderá detetar «a luz divina que reverbera nas realidades mais vulgares».^[9]

Para que esta abertura à verdade torne a nossa fé o mais fecunda possível, é imprescindível a humildade perante a realidade, a docilidade ao Espírito Santo que nos fala através dos sucessos quotidianos e das pessoas que nos rodeiam (cf. Jo 14, 26); em conclusão, através da história. Ainda que talvez possa parecer que, no nosso empenho em levar a luz de Cristo ao mundo, o mais importante seria uma atitude de segurança e de poder, na realidade, a força só pode vir de Deus. Neste sentido, «a humildade é submissão criativa à força da verdade e do amor. A humildade é rejeição das aparências e da superficialidade; é a expressão da profundidade do espírito humano; é condição da sua grandeza».^[10]

A "batalha" de S. Josemaria

Compreende-se assim o esforço de S. Josemaria para que, desde o princípio, o Opus Dei proporcionasse uma profunda formação filosófica e teológica que incidisse por sua vez no âmbito profissional de cada um. Na sua procura por dar com a maneira adequada de tornar isto possível, falava de uma autêntica "batalha".^[11] Esta linguagem bélica reforça o carácter árduo da tarefa da própria formação e, portanto, a necessidade de se

empenhar nela sempre de acordo com as circunstâncias pessoais de cada um. S. Tomás de Aquino falava da virtude da "estudiosidade", que implica «um particular esforço na procura do conhecimento das coisas».^[12] ou seja, a atitude permanente de cultivar uma sã curiosidade por conhecer a fundo o nosso mundo e vencer os obstáculos que nos impedem de levar a cabo esse esforço. Em todo o caso, o importante será não perder de vista a grandeza do objetivo que nos serve de impulso: fazer própria a mensagem de Cristo para a poder semear na realidade que nos rodeia.

A linguagem bélica permite também considerar a importância da estratégia. Como conseguir um objetivo tão elevado quando nos falta o tempo e a serenidade para enfrentar com rigor as grandes questões? Para alguns, a estratégia pode consistir em aproveitar bem os meios de formação em que já participam, cultivando as disposições necessárias para retirar delas mais partido. Para outros, passará por aplicar o conselho da literatura clássica que utilizava S. Josemaria: *non multa sed multum* ^[13] – não se empenhar em muitas coisas, mas sim muito numa só ou em poucas –, talvez pedindo conselho de um plano de leituras adaptado e progressivo. Outros, por seu lado, saberão aproveitar, com a ordem necessária em qualquer atividade intelectual, os recursos ilimitados que a internet hoje oferece. A imagem da luva que se adapta à mão com a qual o fundador do Opus Dei falava do plano de vida, também serve para nos alegrarmos com o nosso próprio plano de formação, para crescermos no conhecimento da nossa fé.

Dois conselhos para adquirir um olhar abrangente

Se a luz da fé permite compreender o mundo no seu sentido mais profundo, o cristão deve ser protagonista e nunca mero espectador dos grandes debates culturais e intelectuais presentes na sociedade. Como nada do que é humano lhe é estranho, cultiva um carácter inquieto e saudavelmente inconformista desde a sua juventude, sem medo de «contribuir, com iniciativa e espontaneidade, para melhorar o mundo e a

cultura do nosso tempo, de modo que se abram aos planos de Deus para a humanidade». ^[14]

Para a realização desta tarefa, S. Josemaria deixou-nos dois conselhos. O primeiro refere-se a ter um olhar abrangente, que não se contenta com objetivos pequenos: «Para ti, que desejas adquirir uma mentalidade católica, universal, transcrevo algumas características: amplidão de horizontes e aprofundamento enérgico do que é perenemente vivo na ortodoxia católica; esforço reto e sã (frivolidade, nunca!) por renovar as doutrinas típicas do pensamento tradicional, na filosofia e na interpretação da História; cuidadosa atenção às orientações da ciência e do pensamento contemporâneos; e uma atitude positiva e aberta para com a transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida». ^[15]

Trata-se de um programa amplíssimo sobre o qual valeria a pena deter-se com calma. A «vontade» de compreender que requer leitura e estudo faz com que saibamos estar inseridos numa tradição que nos precede e que nos permite ver mais além do presente: «somos como anões aos ombros de gigantes. Podemos ver mais e mais além do que eles, não por alguma diferença física pessoal, mas porque somos elevados pela sua grande altura.» ^[16] Com essa bagagem, podemos enfrentar de modo positivo as novas conquistas e interrogações do nosso tempo e aprendemos a discernir com espírito construtivo e com a ajuda de outros aquilo que se pode considerar como verdadeiro progresso. Deste modo vamos formando uma visão pessoal e fundamentada dos grandes temas; vamos cultivando uma verdadeira mentalidade universal, *católica*.

Perante este repto de abrir tudo o que é humano aos planos de Deus, Bento XVI atribuiu muita importância às «minorias criativas»; são normalmente elas «que determinam o futuro». Por isso, concretamente, «a Igreja católica deve compreender-se como minoria criativa que tem uma herança de valores que não são algo do passado, mas sim uma realidade

muito viva e atual. A Igreja deve atualizar, estar presente no debate público, na nossa luta por um autêntico conceito de liberdade e de paz».^[17]

Encontrar pessoas capazes de sintonizar com esta paixão pela formação e pela análise profunda de toda a realidade e depois caminhar com elas para juntos criarmos iniciativas de todo o tipo é uma das experiências mais fecundas da vocação de cristãos no meio do mundo. A história dos primeiros fiéis da Obra é uma confirmação muito próxima de nós desta fecundidade.^[18] Nesta tarefa, cada pessoa deve situar-se no grande terreno de jogo do mundo, e encontrar, a partir das circunstâncias que definem a sua vida, o seu próprio modo de colaborar.

O segundo conselho de S. Josemaria refere-se ao uso do plural. A luz da fé permite, quase sempre, encontrar mais de uma solução, mais do que um caminho. Atuações, modos de pensar e soluções diversas podem ser legitimamente inspiradas por uma mesma fé e, portanto, devem ser respeitadas.^[19] Por isso, a fé leva-nos a cultivar a nossa capacidade de escuta, de colaboração e de diálogo, com uma sã vontade de aprender e de nos enriquecermos com outros pontos de vista.

* * *

A Sagrada Escritura diz-nos que «Maria conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (cf. Lc 2, 19): tudo o que sucedia à sua volta e, em especial aquilo que tinha que ver com o Seu filho, ressoava no seu mundo interior. Considerar uma e outra vez a beleza da nossa fé e a grandeza da nossa missão inflamará também o nosso coração em desejos de nos formarmos cada vez melhor e de encontrar os modos concretos de o conseguir. Também nos levará a propor iniciativas e a procurar a colaboração de outras pessoas que tornem presente a perene novidade de Cristo nos novos areópagos da cultura. E ajudar-nos-á, se necessário, a evitar qualquer sentimento de «pessimismo estéril»,^[20] conscientes daquilo que com frequência dizia S. Josemaria: «O mundo espera-nos».^[21]



NOTAS

- [1] S. Josemaria, *Forja*, n. 1.
- [2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 849.
- [3] S. Josemaria, *O fim sobrenatural da Igreja*, n. 2.
- [4] S. Josemaria, *Forja*, n. 1.
- [5] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 114.
- [6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 3.
- [7] Francisco, *Lumen fidei*, n. 24.
- [8] *Ibid.*
- [9] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 119.
- [10] S. João Paulo II, *Angelus*, 4-III-1979.
- [11] Cf. M. Montero, “*La formación de las primeras mujeres del Opus Dei (1945-1950)*”, em *Studia et Documenta*, vol. 14, 2020, p. 110.
- [12] S. Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, q. 166, a. 2 ad 3.
- [13] S. Josemaria, *Caminho*, n. 333.
- [14] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.

[15] S. Josemaria, *Sulco*, n. 428.

[16] Bernardo de Chartres, citado por Juan de Salisbury, *Metalogicon*, composto em 1159.

[17] Bento XVI, Encontro com jornalistas, 26-IX-2009.

[18] Algumas referências em J. L. González Gullón, *DYA. La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madrid 2016; e em M. Montero, *Historia de ediciones Rialp*, Rialp, Madrid 2020.

[19] Cf. S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 117.

[20] Cf. Francisco, *Evangelii gaudium*, nn. 84-86.

[21] S. Josemaria, *Sulco*, n. 290.

9. O dom de ver com Deus

Algumas virtudes que preparam para ser alma contemplativa no ambiente quotidiano.

Observar com atenção e amor a realidade: nessa descrição coincidem muitos pensadores, homens de ciência ou artistas, que cultivaram a arte da contemplação. Descobrir a riqueza de verdade e de beleza que se encontra por detrás daquilo que existe, inclusive onde não suspeitávamos; despojar-nos das nossas ânsias de controlar tudo para desfrutar daquilo que temos entre mãos, especialmente do pequeno. Porque é que, apesar de se tratar simplesmente de *observar* de uma determinada maneira, às vezes nos parece ser tão complicado? Aprender a fazê-lo alegra-nos de maneira especial porque sabemos que, se tudo o que foi criado merece a contemplação dos homens, muito mais merece o seu Criador, em cuja infinita beleza se refletem todas as maravilhas conhecidas.

Fomos criados por Deus para a contemplação; esta será perfeita na vida futura, quando virmos o Criador cara a cara e, n'Ele, compreendermos com clareza e desfrutemos de todas as coisas. No entanto, como recordava S. Josemaria, já estamos chamados agora, em cada instante, em cada dia, a «ver Deus em todas as coisas da terra: nas pessoas, nos sucessos, naquilo que é grande e no que parece pequeno, naquilo que nos agrada e no que se considera doloroso».^[1] Queremos converter tudo em louvor, agradecimento, reparação e petição. Não olhamos para Deus apesar da agitação diária, mas, precisamente, através dela, usando-a como trampolim para nos metermos no céu.

Então, surgirá em nós aquilo que S. Tomás de Aquino definia como uma «simples intuição da verdade que procede do amor».^[2] Trata-se de uma forma de ver a realidade que não depende da instrução recebida ou da ocupação: está ao alcance de todos, em todo o momento, porque nasce do

amor recebido de Deus que impregna o nosso olhar. Todos os santos, tão diferentes entre si, doutos e menos doutos, dedicados a tarefas tão variadas, viram crescer nas suas vidas esta proximidade com o Criador. Por isso, talvez a primeira coisa a recordar seja o que diz o Catecismo da Igreja: que a contemplação é um dom.^[3] Não é algo que possamos conseguir só com a força da nossa vontade, à custa de planificações ou estratégias. Perante os dons de Deus devemos antes de tudo, abrir-nos, dispor-nos a acolhê-los e isso exige cultivar algumas virtudes que preparam o terreno.

Valentia para abrir a porta

«Olha que Eu estou à porta e bato –diz-nos o Senhor–, se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo» (cf. Ap 3, 20). Na capela do *Keble College* da Universidade de Oxford, há um quadro intitulado «A luz do mundo», que representa esta cena do Apocalipse. Jesus aparece vestido de rei com uma lanterna que traz luz à casa, enquanto bate subtilmente à porta. No chão destacam-se as ervas daninhas que cresceram porque a porta estava há muito tempo fechada.

O Senhor, para nos oferecer uma vida contemplativa, pede-nos que abramos a porta do nosso coração diariamente, como naquela pintura de meados do século XIX. A reação de Adão e Eva, nossos primeiros pais, depois da perda da sua inocência, foi precisamente a contrária: esconder-se e empenhar-se em *fechar a porta* para evitar o olhar de Deus... E nós, seus descendentes, conservamos alguma coisa dessa tendência. Trata-se talvez de um infundado medo daquilo que nos possa pedir, medo de nos sentirmos dependentes, incerteza de perder o breve controlo sobre as nossas vidas. Ou talvez simplesmente preferirmos uma cómoda inércia que nos mantenha afastados do espiritual devido ao esforço que supõe dispor-se a receber esse dom.

«Repete-se de certa forma a cena de Belém cada dia. É possível que – não com a boca, mas com os factos – tenhamos dito: *non est locus in diversorio*, não há pousada para ti no meu coração. Ai, Senhor, perdoa-

me!».^[4] Para além de outros obstáculos que às vezes nos podem parecer mais importantes de enfrentar, como a falta de tempo, a aridez, a dispersão ou a própria indignidade, esta estranha suspeita em relação a Deus costuma ser a erva daninha que é preciso podar para abrir a porta do nosso coração e assim poder partilhar o olhar com o nosso Criador.

Humildade e desprendimento que nos tornam ligeiros

«A oração contemplativa (...) só pode ser acolhida na humildade e na pobreza».^[5] Isto implica, em primeiro lugar, a difícil tarefa de aceitar serenamente a verdade sobre nós próprios e sobre os outros. Não podemos dispor-nos a receber o dom de observar as coisas como Deus faz se continuamente colocamos máscaras, se as inventamos para os outros ou se cobrimos a realidade com uma fantasia pessoal, por melhor que esta possa parecer. A linguagem de Jesus é sempre simples e profunda, olha para as coisas tal como são, sempre com misericórdia, enquanto nós muitas vezes podemos ser um pouco complicados, superficiais ou julgar com soberba aquilo que nos rodeia.

«Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: “dá-me de beber”» (cf. Jo 4, 10), diz Jesus à samaritana. E também, noutra ocasião, pergunta ao apóstolo Filipe: «Há tanto tempo que estou convosco e ainda não me conheces?» (Jo 14, 9). A humildade leva-nos também a reconhecer que sabemos pouco do Senhor e da sua maneira de reinar no mundo. «Chegado aos cinquenta anos estou como uma criança que balbucia: estou a começar e recomeçar».^[6] dizia S. Josemaria na sua oração, pouco antes de ir para o céu. Ao evitar a nossa tendência de querer dominar tudo com a escassa luz do nosso critério, Deus poderá revelar-nos aquilo que esconde a sábios e entendidos (cf. Mt 11, 25).

Por outro lado, para sermos contemplativos, temos de usar os bens terrenos de tal modo que nos ajudem a aderir aos eternos e não o contrário. Um coração que não se apega aos bens materiais é hábil para os espirituais, é ligeiro para empreender o voo para Deus, cede o lugar aos dons da graça.

Jesus, Criador e Senhor do mundo, viveu desprendido de tudo numa aldeia humilde. Passou frio no inverno, calor no verão, dispôs de bens escassos e cuidava-os muito. Em suma, trata-se de não pôr nas coisas terrenas a perfeição que só Deus merece.

No entanto, se a pobreza facilita a contemplação, também sucede o contrário porque ambas se alimentam. «Quando contemplamos –explica o Papa Francisco–, descobrimos nos outros e na natureza algo muito maior que a sua utilidade (...). Como muitos mestres espirituais ensinaram, o céu, a terra, o mar, cada criatura possui esta capacidade icónica, esta capacidade mística de nos conduzir de volta ao Criador e à comunhão com a criação (...). Aquele que contempla desta maneira sente espanto não apenas pelo que vê, mas também porque se sente parte integral desta beleza, sentindo-se chamado a guardá-la.»^[7] Perante a lógica de agarrar tudo para si mesmo, podemos cultivar o espanto e o cuidado: essa é a lógica de Deus, que contempla amorosamente a sua criação.

Procurar essa *bendita solidão* para rezar

O fundo marinho esconde muitas maravilhas que não se veem da margem: corais, plantas, peixes, de múltiplas formas e cores; conchas, pérolas, inclusive tesouros ou peças arqueológicas de grande valor. Para aceder a isto tudo, os mergulhadores têm no seu equipamento um cinto de placas de chumbo. Longe de ser um incómodo, esse objeto dá-lhes peso debaixo de água para contrabalançar a tendência do corpo de flutuar e regressar à superfície. De igual forma, todos necessitamos de *peso interior* para nadar no mar da contemplação de Deus, longe da superfície e da distração.

S. Gregório Magno afirmava que o primeiro passo para a alma conseguir contemplar a natureza invisível de Deus é aprender a recolher-se em si mesma.^[8] Os Evangelhos mostram-nos Jesus a rezar com frequência em lugares tranquilos e afastados. Se o Filho de Deus sentia essa necessidade de estar a sós com o seu Pai, ainda mais o precisaremos nós.

Temos de perder o medo que talvez nos produza o silêncio, procurar «essa bendita solidão que tanta falta te faz para teres em andamento a vida interior».^[9]

No século XVI, um casal espanhol pediu a S. Pedro de Alcântara que os ensinasse a dialogar com Deus. Entre os seus conselhos, o místico castelhano dizia que «se o tempo da oração é breve, gasta-se todo em acalmar a imaginação e sossegar o coração; e quando já está quieto, termina-se a oração no momento em que fazia mais falta».^[10] Por isso, é sempre bom fazer as nossas práticas de piedade sem pressas, com tempo suficiente, evitando estar com «os sentidos despertos e a alma adormecida».^[11]

Uma dieta para saborear o quotidiano

A tecnologia oferece-nos um acesso rápido a uma infinidade de informação e uma rápida comunicação. Sabemos bem que esta vantagem, quando nos descuidamos, converte-se numa má companhia para o nosso diálogo com Deus. Se os sentidos se habituarem apenas a essas velocidades e estímulos, quando outra tarefa exige uma atividade distinta da mente é fácil cair na dispersão. Procuram-se, então, reforços afetivos constantes para estar bem, à margem da sobriedade do habitual, de que foge quase inconscientemente. Esta atitude pode inclusive afetar as outras pessoas porque, como explica Santa Faustina Kowalska, «as almas menos recolhidas (superficiais) querem que as outras as imitem porque são para elas um arrependimento contínuo».^[12]

Para nos dispormos melhor para a oração, pode ser útil uma saudável *dieta digital* como fazem os desportistas que querem correr longas distâncias: saber prescindir em alguns momentos da semana dos dispositivos eletrónicos; aprender a contemplar serenamente a natureza, uma paisagem, uma obra de arte; ler um bom livro ou ver um bom filme, sem se deixar interromper por qualquer coisa... Todas estas atividades requerem algum esforço da nossa parte. Mas, em contrapartida, oferecem a

recompensa de descobrir camadas mais profundas da realidade, exercitam o nosso olhar para poder receber, como dom, cada vez com mais proximidade o olhar de Deus.

Pelo caminho, no entanto, não podemos desanimar. Aquilo que dos nossos tempos de oração mais agrada a Deus é a boa vontade de o acompanhar, a nossa simples presença e companhia, como a de uma criança pequena com os seus pais. Animados por esta atitude filial, podemos ser valentes para superar a inquietação perante o aparente silêncio e solidão da oração. Nenhum recurso que utilizemos a rezar substitui o impulso genuíno de tratar Deus de tu a tu, a decisão livre e discreta de dizer um "adoro-te" insubstituível, que mais ninguém pode dizer no nosso lugar.

Pablo Edo



NOTAS

[1] S. Josemaria, Meditação, 25-XII-1973.

[2] Cf. São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, c. 180, a. 3; a. 6.

[3] Catecismo da Igreja Católica, n. 2713.

[4] S. Josemaria, citado em Salvador Bernal, *Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*, Rialp, Madrid 1980, p. 359.

[5] Catecismo da Igreja Católica, n. 2713.

[6] S. Josemaria, citado em Salvador Bernal, p. 357.

[7] Francisco, Audiência, 16-IX-2020.

[8] S. Gregório Magno, *Homilias sobre Ezequiel*, II,5,9.

[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 304.

[10] S. Pedro de Alcântara, *Tratado da oração e da meditação*, XII,6.

[11] S. Josemaria, *Caminho*, n. 368.

[12] Sta. Faustina Kowalska, *Diário*, n. 147.

10. Seguir-te-ei para onde quer que fores

A virtude da fortaleza permite-nos seguir Jesus sem depender das condições variáveis da nossa vida e do nosso ambiente.

Em casa de Simão, no umbral da porta, Jesus acaba de curar muitos doentes além de expulsar muitos demónios. Está na hora de passar para a outra margem do lago quando se aproxima um escriba, talvez deslumbrado por todos esses milagres e diz-lhe: «Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores» (cf. Mt 8, 19). Que intenções existiam no fundo do coração deste homem? Até que ponto entendia aquilo que implicava seguir o Mestre? Apenas sabemos o que respondeu Jesus: «As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça» (cf. Mt 8, 20).

Apesar de à primeira vista parecerem ser umas palavras duras que desiludiriam qualquer pessoa, tudo depende daquilo de que o escriba estivesse à procura em Cristo. Os apóstolos certamente escutaram respostas semelhantes e, mais do que uma advertência ou uma limitação, descobriram nelas um convite. Assim se compreende por exemplo que Pedro, João e Tiago tenham deixado «tudo» quando Jesus os chamou no final do dia de trabalho (cf. Lc 5, 11), ou que Mateus tenha feito o mesmo quando o Senhor o foi buscar enquanto cobrava impostos (cf. Lc 5, 28). Os apóstolos compreendem que, apesar de o não ter «onde reclinar a cabeça» poder implicar muito sacrifício, qualquer coisa é pouco ao lado de uma vida junto de Jesus.

O Senhor fala duramente porque não quer que este homem se engane, pensando talvez que abraça um projeto de fantasia onde tudo correrá sempre bem. Porque no caminho com Jesus muitas vezes as dificuldades—o cansaço, os defeitos próprios ou alheios, as incompreensões, os mal-entendidos— pesam mais do que aquilo de que gostaríamos. E é então que a

virtude da fortaleza, elevada pela graça divina, se revela decisiva: dá-nos as armas para que o nosso desejo de seguir Jesus «para onde Ele for» seja maior do que qualquer obstáculo.

Uma afetividade orientada sempre para Deus

«A felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»^[1] , costumava repetir S. Josemaria. No nosso dia a dia, existem muitas coisas que nos dão alegria, mas também surgem contrariedades que nos põem à prova. Nesse sentido, é lógico que a nossa felicidade na terra tenha muito a ver com aprender a adaptar-se a esses momentos complicados, aqueles dias nos quais quase nada acontece como tínhamos planeado. A fortaleza tem a ver com isso porque transforma os obstáculos em oportunidades para voltar a orientar os nossos desejos mais profundos, uma e outra vez, na direção correta: para Deus. A fortaleza modela a nossa afetividade para que *se deixe afetar* mais por Deus do que pelas circunstâncias pessoais ou externas que podem sempre mudar.

Existem coisas desnecessárias para sermos felizes e que às vezes nos parecem imprescindíveis. Isto pode suceder com algumas comodidades que hoje são vulgares, mas também com outras necessidades que podemos ter criado quase sem nos darmos conta. Além de tomarmos consciência dessas dependências, queremos ser suficientemente livres para que as circunstâncias externas não tomem as decisões por nós: que um momento incómodo não nos roube o sorriso, que o cansaço não nos vença tão rapidamente ou que sejamos capazes de renunciar a um gosto pessoal em favor de outra pessoa. A fortaleza torna-nos menos dependentes de tudo aquilo que não é o amor de Deus de forma a estarmos contentes entre todo o tipo de pessoas, em qualquer lugar e dedicando-nos a qualquer tarefa.

Assim, quando as multidões o queriam proclamar rei, entusiasmadas com os seus milagres, Jesus «não se deixou enganar por este triunfalismo: era livre. Como no deserto, quando rejeita as tentações de Satanás porque era livre e a sua liberdade era seguir a vontade do Pai (...). Pensemos hoje

na nossa liberdade (...). Sou livre? Ou, pelo contrário, sou escravo das minhas paixões, das minhas ambições, das riquezas, da moda?»^[2]. S. Paulo transmite-nos a sua experiência: «(...) aprendi a ser autónomo nas situações em que me encontre. Sei passar por privações, sei viver na abundância. Em toda e qualquer situação, estou preparado para me saciar e passar fome, para viver na abundância e sofrer carências. De tudo sou capaz naquele que me dá força» (cf. Fl 4, 11-13). Para ele nada é um obstáculo no seu caminho para aquilo que verdadeiramente quer: amar Deus com todo o seu coração.

O bem maior é por vezes o menos evidente

Basta um olhar realista sobre o mundo para reconhecer a necessidade da fortaleza. Percebemos que as circunstâncias, positivas ou adversas, nos afetam. Damo-nos conta da necessidade de superar certos períodos difíceis sem desanimar ou perder a serenidade. Além disso, sabemos por experiência própria que as coisas valiosas requerem esforço e paciência: desde levar por diante estudos ou vencer um defeito do próprio carácter até cultivar relações profundas com outras pessoas ou crescer em amizade com Deus. No entanto, apesar de o senso comum nos mostrar isto com clareza, não é raro que pelo raciocínio se possa distorcer o caminho e que fiquemos com uma visão estreita da fortaleza: como se fosse apenas um esforço cansativo para ir na direção contrária.

Pelo contrário, a fortaleza não consiste num exercício cinzento da vontade em superar-se, em não se queixar, em negar-se ou em resistir àquilo que não queremos ou não entendemos. Vê-la assim acaba por esgotar qualquer pessoa. Ser fortes consiste, na verdade, em fortalecer as nossas convicções, em renovar sempre o amor que nos move, em fazer brilhar com maior força em nós os bens mais autênticos. Então escolheremos cada vez com mais facilidade, inclusive com gosto, o que verdadeiramente queremos, essa "melhor parte" de que fala Jesus (cf. Lc 10, 42).

Vejamo-lo com um exemplo: quem carece de fortaleza talvez não seja capaz de evitar um comentário brusco ou de sorrir quando estiver cansado.

Nesse tipo de situações, a fadiga é o motivo que pesa mais nas suas reações ou nas suas decisões e fá-lo esquecer outros motivos pelos quais valeria a pena talvez esforçar-se. Pelo contrário, quem fez crescer em si a fortaleza não só pode superar o cansaço como o faz porque percebe o bem que isso lhe faz tanto a si como aos outros e inclusive descobre aí um caminho para amar Deus. Só deste modo, ações como privar-se de um pequeno gosto, levantar-se a uma hora fixa, evitar uma queixa ou fazer um favor que espontaneamente não realizaríamos, se transformam numa forma de nos educarmos na percepção de um bem maior, mas talvez menos evidente, pelo menos no início.

Este processo, do qual podemos ver apenas o desafio que significa superar-se a si mesmo, acaba efetivamente por nos tornar mais livres uma vez que a nossa alegria e a nossa paz dependerão mais daquilo que verdadeiramente queremos e menos de pequenas tiranias do momento, sejam externas ou internas. Na luta por ganhar em fortaleza trata-se precisamente de explorar esses ângulos mortos que nos impedem de ver alguns aspetos do bem, simplesmente porque implicam esforço. Quem aprende a viver com fortaleza poderá perseverar no bem quando as boas decisões não forem as mais atrativas. Ser forte é a atitude própria de quem percebe o valor real das coisas.

Mover-se com agilidade na realidade

Quando escutamos Jesus dizer ao escriba que «não tem onde reclinar a cabeça», poderíamos pensar também que está a quer pô-lo à prova: «seguir-me não é coisa fácil, tens a certeza de que o queres fazer?». No entanto, encontramos outros passos do Evangelho nos quais o Senhor se expressa de maneira semelhante e não o faz como advertência, mas sim – vimo-lo na chamada de vários apóstolos – como convite: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me» (cf. Lc 9, 23); «Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição» (cf. Mt 7, 13). Em nenhum caso se trata de

chamadas a um sofrimento sem sentido, mas sim ao desenvolvimento de uma liberdade grande: a fazer crescer em nós, pouco a pouco, uma disposição do coração que seja capaz de amar até ao extremo, como Ele mesmo o fez.

«O que é preciso para conseguir a felicidade não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado»^[3]. O caminho do cristão é exigente porque requer um amor cada vez mais profundo; e, como diz aquela velha canção, «*corazón que no quiera sufrir dolores, pase la vida entera libre de amores*»^[4]. A vida de Jesus mostra-nos como devemos relacionar-nos com a adversidade ou com a dor. A sua fortaleza não é a de quem constrói muros à sua volta, nem a de quem se cobre com uma armadura para evitar as feridas ou para que a realidade não o afete. Com muros e de armaduras, na realidade, a resistência não passa a fazer parte da nossa personalidade; estes recursos na verdade impedem o contacto, a relação com a realidade. A sua rigidez impede que nos movamos com agilidade.

A fortaleza de Jesus, pelo contrário, dialoga constantemente com aquilo que o rodeia. Jesus não aceita a dor apenas por ser difícil ou para se revelar ou para nos revelar algo. Na realidade, pura e simplesmente a assume quando é necessário, sem permitir que o vença. Vê nas dificuldades um sentido que dá razões e profundidade àquilo que está a viver, em vez de considerar tudo como absurdo. E isso é *amar o mundo apaixonadamente* no seu sentido mais pleno. Amar o mundo significa ter a capacidade de poder relacionar-se com ele em toda a sua riqueza, também com o valor oculto do imperfeito, nas situações da vida, em nós próprios, nos outros. Se procurarmos a fortaleza de Cristo, seremos pessoas mais sensíveis e profundas, mais metidas em cheio na realidade, mais capazes de encontrar Deus em tudo. Pessoas, no fundo, mais contemplativas.

Paciência para chegar ao fim

«(...) nos gloriamos, na esperança da glória de Deus», escreve S. Paulo. «Mais ainda, gloriamo-nos também das tribulações, sabendo que a

tribulação produz a paciência, a paciência a firmeza e a firmeza, a esperança. Ora a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (cf. Rm 5, 2-5). Cada sacrifício livremente assumido, cada contradição acolhida sem rebeldia, cada desafio feito por amor, reafirma em nós a convicção de que a nossa felicidade está em Deus, mais do que em qualquer outra realidade. A luta diária converte-se, então, numa conquista progressiva do bem verdadeiro que nos concede algo da glória futura a que aspiramos: a luta converte-se num caminho de esperança.

Procurar de maneira habitual o bem autêntico e oculto nas nossas decisões concede-nos o ânimo para não nos conformarmos com o imediato ou com o efêmero. E isso gera paciência: começamos a contar cada vez mais com o amor que não falha e que dá sentido aos nossos esforços. Por isso, o forte não desespera, não perde a serenidade perante um fracasso ou quando os frutos do trabalho tardam em aparecer. A paciência não é nem otimismo simplório nem resignação: é a atitude do homem livre que ama não apenas por temporadas, mas que luta com os olhos sempre postos no fim que o espera. A convicção profunda de não se querer conformar com menos do que com a felicidade do céu pode aguentar o necessário combate diário que permite seguir Jesus «para onde for». Isso é a fortaleza. Um coração forte que não perde de vista o fim, pode «lutar, por Amor, até ao último instante»^[5].

Magdalena Oyarzún



NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 1005.

[2] Francisco, Homilia, 13-IV-2018.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 795.

[4] «*A los árboles altos*», canção tradicional de Espanha. [Coração que não queira sofrer as dores/Passa a vida inteira livre de amores].

[5] S. Josemaria, «*Tiempo de reparar*», n. 4, em *En diálogo con el Señor*, edición histórico-crítica.

11. Quando o mundo nos fala

A temperança no desejo de conhecer permite-nos alcançar o coração da realidade e ser almas contemplativas no meio do mundo.

Existem diversas maneiras de ver uma mesma coisa. Diante de um grande banquete, elaborado com todo o tipo de alimentos, cores, decorações e texturas, o olhar impressionado de um fotógrafo não tem nada que ver com o olhar ansioso de um glutão. Ou pensando em situações mais comuns, o nosso olhar ao passar *por cima* dos títulos de um jornal costuma ser diferente daquele olhar com o qual contemplamos um pôr do sol. As diferenças entre estas formas de olhar não se devem apenas às circunstâncias do momento ou às coisas que estão diante dos nossos olhos. Aquilo que as distingue, na realidade, é algo mais profundo, algo que tem que ver com o modo como nos relacionamos com o mundo.

Toda a pregação de S. Josemaria nos anima a ser «almas contemplativas, metidas nos afazeres da terra».^[1] Para isso é preciso aprender a olhar para a realidade de uma maneira nova: um olhar que não capte apenas um aspecto –o *fragmento útil*– do que temos à frente; um olhar que não procure simplesmente apropriar-se e possuir o olhado. O olhar contemplativo, com efeito, não é egoísta nem possessivo: é transparente, sereno, recetivo, generoso. E para quem quer viver com Deus, a aprendizagem neste modo de olhar não é optativa. Só convertendo o nosso olhar poderemos descobrir o brilho divino em tudo o que nos rodeia e vislumbraremos a verdade profunda das coisas e dos acontecimentos, pois «é Nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos» (cf. At 17, 28).

É interessante que, ao indicar possíveis temas para tratar na formação de gente jovem, o fundador do Opus Dei escrevesse: «Mortificação exterior –a vista principalmente–; mortificação interior –em especial, a curiosidade».^[2]

Estes dois aspetos, intimamente ligados à vida contemplativa, fazem parte da virtude da temperança no que se refere ao desejo de conhecer, que é um dos desejos mais fortemente presente na nossa natureza. Apesar de talvez na linguagem comum, a palavra «temperança» trazer à nossa cabeça a ideia de limite, essa é uma conceção bastante incompleta. A palavra latina *temperare*, de onde vem o termo que utilizamos, quer dizer «misturar as coisas na sua dose justa». Deste modo, a pessoa temperada no seu desejo de conhecer é alguém que não fica absorvido pelo imediato, mas que consegue ir sempre mais além. Desenvolve uma atitude aberta, atenta e silenciosa que a predispõe para alcançar o coração das coisas. Então, o mundo fala-lhe.

O olhar curioso

Existe uma maneira de olhar que, ainda sem ser moldada pela temperança, se comporta de maneira semelhante à de uma borboleta que salta de flor em flor. É a atitude de quem se detém em algo o mínimo de tempo indispensável para saciar a sua curiosidade e obter o que lhe apetece. Este olhar não pretende mergulhar na realidade nem captá-la em toda a sua profundidade, mas, pelo contrário, procurar o prazer que proporciona a percepção sensível ou um gosto fugaz causado pelo consumo de nova informação sobre o mundo. É o que S. João denomina «concupiscência dos olhos» (cf. 1 Jo 2, 16) e S. Tomás de Aquino, vários séculos depois chamará *curiositas*.^[3] Para este último santo, o polo oposto da *curiositas* seria a *studiositas* que consiste em encontrar essa dose justa –como parte precisamente da temperança– na nossa vontade por conhecer. A *studiositas* não procura simplesmente estabelecer um limite, mas visa remover os obstáculos que nos impedem de conhecer de maneira profunda e não poupa no esforço e cansaço que supõe todo o processo de aprendizagem.

Ceder na *curiositas* pode parecer uma atitude sem grande transcendência que incidiria apenas na periferia da nossa existência. Que mal pode fazer-me o simples facto de andar pelo mundo com os olhos bem abertos, aproveitando tudo o que me é oferecido? No entanto, escutemos

estas palavras de Jesus: «A lâmpada do corpo são os olhos; se os teus olhos estiverem sãos, todo o teu corpo andará iluminado» (cf. Mt 6, 22). Se o olho ilumina todo o corpo, o nosso olhar repercute no nosso coração. O que acontece é que a *curiositas, quase sem nos darmos conta*, vai criando raízes cada vez mais profundas no nosso ser. Às vezes percebemos facilmente esta dispersão no mundo das redes sociais ou na internet: ficamos a passar de página em página, sem nem sequer sabermos aquilo de que estamos à procura. E por detrás desse olhar habituado a divagar, talvez surja uma inquietação errante do espírito, que se manifesta em rios de palavreado imprudente, em desorganização ou em desassossego interior.

Neste sentido, o olhar que vai de flor em flor «pode ser o sintoma de um autêntico desenraizamento; pode significar que a pessoa perdeu a capacidade de estar consigo mesma».^[4] Mais ou menos conscientes do nosso vazio interior, procuramos fugir para fora, para o mundo da distração e, paradoxalmente, abandonamos o único lugar onde encontraremos aquele que pode saciar a nossa sede. Santo Agostinho expressou assim esta experiência: «Eis que estavas dentro, e eu, fora – e fora Te buscava, e me lançava, disforme e nada belo, perante a beleza de tudo e de todos que criaste. Estavas comigo, e eu não estava Contigo.... Seguravam-me longe de Ti as coisas que não existiriam senão em Ti.».^[5]

Tudo isto explica porque é que, para chegar com o nosso olhar ao coração da realidade, é necessário desenvolver, ao mesmo tempo que abrimos a porta do nosso próprio mundo interior, um sereno processo de discernimento: deter-se, pensar, não cair na pressa. Por exemplo, antes de carregar *play* em qualquer vídeo ou série atrativa, é bom pensar se verdadeiramente isso é o que queremos fazer nesse momento. Quem sabe prescindir daquilo que faz mal à sua alma ou daquilo que simplesmente o impede de crescer, «apercebe-se que o sacrifício é só aparente: porque ao viver assim (...) livra-se de muitas escravidões e consegue, no íntimo do seu coração, saborear todo o amor de Deus».^[6]

«Distrair-te. - Precisas de te distrair!... abrindo muito os olhos, para que entrem bem as imagens das coisas», escreve S. Josemaria, provocando o leitor. E rapidamente responde: «Fecha-os de todo! Tem vida interior, e verás, com cor e relevo imprevistos, as maravilhas de um mundo melhor, de um mundo novo; e então hás de privar com Deus».^[7] Naturalmente, o fundador do Opus Dei não pretende que não olhemos nem que captemos uma realidade que ele mesmo nos indica ser lugar de encontro com Deus. Pelo contrário, diz-nos que esse olhar exterior na verdade está ligado ao nosso mundo interior e como tal contribui para o formar, para bem ou para mal.

O olhar *interesseiro*

Um olhar que não está moldado pela temperança pode também, inadvertidamente, impregnar-se de um interesse egoísta, possessivo, parecido ao de um animal que procura a sua presa. «Lembra-te de que um olhar invejoso é coisa funesta» (cf. Sir 31, 13), refere a Sagrada Escritura. Tal como o olhar que que divaga de flor em flor, este olhar *predador* não costuma manifestar um fenómeno superficial: com frequência, revela uma maneira de relacionar-se com o mundo que se encontra no profundo da pessoa. Trata-se da atitude de quem vê tudo através da perspectiva do próprio interesse e, em consequência, aprecia o mundo consoante o benefício imediato que lhe confere. É como se o coração tivesse ficado fixo, observando tudo desde um único ângulo; como se todos os outros pontos de vista se tivessem tornado opacos.

A intemperança é destruidora porque torna o homem parcial e insensível para captar calmamente a realidade e as pessoas, com todas as suas *nuances*. E isto, por sua vez, reflete-se nas suas decisões já que não ter um autêntico conhecimento do ambiente é um obstáculo para acertar. O glutão, por exemplo, encontra-se preso na procura de prazeres do paladar; diante do banquete é incapaz de captar toda a criatividade e beleza daquilo que se lhe oferece. Escolherá o maior ou o que proporciona experiências

mais fortes, mas não é capaz de desfrutar verdadeiramente com isso nem de ter uma conversa enriquecedora com os outros.

Este olhar interesseiro influencia também as relações com os outros. Quem não conseguiu ter um olhar livre tem tendência a ver as pessoas do ponto de vista do benefício que lhe trazem, do favor que lhes pode pedir. A sua primeira reação não é olhar para o outro nos olhos e perguntar como está, que necessita, que pode fazer por ele; e muito menos entender a singularidade ou o encanto da sua personalidade. Esta cegueira de espírito, esta incapacidade para ver a presença divina nas pessoas que nos rodeiam, não vem de uma confusão causada pelo sensível, mas de um olhar deformado, adormecido pela intemperança. «Os nossos corações podem apegar-se a tesouros verdadeiros ou falsos, nos quais podem encontrar autêntico repouso ou adormecer-se, tornando-se preguiçosos e insensíveis», dizia o Papa Francisco, na sua mensagem para uma Jornada Mundial da Juventude. «Quanta energia existe na capacidade de amar e ser amado! Não permitam que este valor tão precioso seja falseado, destruído ou prejudicado. Isto sucede quando as nossas relações estão marcadas pela instrumentalização do próximo para os próprios fins egoístas».^[8]

Alguns frutos da temperança

Quem adquire um olhar temperado vê o mundo com olhos novos, descobre maravilhas inesperadas. A moderação liberta, purifica o coração, facilita uma relação serena com as pessoas e com as coisas: faz crescer em nós uma atitude de interesse sincero, que não se deixa levar pelas aparências, que não se apressa a fazer juízos superficiais. O primeiro efeito da temperança, como tal, é a «tranquilidade de espírito», que nasce da ordem no interior do homem.^[9] O olhar desprendido e limpo fixa-se nos verdadeiros tesouros, nos quais pode encontrar autêntico repouso. Um modo de crescer nesta sensibilidade é decidir-se a olhar o mundo pela mão de pessoas que percebem as *nuances* ricas e diversas na realidade, como sucede com os artistas, os poetas. Quem não recorda alguma conversa com

uma pessoa que, com a sua opinião refletida sobre uma obra de arte, nos fez descobrir novas perspectivas do mundo?

Outro fruto da temperança é a capacidade de concentrar forças nos projetos que traçamos. Não olhar desnecessariamente o telemóvel ou não se perder na internet durante o trabalho ou o estudo, podem parecer coisas de pouco valor, que não afetam o curso da nossa vida. Mas, na realidade, este tipo de pequenas renúncias pode ser decisivo para nos concentrarmos e realizarmos, com todas as forças, o que queremos. Dizer «não» ao que dispersa a mente em mil coisas é, simultaneamente, um «sim» ao que realmente importa. Este esforço, além disso, desenvolve a interioridade e, com o tempo, contribui para revelar o superficial como uma perda de tempo e de liberdade. «A vida ganha então as perspectivas que a intemperança esbate; ficamos em condições de nos preocuparmos com os outros, de compartilhar com todos o que nos pertence, de nos dedicarmos a tarefas grandes».^[10]

O olhar desprendido, sereno e transparente, capacita-nos mais que nenhuma outra coisa para descobrir a verdadeira beleza de tudo o que existe. Viver a temperança é poder gozar mais –não menos–, tanto das coisas espirituais como das coisas sensíveis. Uma relação livre com o mundo, livre da procura ansiosa de prazer ou de autoafirmação, leva-nos a conhecer a verdade das coisas e das pessoas; permite-nos descobrir a beleza também no mais delicado e discreto. «Disse-se, não sem razão, que só aquele que tem um coração limpo é capaz de rir de verdade. Não é menos certo que só entende a beleza do mundo quem o contempla com o olhar limpo».^[11] O homem temperado chega mais fundo na verdade das coisas: o mundo fala-lhe de Deus. Por isso, quem se lance nesta aventura irá reconhecer-se, com o tempo, naquela exclamação de S. Josemaria: «Meu Deus, encontro graça e beleza em tudo o que vejo».^[12]

Maria Schoerghuber



NOTAS

[1] S. Josemaria, Instrução para a Obra de São Miguel, 8-XII-1941, n. 70.

[2] S. Josemaria, Instrução para a Obra de São Rafael, 9-I-1935, n. 135

[3] S. Tomás de Aquino, Suma Teológica, II-II, q. 167 a.1 ad 2; a. 2 ad 1.

[4] cf. J. Pieper, *Las Virtudes fundamentales*, Rialp, Madrid 2007, p. 291(versão portuguesa anterior e mais breve: *Virtudes fundamentais*, Coleção Éfeso, n.44).

[5] Sto. Agostinho, Confissões, X, 27, 38.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 283.

[8] Francisco, Mensagem, 31-I-2015.

[9] cf. J. Pieper, *Las Virtudes fundamentales*, p. 224, aludindo a S. Tomás.

[10] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84

[11] J. Pieper, *Las Virtudes fundamentales*, p. 249.

[12] S. Josemaria, *Forja*, n. 415.

12. O que verdadeiramente conta

O desafio de ser pobre de espírito vivendo no meio do mundo.

A meia-noite está a chegar. Há já umas horas que o ruído passou das ruas para o interior das casas. Agora reina o silêncio. Escutam-se os passos lentos de uma jovem nazarena, visivelmente grávida, que avança pelo braço do seu esposo. Ambos procuram quase às cegas o estábulo que lhes ofereceram para passar a noite. Deus está por ver nascer o seu Filho na terra. Ele, que tudo pode, decidiu preparar-lhe um sítio quase ao relento. «A palavra divina tornou-se incapaz de falar (...). Quem teria esperado? O Natal é celebrar um Deus inédito, que altera a nossa lógica e as nossas expectativas (...). O Natal de Jesus não oferece o calor reconfortante da lareira, mas o arrepio divino que sacode a história».^[1]

Apesar de com o passar do tempo a lembrança do presépio de Belém ter ficado como a de um lugar acolhedor, também do ponto de vista material, é provável que não fosse tão acolhedor como nós o imaginamos. Que pretendia Deus com esta escolha que representamos ano após ano nas nossas casas? Naquela noite, José e Maria partilharam o tesouro da pobreza. Os pais de Jesus foram libertados de tudo o que podia ofuscar a verdadeira riqueza que iam receber. Podendo escolher qualquer sítio, qualquer comodidade, o Criador escolhe a privação de tudo para nos mostrar o que verdadeiramente conta.

O Reino é dos pobres

«Asseguramos tudo, exceto o bom clima e o amor»: assim anunciava um cartaz à entrada de uma empresa de seguros, numa cidade onde a meteorologia muda com muita frequência. Se não podemos decidir que tempo vai fazer, pelo menos podemos garantir o carinho dos outros. Não existe dinheiro suficiente no mundo para obrigar alguém a amar com

sinceridade. Aqui temos uma realidade que talvez nos possa pôr um pouco nervosos, porque não nos proporciona a confiança que experimentamos noutros âmbitos. Mas é necessário viver com essa «margem de erro»: a preocupação por ter controlo bloqueia qualquer tentativa de amar e de ser amados; impossibilita a felicidade, simples, mas robusta, de quem entrega e recebe gratuitamente. «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu.» (cf. Mt 5, 3): assim inicia Jesus o Sermão da montanha. O Mestre oferece a felicidade, na terra e no céu, a quem puser a sua confiança e riqueza em Deus.

A virtude da pobreza – que não se identifica com a pobreza material, económica, que a Igreja nos anima a aliviar – faz parte da temperança: é uma disposição que modera, ou seja, que coloca no seu lugar exato a nossa relação com os bens que Deus criou. O pobre de coração possui e desfruta das coisas sem ser possuído por elas; evita depositar a sua confiança na acumulação de bens; sabe detetar em si mesmo essa tendência que temos de construir na nossa vida, inclusive de maneira não tão consciente, como se a felicidade dependesse fundamentalmente do que temos... E isso, apesar daquela advertência de Jesus: «Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação!» (cf. Lc 6, 24).

Depois de muitos anos dedicados a escutar todo o tipo de pessoas, S. Josemaria comentava: «Quando alguém centra a sua felicidade exclusivamente nas coisas terrenas – fui testemunha de verdadeiras tragédias – perverte o seu uso razoável e destrói a ordem sabiamente disposta pelo Criador. O coração fica então triste e insatisfeito; mete-se por caminhos de um eterno descontentamento».^[2] A pobreza permite darmos conta de como são efémeras muitas "seguranças" materiais ou de como são superficiais certos momentos de consolo que não tocam no fundo da alma. A pobreza de espírito permite-nos, por último, desfrutar verdadeiramente da realidade, porque nos liga ao simples, às pessoas, a Deus: a tudo o que quer ser unicamente contemplado e que sacia deste modo os nossos desejos mais profundos.

«Pobre de espírito, não significa exatamente “homem aberto aos outros”, ou seja, a Deus e ao próximo?», perguntava S. João Paulo II, durante a visita que realizou em 1980 a uma favela do Rio de Janeiro. «Não é verdade que esta bem-aventurança dos “pobres de espírito” contém ao mesmo tempo uma advertência e uma acusação? (...). “Ai de vós”: essa palavra soa severa e ameaçadora, sobretudo na boca desse Cristo que costumava falar com bondade e mansidão».^[3] É verdade, o pecado perturbou o nosso desejo de posse, de modo que facilmente deformamos a nossa relação com os bens criados. A avidez por possuir talvez seja intensificada por uma cultura na qual o valor económico – manifestado por sua vez em estatuto social ou em imagem perante os outros – chegou a ser por vezes a última fonte de valor. A nossa cultura leva a fazer-nos pensar que a prosperidade e o conforto são a chave da felicidade. E, no entanto, todos nos damos conta que a verdadeira alegria de uma pessoa se mede mais pela profundidade e autenticidade das suas relações com os outros. Essa é a riqueza do pobre de coração; ao seu lado, a solidão de quem vive rodeado de luxo aparece muitas vezes como uma dramática pobreza.

Uma harmonia que cada um deve encontrar

Ano de 1968. No âmbito de uma entrevista sobre o lugar da mulher na sociedade, a jornalista pergunta a S. Josemaria pela virtude da pobreza: quer saber como vivê-la e transmiti-la na vida do lar. A resposta parte de uma premissa bem clara: «Quem não amar e viver a virtude da pobreza não tem o espírito de Cristo. E isto é válido para todos, tanto para o anacoreta que se retira para o deserto, como para o cristão corrente que vive no meio da sociedade humana».^[4] Ou seja, que pessoas exteriormente muito diversas, como uma que se retira para o deserto e outra que trabalha na agitação da cidade, podem viver a virtude da pobreza com autêntico espírito cristão. No entanto, enquanto «deserto» parece significar pobreza em todos os aspetos, como pode ser pobre alguém que vive no meio dos bens do mundo? Que modelo pode seguir?

S. Josemaria detém-se a desenvolver a questão com detalhe. Num primeiro momento, identifica dois aspetos na nossa relação com as coisas materiais: dois polos, aparentemente contrários, que é preciso conciliar. Por um lado, a necessidade de uma «pobreza real, que se note e se toque – feita de coisas concretas –, que seja uma profissão de fé em Deus, uma manifestação que o coração não se satisfaz com as coisas criadas, mas que aspira ao Criador». Por outro lado, a naturalidade com que um cristão deve ser «um entre os seus irmãos os homens, de cuja vida participa, com quem se alegra, com quem colabora, amando o mundo e todas as cosas boas que há no mundo, utilizando todas as coisas criadas para resolver os problemas da vida».^[5] Nestas palavras fica apresentado o desafio da pobreza de espírito no meio do mundo: estar desapegado das coisas e, ao mesmo tempo, amá-las como dons de Deus para partilhar entre os homens. Mas a pergunta continua: como orientar-nos neste esforço?

Se olharmos para a vida de Cristo como nos mostram os Evangelhos, não vemos n' Ele um abandono absoluto dos bens. Vemos pelo contrário que, sendo de uma condição modesta, nem rico nem pobre, os utiliza de uma equilibrada, virtuosa, perfeita. Jesus era conhecido na aldeia porque ganhava o sustento com a profissão que exercia com o seu pai (cf. Mt 13, 55); tinha uma túnica boa (cf. Jo 19, 23); algumas reuniões sociais onde ia eram generosas, até ao ponto que para o acusar, o chamaram glutão e bebedor de vinho (cf. Mt 11, 19); e convidou várias pessoas de boa condição económica – Mateus, Zaqueu, José de Arimateia e outros – a abrirem-se ao Reino de Deus. Por outro lado, é clara também a sua predileção, tanto na sua atividade diária como na sua pregação, por aqueles que materialmente não tinham nada: põe a viúva pobre como exemplo de relação com Deus, em comparação com os ricos (cf. Lc 21, 1-4); conta como o pobre Lázaro chega ao seio de Abraão, enquanto o rico que vivia ao seu lado fica fora (cf. Lc 16, 19-23); diz claramente que «é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino do Céu» (cf. Mt 19, 24); aconselha os seus discípulos a não levarem para a sua missão nada que não seja imprescindível (cf. Lc 10, 4-11); e ele próprio

nasce em gruta alheia e será sepultado em sepulcro alheio. Jesus vive livre de vínculos materiais e, ao mesmo tempo, desfruta dos bens criados. Não é uma questão de equilíbrio – compromisso instável entre dois polos – mas de harmonia: a beleza da forma alcançada. E esta harmonia encontramos-la em Jesus Cristo.

Mas não existem receitas universais: «Conseguir a síntese entre esses dois aspetos é – em boa parte – uma questão pessoal, uma questão de vida interior, para julgar em cada momento, para encontrar em cada caso o que Deus nos pede. Não quero, pois, dar regras fixas».^[6] Existe, com efeito, o perigo de uniformizar, a possibilidade de se deixar levar pela tentação de elaborar uma lista de regras para, enganosamente, estarmos certos de que vivemos uma virtude. No entanto, esse tipo de atitudes esquece o papel indispensável da prudência sem o qual as virtudes simplesmente não podem existir. Por isso, não se trata de guiar-se tanto por "regras teóricas", mas por «essa voz interior que nos adverte que se está infiltrando o egoísmo ou a comodidade desnecessária».^[7] O importante, referia noutra momento S. Josemaria, «não se concretiza na materialidade de possuir isto ou de carecer daquilo, mas sim em nos conduzirmos de acordo com a verdade que a nossa fé cristã nos ensina: os bens criados são apenas meios».^[8] Por exemplo, no que diz respeito à elegância no vestir, aconselhava algo que pode ser aplicado a outros campos da vida ordinária: «Deves andar vestido de acordo com o que é próprio da tua condição, do teu ambiente, da tua família, do teu trabalho..., como os teus companheiros, mas por Deus».^[9] Finalmente, dava frequentes sugestões que cada um podia aplicar às suas próprias circunstâncias: não se criar necessidades, cuidar do que se tem, prescindir de algo durante uma temporada, dar o melhor aos outros, aceitar com alegria os incómodos, não se queixar se alguma coisa falta... e tantas outras coisas pequenas que cada um pode descobrir num caminho de oração.

Amor ao mundo e solidariedade

S. Josemaria experimentou a pobreza material em vários momentos da sua vida.^[10] Além disso, procurou manter certos costumes pessoais para assegurar o seu espírito de pobreza, apesar de não os considerar aplicáveis a todos os fiéis da Obra. Além disso, era consciente de que Deus o chamava a transmitir um espírito de santidade no meio do mundo, não fora dele. Pelo que, mesmo quando outras pessoas estivessem chamadas a gestos radicais de abandono do que é material como testemunho da suprema riqueza de Deus, estava convencido de que algo específico dos cristãos correntes seria converterem-se em «testemunho explícito de amor ao mundo» e de «solidariedade com os homens».^[11]

No verão de 1974 teve uma reunião com vários casais em Lima. Aquele encontro foi uma surpresa, porque o fundador do Opus Dei tinha estado indisposto nos dias anteriores. «Padre, eu gosto que a minha família viva com um certo conforto», começou por dizer um assistente, como preâmbulo para lhe perguntar como viver a pobreza nesse contexto. «Uma coisa é que vivas com certo conforto e outra coisa é que ostentes o luxo», respondeu S. Josemaria. «A segunda parte não me parece bem; a primeira, sim. Mais! Tens o dever de dar aos teus esse conforto (...). Porta-te como um bom marido, como um bom pai e sê generoso com a tua mulher e os teus filhos. E depois, não ostentes o luxo, tem um pouco de paciência e ajuda os outros».^[12] Aqui se traça aquilo que pode ser um itinerário de pobreza no meio do mundo, amando os bens que nos deu Deus: generosidade sem luxo, incomodar-se pessoalmente para nos exercitarmos nesta virtude, ajudar os que necessitam.

Também noutra ocasião, S. Josemaria dava como exemplo uma mulher que conhecia, de idade avançada, que vivia a virtude da pobreza no meio de uma vida sem dificuldades económicas: «Essa pessoa de que vos falo agora residia numa casa solarenga, mas não gastava consigo mesma nem duas pesetas por dia. Por outro lado, pagava muito bem aos seus empregados e o resto destinava-o a ajudar os necessitados, passando por privações de todo o género. A esta mulher não lhe faltavam muitos desses bens que tantos

ambicionam, mas ela era pessoalmente pobre, muito mortificada, completamente desprendida de tudo».^[13]

A virtude da pobreza vivida no meio da cidade implica a preocupação efetiva por quem passa dificuldades económicas. «A oração a Deus e a solidariedade com os pobres e os que sofrem são inseparáveis», refere o Papa Francisco. «Para celebrar um culto que seja agradável ao Senhor, é necessário reconhecer que qualquer pessoa, inclusive a mais indigente e desprezada, leva impressa em si a imagem de Deus (...). O encontro com uma pessoa em condição de pobreza sempre nos provoca e interroga. Como podemos ajudar a eliminar ou pelo menos a aliviar a sua marginalização e sofrimento? Como podemos ajudá-la na sua pobreza espiritual?».^[14] Estas perguntas interpelam de maneira especial os cristãos que querem levar Cristo aos ambientes profissionais, onde tanto se pode fazer para ajudar os outros. Por isso, S. Josemaria insistia que «temos a obrigação de procurar que a cada dia existam no mundo menos pobres (...). A riqueza é dada pelo trabalho, meus filhos, a especialização, a promoção profissional e a Obra está fundada no trabalho».^[15]

* * *

«Tende em muito pouco o que destes, pois tanto haveis de receber».^[16] diz Sta. Teresa de Jesus. A virtude da pobreza permite-nos ser felizes em qualquer circunstância; também quando nos falta o necessário. Ser pobres de espírito significa que não pomos a confiança nos bens que podemos controlar, mas em Deus e, através dele, nos outros. «Livres para amar: este é o sentido do nosso espírito de pobreza, austeridade e desprendimento».^[17] Entrar nesse espaço de liberdade, no qual só nos importa a melhor parte (cf. Lc 10, 42), o que verdadeiramente conta, é escolher a melhor parte, que não nos será tirada.

Andrés Cárdenas M.



NOTAS

- [1] Francisco, Audiência, 19-XII-2018.
- [2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 118.
- [3] S. João Paulo II, Discurso, 2-VII-1980.
- [4] S. Josemaria, *Entrevistas*, n. 110.
- [5] *Ibid.*
- [6] *Ibid.*
- [7] *Ibid.*, n. 111.
- [8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 118.
- [9] *Ibid.*, n. 122.
- [10] Como exemplos podem mencionar-se a falência do negócio do seu pai quando era adolescente, os duríssimos anos da guerra civil espanhola e as penúrias materiais quando chegou a Roma.
- [11] S. Josemaria, *Entrevistas*, n. 110.
- [12] S. Josemaria, notas de uma reunião familiar, 25-VII-1974.
- [13] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 123.
- [14] Francisco, Mensagem, 15-XI-2020.
- [15] S. Josemaria, notas de uma reunião familiar, 24-IV-1967.

[16] Sta. Teresa, *Caminho de perfeição*, 33, 2.

[17] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 8.

13. Com todo o coração

A virtude da castidade tem que ver com a nossa capacidade de compreender, aspirar e gozar com aquilo que enche o coração humano; permite-nos descobrir Deus em tudo.

«Felizes os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8). Ver Deus: sem filtros, sem pressas, sem limites... Quem poderia sonhar em alcançar algo assim com as suas próprias forças? Contemplar na sua fonte a beleza, a bondade, a grandeza que procuramos sem cessar por todas as partes. Contemplar, que não significa observar do exterior, mas do interior, sabendo-nos inundados por toda essa realidade cheia de luz, por esse «Amor que sacia sem saciar»^[1] os nossos desejos mais profundos: esses que neste mundo encontram apenas uma resposta muito parcial, ainda que tantas vezes as criaturas nos pareçam já as mais belas, boas e grandiosas que se possa imaginar.

Certamente que ao falar de pureza de coração, o Senhor não se refere unicamente à castidade. Se existisse uma pessoa muito casta, mas injusta, desonesta, desleal, preguiçosa ou egoísta, não diríamos que o seu coração é limpo. Quando o rei David suplica «Cria em mim, ó Deus, um coração puro» (Sl 51[50], 12), está a pedir um coração que reúna harmoniosamente todas as virtudes; um coração que vibre com o valioso e não com o secundário, que seja capaz de arriscar a vida por algo maior do que ele, que não se deixe dominar por coisas efémeras e superficiais. Ao crescer nas diferentes virtudes, o nosso olhar – os nossos desejos, interesses, aspirações – vai-se aclarando e torna-nos capazes de captar o autêntico valor das coisas. Vamos aprendendo a ver, a contemplar, a desfrutar.

Dúvidas

Deus criou-nos para esta contemplação, que recolhe todas as aspirações do coração. É uma graça que nos quer dar. Mas é uma graça pela qual é necessário lutar. Necessitamos de conquistar o nosso coração para que se torne capaz de receber esse dom, porque corremos o risco de o deixar por abrir, esquecido a um canto. Por palavras de S. Josemaria, a castidade «é combate e não renúncia, já que respondemos com uma afirmação gozosa, com uma entrega livre e alegre. Não debes limitar-te a fugir da queda ou da ocasião, nem o teu comportamento deve reduzir-se, de maneira alguma, a uma negação fria e matemática. Já te convenceste de que a castidade é uma virtude e, como tal, deve desenvolver-se e aperfeiçoar-se?».^[2] A castidade é uma afirmação gozosa e pode desenvolver-se sempre. São duas ideias talvez conhecidas, mas nem por isso suficientemente compreendidas até ao ponto de poderem gerar uma certa dúvida.

A ideia da castidade como afirmação contrasta com a de quem põe uma excessiva ênfase no *não*, como se a virtude consistisse precisamente em não fazer, não pensar, não ver, não querer. A castidade é, pelo contrário, um *sim* ao amor, porque é o amor que a torna necessária e lhe confere o seu sentido. Naturalmente, temos de dizer que *não* a certos atos ou atitudes que lhe são contrários e que qualquer pessoa sensata entende precisamente como negações do amor, por si próprio sempre total, exclusivo e definitivo. Mas, apesar de exigir alguns *nãos*, a castidade é uma realidade eminentemente positiva.

Suponhamos uma pessoa com um bom conhecimento da fé e da vida cristã, sinceramente decidida a pô-la em prática; uma pessoa que talvez até tenha transmitido a outras esta visão positiva da santa pureza, porque compreende estes pensamentos e partilha-os. É possível que a sua experiência prática desta virtude não corresponda à ideia de algo positivo que pode sempre crescer: por um lado, porque não necessita de exercer a pureza constantemente; existem outros interesses que normalmente estão em primeiro plano e que relegam a castidade para quarto ou quinto lugar dos seus problemas, de modo que habitualmente a castidade não parece ser

para ela nem uma afirmação nem uma negação. Por outro lado, porque quando em alguns períodos tem de lutar mais intensamente para a viver, sente-a precisamente como uma negação e não como uma afirmação.

A isto soma-se outra fonte de dúvida: uma vez que é uma virtude, a castidade está chamada a «desenvolver-se e a aperfeiçoar-se».^[3] Novamente, este bom cristão poderia dizer-se: normalmente consigo evitar atos, pensamentos, olhares contrários à castidade, não é disso de que se trata? Não posso dizer que tenho a virtude? Que mais deveria fazer? Em que sentido deveria desenvolver-se e aperfeiçoar-se em mim a castidade?

Na realidade, na origem destas dúvidas está a ideia, bastante difundida, mas muito redutora, de que a virtude é fundamentalmente um suplemento de força na vontade que nos torna capazes de respeitar umas normas morais, inclusive quando estas se opõem à nossa inclinação. Se esta visão fosse correta, a virtude consistiria na capacidade de ignorar a afetividade, de opor-se sistematicamente àquilo que sentimos sempre que o respeito dessas normas o exija. Naturalmente, existe aqui uma parte de verdade, porque na formação da virtude com frequência é necessário atuar contra a inclinação afetiva. No entanto, é muito importante não esquecer que não é este o objetivo; trata-se apenas de um passo que, se não for seguido de outros, formará apenas a capacidade de se reprimir, de dizer *não*. Quem pensa assim nas virtudes, mesmo que possa dizer que a castidade é uma afirmação gozosa, na realidade não o conseguiu compreender, porque não consegue ver aquilo que isto significa na prática.

Integração

A virtude, mais do que uma capacidade de se opor à inclinação, é a formação da própria inclinação. A virtude consiste precisamente em gozar, em desfrutar do bem, porque cresceu em nós uma conaturalidade afetiva, ou seja, uma espécie de *cumplicidade com o bem*. É precisamente nesse sentido que chamamos temperança à ordem na tendência natural para o prazer. Se o prazer fosse mau, ordená-lo significaria anulá-lo. Mas o prazer

é bom e a nossa natureza tende para ele. No entanto, que seja bom em princípio não significa que o seja em todos os casos: o objeto de uma tendência pode não ser bom para a pessoa num caso concreto. Por isso interessa-nos ordenar a nossa inclinação para o prazer. Se o conseguimos, tê-la-emos convertido num dos nossos melhores aliados para fazer o bem; se não, será um grande inimigo que pode destruir-nos, por analogia com a água, que tira a sede, hidrata o corpo e faz crescer as plantas... também pode ser tsunami, inundação, destruição.

Em que consiste ordenar essa tendência? Em primeiro lugar, não se trata de fazer desaparecer a atração do prazer, coisa por outro lado impossível. Nem de a ignorar ou viver como se não existisse; nem sequer de a reprimir. Ordenar a tendência para o prazer significa integrá-la no bem da pessoa:^[4] conferir unidade aos nossos desejos, de modo que estejam progressivamente em conformidade com a nossa identidade e a reforcem. Um coração impuro é um coração fragmentado, sem rumo; um coração puro, pelo contrário, é um coração unificado, com uma direção na vida.

Como se consegue realizar isto? As paixões humanas são modos de captar o bem: cada uma delas apresenta-nos como conveniente aquilo que a satisfaz. Dizemos que temos inclinação para o prazer porque perante algo que o pode produzir experimentamos atração: aquilo apresenta-se aos nossos olhos como conveniente. No entanto, o que é bom para a paixão pode não o ser para a pessoa. Um bolo pode atrair-me porque é agradável comê-lo, mas talvez não convenha à minha saúde (por exemplo, porque sou diabético), à minha forma física (estou a tentar emagrecer) ou à minha relação com os outros (pertence a outra pessoa). Cada paixão tem o seu próprio ponto de vista, valoriza a realidade a partir da sua própria perspectiva e não pode fazê-lo a partir de outra. A razão é a única faculdade que pode adotar todos os pontos de vista e integrá-los:^[5] identificando o bem da pessoa e não apenas o bem de uma paixão concreta ou de um aspeto particular da vida. A razão escuta aquilo que cada paixão tem para dizer,

avalia todas estas vozes em conjunto e julga se uma ação é boa para a pessoa.

A razão não é fria: é apaixonada, está condicionada pelas inclinações ou paixões. Se uma paixão fala muito mais forte do que as outras, pode confundi-la. Daí a importância de as paixões estarem bem formadas (bem temperadas). Assim, em vez de obstáculo, serão um apoio para o juízo da razão. Naturalmente, esta integração em torno da razão requer que o sentido da paixão seja compreendido e respeitado e que se atue de modo que esse respeito impregne a nossa afetividade. A gula, por exemplo, revela que não se compreendeu – pelo menos de modo prático que influencie o comportamento – o sentido da necessidade de comer; ou seja, não se assimilou ainda a fundo a maneira como o prazer de comer contribui para o bem integral da pessoa. Algo semelhante pode dizer-se da castidade e de qualquer outra virtude.

Um mundo interior

Escutemos o conselho de S. Josemaria num brevíssimo ponto do Caminho: «Para que hás de olhar, se “o teu mundo” o trazes dentro de ti?». [6] É certo: quando levamos um mundo dentro de nós – um mundo feito de coisas grandes, divinas e humanas –, o olhar, a ação, o pensamento contra a castidade podem ter uma certa força de atração, mas serão muito mais fáceis de combater, porque serão entendidos como uma ameaça para a harmonia do próprio mundo interior.

Poderíamos inclusive dizer que a castidade só se refere à sexualidade de modo secundário. Tem principalmente que ver com a abertura do nosso mundo interior – do nosso coração – às coisas grandes, com a capacidade de compreender, de aspirar e de gozar com aquilo que é capaz de encher o coração humano. Por isso, dizia também S. Josemaria: «*nunca me agradou falar de impureza. Quero considerar os frutos da temperança. (...) Ao viver assim – com sacrifício – [o homem] livra-se de muitas escravidões e consegue, no íntimo do seu coração, saborear todo o amor de Deus (...)*»;

ficamos em condições de nos preocuparmos com os outros, de compartilhar com todos o que nos pertence, de nos dedicarmos a tarefas grandes».^[7]

A pessoa casta é capaz de se ligar afetivamente e desfrutar com tudo o que é bonito, nobre, genuinamente divertido. O seu olhar não é possessivo, mas agradecido: deixa de ser o outro; não permite que se manche, que se despersonalize a relação que o une a cada coisa e a cada pessoa. Quem não é casto tem um olhar baixo; um olhar que não é capaz de receber, mas só exigir prestações. Na realidade, não é capaz de gozar das pequenas coisas da vida e das relações pessoais; não é capaz de estar verdadeiramente com os outros. As coisas delicadas que outros apreciam parecem-lhe insípidas; não lhe dizem nada, porque necessita de emoções fortes para reagir e experimentar algo positivo e agradável.

Deste modo entende-se que quem vive a castidade como afirmação gozosa não necessite normalmente de um esforço extraordinário da vontade para conter o impulso sexual desordenado: o seu mundo interior, formado por realidades valiosas e relações verdadeiras, contrasta fortemente com ele e rejeita-o. E ao viver assim, sente-se grandiosamente livre, porque faz o que gosta. Ao contrário, o luxurioso, o incontinente ou inclusive o meramente continente, se conseguissem fazê-lo, sentir-se-iam reprimidos: como se lhes faltasse algo.

Para São Tomás de Aquino o luxurioso, o incontinente, o continente e o casto são quatro figuras distintas.^[8] O casto e o luxurioso possuem respetivamente a virtude, o primeiro, e o vício, o segundo. O incontinente, sem chegar a ter estabelecido o vício, não vive retamente. E o continente, como indica o termo, contém-se: não peca contra a castidade, mas também não possui a virtude. Perante uma tentação, limita-se a reprimir o impulso, sem chegar a viver no bem. É o caso, por exemplo, de quem não quer olhar, mas desejaria que fosse inevitável ver. Simplesmente salta obstáculos que desejaria não ter de saltar e ao fazê-lo não se propõe formar a sua interioridade para a configurar com o bem. Esta situação pode ser um passo

em frente para quem vem de mais longe, mas essa pessoa, ainda terá de percorrer um caminho até formar a virtude. Quem não se afasta decididamente da fronteira, ainda que consiga não pecar, nunca passará de ser continente, não chegará a gozar da virtude e a vê-la como uma afirmação gozosa.

Verão Deus em tudo

«Felizes os limpos de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8). Talvez Jesus não queira dizer que aos impuros de coração será proibido ver Deus, mas sim que não conseguirão ver nada onde os de coração limpo captarão uma beleza indescritível, cheia de matizes, que satisfaz todas as aspirações do seu coração. Isto é de facto o que sucede aqui em baixo: os virtuosos são capazes de encontrar Deus em cada pessoa, em cada situação ordinária da vida, enquanto os que não o são, não sentem a sua presença ou sentem-na como incómoda e desagradável, limitadora da sua liberdade.

A virtude, assim entendida, como criação de um mundo interior belo, de uma conaturalidade afetiva que nos faz gozar fazendo o bem, é uma resposta às dúvidas acima mencionadas. Com efeito, se o esforço por formar a santa pureza não pretende apenas negar-se aos atos desordenados, mas também e sobretudo criar um mundo interior cheio de realidades valiosas, sobrenaturais e humanas, compreende-se bem que esta virtude cresça e se forme não apenas quando temos de vencer uma tentação, mas também quando a nossa atenção se dirige a tudo o que há de valioso e belo na realidade, ainda que por si não tenha nada que ver com a sexualidade. A castidade não é apenas uma virtude para os momentos de combate: não é só para as tentações, mas é uma virtude da *atenção*, daquilo a que o nosso coração atende. Também se compreende assim que essa delicadeza interior, essa abertura à grandeza, não tenha limites e possa sempre crescer.

Os meios são muitos

Como formar esse mundo interior? Desde logo, é necessário evitar o que possa perturbá-lo, procurando que a vista e a imaginação não se dispersem ou se turvem, pondo certos travões à curiosidade e também evitando cair no ócio, essa atitude passiva de quem cede o domínio das suas decisões aos acontecimentos. Porque navegar sem objetivo, deixando-se levar pelo vento que sopra, é um modo muito fácil de se perder e terminar num lugar onde teríamos preferido não chegar.

Também convém crescer em fortaleza, porque sem ela é muito difícil manter o rumo no meio das ondas: a constância nas pequenas mortificações no trabalho, na relação com os outros, nos gostos, fortalece o coração. E a sinceridade: ter a simplicidade de falar daquilo que nos acontece por dentro é um modo muito eficaz de oxigenar o nosso coração e de impedir que se intoxique com afetos que são demasiado pequenos para ele.

São também muito importantes outros meios que dirigem o olhar da alma para o sobrenatural ou humanamente valioso: a devoção eucarística, o carinho à Mãe de Deus, a oração e o tom habitual de relação pessoal com o Senhor. As amizades e todas as relações humanas nobres cumprem também este papel: enquanto isolar-se ou fechar-se em si mesmo é fonte fácil de infeções, a dedicação sincera aos outros mantém o coração de boa saúde.

Além disso, é muito conveniente formar interesses culturais de valor, especialmente a boa literatura, o bom cinema, a música, etc., que ajudam a desenvolver a sensibilidade estética e o sentido da beleza. Quem desfruta unicamente com filmes, leituras, programas ou vídeos de alta intensidade, quem se habitua a viver apenas de emoções banais, precisará de um esforço notável para se controlar quando essas emoções entrem na esfera sexual. E se o conseguir experimentá-lo-á, no melhor dos casos, como repressão, como negação. É muito mais bonito e mais eficaz criar um clima interior limpo, luminoso, afirmativo. O nosso coração não foi feito para menos: desfrutar da beleza de Deus já nesta vida e por toda a eternidade.

Julio Diéquez



NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 208.

[2] S. Josemaria *Amigos de Deus*, n. 182.

[3] *Ibid.*

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2337: «A castidade significa a integração conseguida da sexualidade na pessoa, e daí a unidade interior do homem no seu ser corporal e espiritual».

[5] cf. S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I-II, q. 17, a. 1, ad 2.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 184.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

[8] cf. S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, qq. 151-156.

14. Para dar luz, palavras verdadeiras

Jesus e os primeiros discípulos demonstraram um grande amor à verdade, com a segurança de quem transmite uma notícia que enche a vida de alegria.

«Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento» (Jo 1, 47). O elogio que Jesus fez de Natanael podia também ser-lhe aplicado por todos os que O escutavam. O Mestre pronunciava apenas palavras verdadeiras e vivia profundamente de acordo com elas. Nas palavras de Jesus manifesta-se sempre o desejo ardente de nos dar o melhor que tem. E esse amor faz com que aquilo que diz seja sempre transparente, orientado para nos entregar a sua verdade e a sua misericórdia. Por isso, nessa época como agora, a sua vida e o seu testemunho deslumbram apesar de também por vezes assustarem ou desestabilizarem.

Sem medo à verdade

O capítulo sexto de S. João é um momento em que se compreende claramente esta atitude do Mestre. Pouco depois de ter deixado a multidão surpreendida com a multiplicação de uns poucos pães e peixes que todos comem até ficarem saciados, vemo-lo decidido a revelar uma verdade importante. Jesus sabe bem que aqueles milhares de pessoas que o tinham seguido até ali terão muita dificuldade em compreendê-la. Mas não vai poupar nenhuma palavra nem aliviará a mensagem para a tornar mais aceitável: «Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna» (Jo 6, 54). Quase todos se despedem dele devido precisamente às suas palavras desconcertantes: «*Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?*» (Jo 6, 60).

Podíamos dizer, com linguagem de redes sociais, que neste momento o seu *excesso* de audácia o tinha levado a perder mais de cinco mil

seguidores. Para o Mestre, no entanto, este fracasso é apenas efêmero e aparente: nem o detém nem o condiciona.... Tanto é assim que, ao descobrir o desânimo e a desilusão nos rostos dos Doze, lhes pergunta também: «*Também vós quereis ir embora?*» (Jo 6, 67). Paradoxalmente, para ficar conosco, Jesus prefere pagar o preço da solidão: não está disposto, para assegurar um êxito passageiro, a deixar de nos alimentar e amar com o pão eucarístico através dos séculos. Para Jesus, como para a sua Igreja, a verdade é o amor por nós. Sabe que é decisivo manifestar-se de modo autêntico para que «*todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade*» (1 Tim 2, 4). E a verdade muitas vezes dói. «A verdade não é de todo branda. É exigente, e queima», dizia uma vez Joseph Ratzinger. «A mensagem de Jesus também inclui o desafio que encontramos nessa disputa com os seus contemporâneos (...). Quem não quiser deixar-se queimar, quem não estiver disposto a isso, também não se aproximará d'Ele».^[1]

Jesus diz o que tem para dizer, como tem de dizer, quando tem de dizer. Uns dias antes de ser condenado à morte por aqueles que o escutavam no Templo de Jerusalém, depois de os ter acusado diante do povo como «guias cegos, fariseus hipócritas, (...) sepulcros caiados» (Mt 23, 27), repreende-os assim, também publicamente: «Serpentes! Raça de víboras! Como podereis fugir à condenação da Geena?» (Mt 23, 33). São palavras que nos podem impressionar. Jesus não fala tão duramente com aqueles que estão errados ou com os pecadores..., mas sim com aqueles que, considerando-se justos, impedem que os outros se aproximem de Deus (Mt 23, 13). Sabe perfeitamente que as suas palavras aumentam a antipatia dos que já pensam dar-lhe a morte. Mas isso não lhe importa. Nem sequer o trava o temor de que os seus discípulos se possam converter em vítimas indiretas do seu inflamado discurso... Porque o amor à verdade e aos homens está acima da vida terrena. S. Josemaria sintetiza muito bem esta atitude de Jesus: «**não tenhas medo à verdade, ainda que a verdade te acarrete a morte**».^[2] Com essas palavras ásperas e grosseiras que dirige aos fariseus, Jesus está a defender do erro e da mentira o pequeno rebanho que no decurso dos anos –

Ele já o sabe – também sofrerá o martírio por amor a Deus e por defender essa mesma verdade. Porque a verdade é a primeira e a última palavra amorosa dos mártires cristianos.

São muitas as passagens da vida do Senhor em que prevalece esse amor à verdade. Como Ele próprio afirma no seu julgamento diante Pilatos: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade» (cf. Jo 18, 37). E também nós, os cristãos, fomos batizados e confirmados para sermos testemunhas daquele que é «o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14, 6), perante as tentativas de submeter a realidade a cálculos, interesses ou ideologias. Testemunhas: é isso que significa a palavra mártir. Apesar de Deus não pedir a todos os cristãos que derramem o seu sangue pela fé, espera pelo menos que estejamos dispostos a dar a vida, gota a gota, por essa mesma fé; a ser «mártires sem espetáculo», como quem «gasta os seus anos a trabalhar sem outra intenção que servir a Igreja e as almas e envelhece a sorrir e passa inadvertido...».^[3] Porque, no final de contas, «a existência temporal – tanto das pessoas como da sociedade – só é importante precisamente como etapa para a eternidade. Por isso, a vida terrena é apenas relativamente importante e não é um bem absoluto. O que importa absolutamente é que sejas feliz, que te salves».^[4]

Não podemos deixar de falar do que vimos

Que belo reflexo da atitude valente de Jesus Cristo podemos contemplar nos seus primeiros discípulos! Depois do fogo de Pentecostes, impressiona escutar a pregação dos apóstolos, que falam já **sem medo**. Assim aprenderam do Mestre. No livro dos Atos dos Apóstolos, vemos Pedro e João a serem levados presos ao Sinédrio por exporem publicamente a verdade da ressurreição de Nosso Senhor e para explicarem a cura de um homem coxo. Depois de uma noite na prisão, são submetidos a um interrogatório ao qual também assiste esse homem curado. Os anciãos e os escribas perguntam-lhes: «Com que poder ou em nome de quem fizestes isso?» (At 4, 7). A resposta de Pedro é taxativa. Já não existe nem metade

da cobardia que o levou a mentir e a negar o Senhor durante a escura noite da Paixão: «ficai sabendo todos vós e todo o povo de Israel: é em nome de Jesus Nazareno que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos, é por Ele que este homem se apresenta curado diante de vós» (At 4, 10). A liberdade com que falam Pedro e João deixa-os estupefactos. Não sabem o que fazer senão ordenar-lhes que não voltem a ensinar nem a fazer nada em nome de Jesus. A resposta de Pedro e João revela a arbitrariedade daquilo que lhes está a ser pedido: «Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus obedecer a vós primeiro do que a Deus; quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (At 4, 19-20).

Estes exemplos da vida de Jesus e dos primeiros discípulos oferecem-nos a medida adequada do nosso comportamento quando se tratar de proclamar a verdade de Jesus Cristo. Uma falsa prudência poderia levar-nos a fabricar discursos condescendentes ou a calar quando devemos falar. De facto, evangelizar não significa entrar sempre em conflito, mas também não pode consistir em evitá-lo sempre, fazendo compromissos com a verdade. Neste sentido, escrevia S. Josemaria: «Contemporizar? – É palavra que só se encontra (há que contemporizar) no léxico dos que não têm vontade de lutar – comodistas, manhosos ou cobardes –, porque de antemão se sabem vencidos».^[5] Ao mesmo tempo, também seria demasiado cómodo pensar que a fé se pode transmitir sem pensar na solidez do nosso discurso ou sem atender aos problemas, às aspirações e à sensibilidade de cada momento, de cada pessoa.

Em qualquer caso, quando um cristão quer viver de acordo com a sua identidade, às vezes terá de superar o medo do ridículo, do «que vão dizer». Hoje talvez seja menos frequente que os discípulos de Jesus acabem entre os leões ou numa cela, como sucedeu a Pedro e João e a tantos santos que nos precederam na tutela e testemunho da fé. Pode acontecer, no entanto, que a nossa imagem pública seja afetada ou inclusive que sejamos perseguidos por causa da nossa defesa da dignidade humana e da liberdade

das consciências, que se encontram na base do exercício da fé, do respeito da vida e de tantas outras realidades irrenunciáveis.

A vida dos cristãos, escreve S. Josemaria, não é «anti-nada»: é «afirmação, otimismo, juventude, alegria e paz».^[6] Mas precisamente por isso temos de ter «a coragem de viver pública e constantemente de acordo com a nossa santa fé».^[7] não podemos permitir que o amor a Deus e à verdade perca força nas nossas vidas porque sem esse amor e essa verdade já não teríamos nada para anunciar ao mundo. Simultaneamente, é importante procurar a forma de fazer o melhor bem possível em cada situação, tendo em conta que a transmissão da verdade não depende apenas de que digamos as coisas, mas também de que aqueles que nos ouvem entendam. Também Jesus às vezes optou por calar-se (cf. Lc 4, 28-30; Mt 26, 63); e, se muitas vezes falava sem rodeios, procurava sempre o modo de fazer-se entender por uns e outros. Nesse sentido, poderá acontecer que às vezes seja contraproducente insistir numa ideia e seja conveniente, pelo contrário, esperar por outra ocasião ou repensar as nossas razões; e também, como parte desse trabalho, teremos de nos esforçar por compreender as razões das outras pessoas que muitas vezes nos poderão dar luzes para entender melhor a nossa fé e as carências do nosso discurso.

Na sua primeira carta, aquela que poderíamos chamar a primeira encíclica da história, S. Pedro apresenta em poucas linhas todo este programa apostólico: «no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça; com mansidão e respeito, mantende limpa a consciência, de modo que os que caluniam a vossa boa conduta em Cristo sejam confundidos, naquilo mesmo em que dizem mal de vós» (1 Pe 3, 15-16).

Nos areópagos do nosso século

O desafio de evangelizar não exige apenas valentia, mas também preparação intelectual e teológica – a que cada um puder conseguir –, dom de línguas e empatia com a cultura contemporânea, que é a nossa. Ver o

próprio S. Paulo em Atenas pode ajudar-nos a entender como nos comportarmos nos areópagos do nosso século (cf. At 17, 16ss). Primeiro observamos um Paulo que se consumia no seu interior ao observar uma cidade entregue à idolatria. No entanto, o seu zelo não o leva a falar com amargura ou de maus modos.^[8] Explora o terreno e escuta: primeiro, os seus irmãos judeus na sinagoga e, depois, na rua, os filósofos epicuristas e estoicos, com quem conversa e manifesta as suas ideias sobre Deus e sobre a vida. Além de contemplar com interesse a arquitetura da cidade, S. Paulo demonstra um bom conhecimento da sua literatura; isso permite-lhe adaptar a sua mensagem àquele público que mostrou curiosidade pelas suas palavras. S. Paulo adapta a sua pregação a este público, por si difícil, mas não degrada nem atenua o Evangelho. O discurso que pronuncia no Areópago permanece como um modelo que vale a pena reler de vez em quando.

Num primeiro momento, S. Paulo louva a beleza de um altar construído ao Deus desconhecido e que descobriu ao passear pela cidade. Essa referência cultural aproxima-o dos seus interlocutores e permite-lhe falar sobre esse Deus misterioso que ele diz conhecer. Com diversas referências literárias dos poetas gregos, S. Paulo dirige empaticamente o discurso para a verdade que quer transmitir: que todos somos criaturas desse Deus desconhecido, porque Ele é o Criador e o Senhor de todas as coisas. Também lhes explica como esse Deus se fez presente entre nós, não através de ídolos construídos pela mão do homem, mas encarnando-se e oferecendo como prova da sua divindade a sua ressurreição entre os mortos...

S. Paulo consegue fazer brilhar com todo o seu esplendor a autenticidade do *kerygma*, o *coração da fé*, diante de um povo culto e pagão. É certo que, tal como sucedeu ao Senhor no discurso do Pão da vida, a maior parte do público abandona educadamente: «*Ouvir-te-emos falar sobre isso ainda outra vez*» (At 17, 32). Nem todos os ouvidos estão preparados para aceitar a palavra de Deus à primeira. Mas alguns ficam: o relato acrescenta que nesse dia abraçaram a fé Dionísio, o Areopagita, uma

mulher chamada Dâmaris e uns quantos mais. A valentia, a preparação intelectual e o dom de gentes de Paulo, como o de tantos cristãos, é lenha que permite ao Espírito Santo acender o fogo de Jesus Cristo em muitos corações. Esta passagem da vida de S. Paulo, por último, ensina muito sobre o modo de proceder numa cultura que às vezes perdeu até a própria linguagem para falar de Deus.

Tudo para todos

As palavras e a vida de um cristão podem ser por vezes escandalosas, não porque faça algo mal, mas em contraste com aquilo que se considera como socialmente aceitável. Certamente, o seu modo de viver pode revelar, mesmo sem pretender, a forma de vida de muitas pessoas: nas suas relações afetivas, em certos hábitos profissionais, em modos de se divertir. Formas e hábitos que não só recebem a aprovação do sentimento comum, como por vezes se converteram em direitos exigíveis juridicamente.

Neste contexto, é possível que uma pessoa se possa sentir julgada e desprezada no seu coração perante uma afirmação como esta de S. Paulo: «Não vos iludais: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os pedófilos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os beberrões, nem os caluniadores, nem os salteadores herdarão o Reino de Deus» (1 Cor 6, 9-10). Estas palavras escandalizaram alguns dos coríntios que as receberam e seguramente continuam a fazê-lo hoje. Os cristãos vivem de afirmação e os modos de falar podem mudar em função dos momentos ou dos interlocutores; mas não podemos fazer como aqueles mestres que dizem o que cada um queria ouvir (2 Tm 4, 4). Já o profeta Isaías escrevia «Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal, que têm as trevas por luz e a luz por trevas, que têm o amargo por doce e o doce por amargo! (Is 5, 20).

Por sua vez, o nosso testemunho da verdade não se pode reduzir à denúncia do mal: o Evangelho é antes de mais anúncio do amor incondicional de Deus por cada um. As próprias palavras de S. Paulo não se

limitam a uma enunciação condenatória de vícios e pecados; depois dessas linhas fortes, acrescenta: «E alguns de vós eram assim. Mas vós cuidastes de vos purificar; fostes santificados, fostes justificados em nome do Senhor de Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (1 Cor 6, 11).

Talvez hoje mais do nunca entendamos como «o compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias. Procura comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode dar, quando a perfeição não é possível. Um coração missionário está consciente destas limitações, fazendo-se “fraco com os fracos (...) e tudo para todos” (1 Co 9, 22)».^[9] Quem vive de uma profunda amizade com Deus e com os outros pode deixar-se conquistar pela verdade e manifestá-la livremente e com carinho, acompanhando os outros por um plano inclinado. É verdade, «o santo, para a vida de muitos, é “incómodo”. Mas isto não significa que tenha de ser insuportável. – O seu zelo nunca deve ser amargo; a sua correção nunca deve ferir; o seu exemplo nunca deve ser uma bofetada moral, arrogante, na cara do próximo».^[10]

Hoje como ontem, para aceder à misericórdia de Deus é necessário bater no peito e reconhecer-se pecador, coisa que exige por vezes um caminho lento e paciente, primeiro de cada um de nós... Que importante é que, durante a vida, todos possamos ter ao lado amigos que, ao mesmo tempo que nos compreendem, nos iluminam com palavras verdadeiras. Porque só a verdade nos torna livres; só ela pode libertar-nos o coração (cf. Jo 8, 32), só ela traz realmente a alegria. É isso é o que significa evangelizar: «trata-se sempre de fazer felizes, muito felizes, as pessoas», porque «a Verdade é inseparável da autêntica alegria».^[11]

Carlos Ayxelá e José María García



NOTAS

- [1] Joseph Ratzinger, *Dios y el mundo*, Círculo de lectores, Barcelona 2011, 209-211.
- [2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 34.
- [3] S. Josemaria, *Via Sacra*, 7.4.
- [4] S. Josemaria, *Cartas*, VI-1973, n. 12.
- [5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 54.
- [6] S. Josemaria, *Forja*, n. 103.
- [7] S. Josemaria, *Sulco*, n. 46.
- [8] cf. S. Josemaria, *Caminho*, n. 396 e 397.
- [9] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 45.
- [10] S. Josemaria, *Forja*, n. 578.
- [11] S. Josemaria, *Sulco*, n. 185.

15. Simplicidade, para ver bem o caminho

Saber-nos olhados por Deus e viver no presente: duas atitudes para fazer crescer na nossa vida a simplicidade.

«Buscai o suficiente, buscai o que basta! O resto é fardo, não alívio; entristece, não eleva».^[1] É assim: a vida cristã leva-nos a procurar a intimidade com Deus e a desprendermo-nos do que não nos conduz a Ele. Trata-se de uma viagem interior onde nos esforçamos a cada passo por identificar e escolher «a melhor parte», aquela única coisa necessária que não nos será tirada (cf. Lc 10, 42).

A experiência mostra-nos, no entanto, que essa procura pode ser complexa. Existem épocas em que a vida se converte numa espécie de labirinto: momentos de confusão interior e de caos exterior, períodos em que temos a cabeça cheia e o coração vazio. Pode também suceder que pela nossa maneira de ser ou porque atravessamos períodos difíceis, tenhamos a tendência de complicar as coisas, analisando mil e uma vezes a realidade. Nesses momentos, qualquer decisão pode paralisar-nos e talvez não consigamos sintonizar com a vontade do Senhor. Desejaríamos então que a vida fosse mais simples e os nossos pensamentos mais claros. Desejamos possuir essa simplicidade que é capaz de iluminar a mente e aliviar a alma.

Como discernir em cada momento a vontade de Deus? Como aceitar com serenidade os acontecimentos da vida ordinária? Como relacionarmos com aqueles que nos rodeiam sem julgar ou distorcer as suas intenções? Convém refletir em primeiro lugar sobre as raízes da nossa tendência para a complicação. A partir daí, descobriremos duas disposições que nos podem ajudar a desfazer o novelo da nossa alma: a humildade e o abandono.

O Criador da vida e o “criador” do medo

Qualquer artista deixa marca nas suas obras. Deus também deixou na criação um dos traços mais profundos da sua essência: a unidade. Ele é Unidade na Trindade e a harmonia e a beleza do paraíso mostram como na sua criação não faltava nada e não sobrava nada (cf. Gn 2, 1). O mundo e o homem tinham surgido do Amor porque só o Amor é capaz de criar e o Amor mantinha-os unidos.

No entanto, diante do Deus da afirmação, do sim, do «seja» (cf. Gn 1, 3), surge a voz do tentador. Como o diabo não pode criar, dedica-se de certo modo a *desfazer* e sugestionava o homem com uma leitura deturpada da realidade. Desde aquele primeiro episódio com Adão e Eva, o diabo joga com os nossos medos para nos angustiarmos com o futuro ou para imaginarmos intenções rebuscadas nas palavras ou nas ações dos outros. Assim, transforma-nos pouco a pouco em almas inseguras, calculistas e preocupadas.

«É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?», pergunta o diabo (Gn 3, 1). O inimigo quer que fixemos a atenção na árvore proibida e que deixemos de apreciar o resto de dons de Deus: plantas, animais, outros seres humanos, uma vida em estado de graça... Começamos assim a ver o mundo com desconfiança, com olhos complicados. Satanás faz-nos acreditar que nos falta algo, que Deus não é sincero, que nos esconde coisas. O Eclesiastes explica-o assim: «Somente descobri isto: Deus criou os homens retos, eles, porém, procuraram maquinações sem fim» (Ecl 7, 29).

E a complicação prepara para o pecado. O homem já não dialoga nem passeia com Deus... e acaba por se esconder d'Ele (cf. Gn 3, 8), com medo de ser visto nu, desarmado, que é, afinal, como a criatura se encontra sempre diante do seu Criador. Ao diabo não lhe basta fazer-nos cair: volta logo com outra sugestão, outra «não-criação», que nos afasta ainda mais de Deus. Ao perder-se a confiança entre Criador e criatura, ao querer esconder-nos do seu olhar, entram no mundo a ansiedade e a fadiga (cf. Gn 3, 16-17).

O homem e a mulher vivem então com medo do futuro;^[2] o seu coração acaba por esgotar-se e converte-se assim em terreno fértil para a tristeza, essa grande aliada do inimigo.

A complicação que o pecado traz consigo fez com que nos fosse difícil perceber onde está o bem e tomar decisões que nos conduzem a Deus. O livro dos Provérbios assim diz sem rodeios: «o homem de coração falso não encontra a felicidade» (Pr 17, 20). Mas sentimos falta da harmonia do nosso passado junto de Deus e é precisamente essa espécie de lembrança, essa nostalgia que ficou na alma que continua a atrair-nos para o Senhor. A liturgia de Sexta-feira Santa expressa-o assim: «Deus eterno e onipotente, que criastes todos os homens para que Vos procurem, de modo que só em Vós descanse o seu coração».^[3]

Humildade: saber-nos olhados por Deus

Para ver-nos e para ver o mundo com olhos simples, é necessário em primeiro lugar encontrar o nosso descanso no olhar de Deus. Saber-nos olhados por Ele dá-nos muita segurança: compreendemos que Deus nos quer na nossa *verdade* e que tudo o resto tem uma importância muito relativa. Fora desse olhar, pelo contrário, sentimos a necessidade de proteger a nossa fragilidade e encerramo-nos em nós próprios ou ficamos paralisados pelo medo. Quem se refugia nesse olhar de amor goza da serenidade dos simples, porque não depende de circunstâncias que em última instância escapam ao seu controlo. «Somos da verdade – diz S. João – e na sua presença, sentir-se-á tranquilo o nosso coração» (1Jo 3, 19).

Podemos pensar em Simão Pedro, que era um homem bom, mas com um coração às vezes complicado. No seu amor ao Senhor misturam-se a dúvida com a decisão, a obediência com a rebeldia, a coragem com o medo... O seu momento de confusão maior acontece no pátio de Ananias, durante a Paixão do Senhor (cf. Lc 22, 65-72). Podemos imaginar como, enquanto Jesus é interrogado, a angústia do discípulo cresce por um momento: quer ser fiel, mas não compreende o que está a acontecer; os

factos extravasam-no. Gostava de regressar a essas caminhadas com o Mestre pelos campos da Galileia, quando a sua voz ressoava clara e os problemas se resolviam com um gesto ou uma palavra do Senhor. Naqueles dias era fácil acreditar nas promessas. O futuro era esplêndido, nítido.

Agora não tem o Senhor para o tirar da água e o medo apodera-se dele. Pedro cede à pressão e nega conhecer o Mestre. Conta o Evangelho que, um pouco depois, os seus olhares se cruzam: «Voltando-se, o Senhor fixou os olhos em Pedro; e Pedro recordou-se da palavra do Senhor, quando lhe disse: “Hoje, antes de o galo cantar, irás negar-me três vezes”. E vindo para fora, chorou amargamente» (Lc 22, 61-62). O olhar de Jesus *desbloqueia* a confusão de Pedro. Ao olhar para o Senhor, Pedro consegue ver-se a si mesmo na sua *verdade*, com os olhos de Deus. «Olhai-me—pedia o futuro Bento XVI numa Sexta-Feira Santa— como olhastes para Pedro de Vos ter negado. Fazei com que o vosso olhar penetre nas nossas almas e nos indique o caminho na nossa vida».^[4]

Vermo-nos como somos, ver claramente a nossa própria realidade, pode fazer-nos chorar amargamente como a Pedro. Mas é o único modo de pisar em terra firme e de abandonar a vontade que nos produz pretender ser quem não somos. Necessitamos de olhar para nós próprios com os olhos de Deus e ser capazes de dizer: «sou como sou e assim me quis Deus para algo grande».

S. Josemaria resumia em duas palavras os muitos motivos que tem um cristão para fazer oração: «conhecê-l’O e conhecer-te».^[5] Com efeito, os nossos tempos de conversa com Deus são o momento adequado para obter uma visão serena dos problemas e de nós próprios, para que o novelo dos nossos pensamentos se possa desfazer com a graça de Deus. Também nos ajudarão as orientações que possamos receber na direção espiritual ou nos meios de formação. Confiar em alguém que nos conhece pode servir-nos para descomplicar a realidade e para retirar importância a essa voz interior que se empenha em agitar os nossos pensamentos. De facto, S. Josemaria

afirmava que o objetivo da formação cristã que é facultada no Opus Dei é a simplicidade: «a nossa ascética tem a simplicidade do Evangelho. Complicamo-la ia se fôssemos complicados, se deixássemos o coração sombrio».^[6] Por isso, às vezes, um primeiro passo para ganhar em simplicidade será simplesmente acolher com boa disposição um conselho e ver na presença de Deus como o pôr em prática.

Abandono: *agora* é o tempo do amor

A dificuldade de abandonar-se em Deus pode ter muitas causas: um certo complexo de inferioridade, uma fraca autoestima, a dificuldade de conviver com os próprios erros... Por outro lado, o ritmo de trabalho atual tende a complicar a vida e, em certas ocasiões, o carácter: ao poder fazer mais coisas em cada dia, aumentam as decisões que temos de tomar; as prioridades nem sempre se apresentam com uma clareza nítida; a competitividade social causa-nos pressão e introduz ambições que acabam por pesar na alma.... Desejaríamos viver uma vida simples, mas a realidade é demasiado complicada para isso nos ser permitido.

Perante este panorama, S. Josemaria convida-nos a ocupar-nos do presente, que é o *kairós*, o *tempo oportuno* da nossa santidade. No fim de contas, o *agora* é o único tempo no qual podemos receber a graça de Deus: «Porta-te bem “agora”, sem te lembrares do “ontem”, que já passou e sem te preocupares com o “amanhã”, que não sabes se chegará para ti».^[7] Com efeito, o passado ou o futuro podem acabar por se converter em pesos que nos impedem de discernir claramente a vontade do Senhor. Ele próprio nos diz: «Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema» (Mt 6, 34). Concentrar-nos numa tarefa, sem nos determos excessivamente a avaliar o que pensarão os outros ou que efeitos terá na nossa vida, ajudar-nos-á a focar a nossa vontade e a tirar maior partido dos nossos talentos. Sem dúvida, é necessário ponderar os acontecimentos vividos e planear o futuro, mas isso não nos deve impedir de, pela mão de Deus, nos

concentrarmos em amar aqui e agora, porque só podemos dar e receber o amor neste instante.

Quando se apresenta pela primeira vez aos apóstolos com o seu corpo glorioso, o Senhor ressuscitado percebe a sua agitação: «Porque estais perturbados e porque surgem tais dúvidas nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo» (Lc 24, 38). Os acontecimentos que os seus discípulos viveram nos dias passados entram em contradição com aquilo que vêem; o escândalo da Paixão pesa ainda demasiado nos seus corações; se quem têm à frente é verdadeiramente Jesus, de repente o futuro abre-se de par em par... São tantas as emoções, que o Senhor tem de devolvê-los ao presente com uma pergunta amigável: «Tendes aí alguma coisa que se coma?» (Lc 24, 41).

Jesus volta a uma cena vivida tantas vezes, quando se sentavam juntos a comer e isso retira os seus discípulos da confusão. De igual modo, empenharmo-nos em servir os outros no concreto e em desenvolver com cuidado e por amor as ocupações da vida ordinária, abandonando em Deus aqueles problemas que escapam ao nosso controlo, será o modo mais habitual de evitar que nos enredemos na confusão e de nos tornarmos cada vez mais «simples como as pombas» (Mt 10, 16).

* * *

Ao ler os Evangelhos, podemos descobrir que estamos longe da *fé dos simples*: a fé do povo que, talvez sem muito conhecimento da Lei de Deus, aceitou de bom grado a mensagem de Jesus. Essa aceitação simples da Palavra do Senhor pode contrastar com a nossa dificuldade em confiar n'Ele. Talvez a nossa fé seja às vezes mais *a fé dos complicados*.

Contudo, Deus não deixa de nos convidar em cada instante a recuperar essa harmonia perdida, essa simplicidade que é «como o sal da perfeição».
[8] Necessitamos de ver com clareza o caminho de regresso a casa, ao paraíso. Através da simplicidade, elevar-nos-emos acima dos problemas

com a leveza que dá o amor: conduzidos pela graça, conseguiremos contemplar a realidade com os olhos de Deus.

Juan Narbona



NOTAS

- [1] Sto. Agostinho, Sermão 85, 5.6.
- [2] cf. Ecl 6, 12 e Mt 6, 25-34.
- [3] *Missal Romano*, Sexta-feira Santa, Oração universal.
- [4] Joseph Ratzinger, *Via Crucis*, 2005, 1ª estação.
- [5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 91.
- [6] cf. Cuadernos 3, p. 149 (AGP, biblioteca, P07).
- [7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 253.
- [8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 305.

16. A obediência, abertura do coração

Permanecer aberto à voz de Deus dilata o nosso coração; permite-nos estar, como Jesus, nas coisas do nosso Pai.

Maria e José «iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa» (Lc 2, 41). Todos os varões do povo de Israel eram obrigados a fazê-lo. Como outras mulheres, Maria acompanhou o seu marido nesta viagem de oração e recordação dos prodígios de Deus em favor do seu povo. E Jesus? É possível que tenha começado a acompanhar os seus pais desde muito cedo. Em qualquer caso, sabemos que ele viajou com eles quando tinha doze anos de idade. E, nessa ocasião, aconteceu algo insólito.

Surpresa

Na viagem para Jerusalém e durante a estada na Cidade Santa, tudo correu bem. Também foi assim no primeiro dia da viagem de regresso, ou assim pareceu a Maria e José, até se aperceberem de que o Menino não estava na comitiva. Tiveram de refazer os seus passos. Também não conseguiram encontrá-lo em Jerusalém. Com o passar do tempo, a sua angústia foi crescendo. S. Josemaria imagina Maria e José a chorar de preocupação e impotência: já não sabiam que fazer.^[1]

Ao terceiro dia foram uma vez mais ao Templo, provavelmente para rezar e ver se conseguiam obter alguma pista sobre o paradeiro de Jesus. Talvez alguém, em resposta às suas perguntas, lhes tenha indicado que, com os doutores da Lei, havia um menino que poderia enquadrar-se na sua descrição. De facto, encontraram-no lá e ficaram espantados (Lc 2, 48).

Aqueles que ouviam o Menino também estavam assombrados (Lc 2, 47), embora a razão da sua surpresa fosse diferente da que causou a admiração de Maria e José. Os doutores ficaram espantados com a

sabedoria e as respostas de Jesus. Isto não era novidade para os seus pais. Foi-o, porém, a atuação do Senhor. É por isso que Maria pergunta a razão de um comportamento tão extraordinário: «Filho, porque procedeste assim connosco? Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição» (Lc 2, 48).

A resposta do Senhor não é menos surpreendente do que a sua conduta. De facto, não compreenderam o que lhes disse (cf. Lc 2, 50). Interessa-nos aprofundar esta resposta, pois pode ensinar-nos muitas coisas sobre as disposições de Jesus, a quem queremos imitar. Uma explicação que banalize o dramatismo do diálogo não é suficiente para nós. Por conseguinte, vamos concentrar a nossa atenção em três ensinamentos deste acontecimento. Descobriremos dois deles na atitude do Senhor, o terceiro na reação de Maria.

A vontade do Pai

«Não sabíeis que devo estar na casa do meu Pai?» (Lc 2, 49). É claro que eles sabiam. Com a sua pergunta, Jesus toma-a como certa. Ele quer simplesmente assinalar a ligação entre um comportamento que os surpreendeu e o princípio que o torna compreensível e razoável.

Se a resposta de Jesus deixou perplexos Maria e José, mais uma razão para que a forma como um cristão age possa por vezes surpreender aqueles que ainda não descobriram o amor de Deus, e por isso não aspiram a ser contemplativos, a cultivar uma relação intensa e assídua com Ele. Muito do que um cristão faz parecerá perfeitamente razoável para uma pessoa honesta, mas haverá detalhes que lhe parecerão incompreensíveis, porque o objetivo final para o qual ele está a apontar e a partir do qual está a raciocinar é diferente do seu próprio objetivo.

O desejo de estar nas coisas do seu Pai guia a vida de Jesus Cristo: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou» (Jo 4, 34); «Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice; mas não se faça como eu

quero, mas sim como tu queres» (Mt 26, 39).^[2] E guia a sua vida até ao fim, até à morte, e «morte de cruz» (Fil 2, 8). É precisamente este amor da vontade do Pai que lhe dá um juízo preciso sobre o valor das realidades humanas: «O meu juízo é justo, pois não procuro a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou» (Jo 5, 30).

Este critério é a chave para levar uma vida feliz. Deus é bom, Ele ama-nos ^[3] e deseja a nossa felicidade aqui na terra e para sempre no céu. Ninguém como Ele, nem mesmo nós próprios, sabemos o que contribui para construir essa felicidade, para criar em nós as condições que nos capacitam para descobrir, apreciar e deixarmo-nos conquistar por todo o bem –o próprio Deus, o Espírito Santo– que Ele infunde em nós.

Amar a vontade de Deus não é aceitar submeter-se a regras em vista de um prémio que nos será dado se passarmos certos testes. Trata-se antes de confiar no amor de Deus e de construir as nossas vidas com base nessa confiança, porque sabemos que o Senhor quer partilhar a sua felicidade connosco: «Nós sabemos o amor que Deus nos tem e acreditamos nesse amor. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 4, 16).

Na cena que estamos a considerar, Jesus recorda-nos que vale a pena procurar a vontade de Deus, mesmo que isso signifique sofrimento, e mesmo causar sofrimento. Contudo, por vezes pode ser menos claro para nós como realizar na prática o desejo de fazer o que Deus quer. Qual é a vontade de Deus aqui e agora? Se formos confrontados com a opção de roubar ou respeitar a propriedade dos outros, ou dizer a verdade ou mentir para obter ganhos financeiros, a resposta é óbvia. Mas há muitas outras situações em que é mais difícil discernir, porque várias das opções podem ser boas e temos dúvidas sobre qual é preferível nesse caso particular: a aceitação de um emprego, uma compra, uma viagem, um plano de descanso, uma mudança no nosso horário habitual, e assim por diante.

Podemos pensar em Jesus Menino pensando no que deveria fazer naquela ocasião: devo ficar em Jerusalém para aproveitar esta oportunidade, mesmo não tendo ocasião de avisar os meus pais, ou devo regressar com eles e poupar-lhes o desgosto? Ao tomar a sua decisão, o Senhor ensina-nos que ninguém nos pode substituir nesse discernimento. Somos nós que temos de enfrentar a situação e decidir: a responsabilidade é toda nossa.

Naturalmente, isto não pretende negar o valor dos conselhos de outras pessoas. Pelo contrário. Ninguém nos pode substituir, mas podem ajudar-nos. Basta conhecermo-nos um pouco para nos apercebermos da nossa própria insuficiência e da desordem que o pecado original gera nos nossos desejos, raciocínios e comportamentos. Compreendemos que os nossos sentimentos –amores, medos– podem diminuir a objetividade do nosso julgamento, ou que nos podem faltar dados que só podemos ter se olharmos para a situação de outros pontos de vista. Daí a importância de permanecermos abertos ao que os outros veem. Isto, que é tão óbvio, é por vezes difícil de aceitar; especialmente se o comportamento sobre o qual estamos a deliberar nos atrai ou é difícil para nós. É por isso que é essencial estarmos constantemente dispostos a considerar os conselhos que recebemos de pessoas que nos amam e têm a graça de Deus para nos ajudar; precisamos de os valorizar como ajuda do Senhor para discernir qual é a Sua vontade.

«O conselho de outro cristão (...) é uma ajuda poderosa para reconhecer o que Deus nos pede numa dada circunstância; mas o conselho não elimina a responsabilidade pessoal: somos nós, cada um de nós, que temos de decidir, e teremos de dar pessoalmente contas das nossas decisões a Deus.^[4] Precisamente porque estamos interessados em fazer a vontade de Deus acima de tudo, precisamos dos conselhos dos outros, o que nos ajuda a descobrir os nossos "pontos cegos" quando, no grande e no pequeno, procuramos a resposta para a questão mais importante da vida: Senhor, o que queres de mim?

Por vezes também podemos receber instruções daqueles que têm autoridade para as dar. Nesses casos, a insistência de S. Josemaria em que a obediência não deve ser cega, mas sempre inteligente, é esclarecedora.^[5] Obedecer não significa aceitar sem reflexão uma decisão de outro. A obediência também é inteligente quando a nossa razão julga a melhor forma de seguir a instrução recebida e torná-la nossa. Mesmo nos casos em que algumas circunstâncias nos escapam, a nossa obediência ainda pode ser inteligente e não cega.

Senhor, que queres de mim? Partindo deste ponto de vista, a grandeza desta virtude cristã pode ser compreendida. Quem obedece não se torna pequeno; pelo contrário, torna-se grande pela sua vontade de fazer o que Deus quer, ao ponto de desejar não se enganar a si próprio no discernimento de como o pôr em prática. Ele deseja assemelhar-se ao modo filial como Jesus deseja levar a cabo os planos misericordiosos de seu Pai. É por isso que a obediência requer um grande coração, o coração de uma criança; para sonhar os sonhos de Deus, para aspirar a ser a pessoa feliz que Deus quer que sejamos, para desejar aventurar-se nos seus planos de salvação. A obediência não é, portanto, simples submissão, mas abertura; não é renunciar a ver, mas poder ver também com os olhos de outros que nos amam e que têm a graça de Deus para nos guiar. É superação, com abertura de mente e alma, dessa tendência para nos considerarmos autossuficientes, que por vezes nos impede de ver as coisas com perspectiva e realismo.

Erat subditus illis

No final deste episódio, S. Lucas resume em poucas palavras a série de anos que decorreram entre este acontecimento e o início da vida pública de Jesus: «Ele era-lhes submisso» (Lc 2, 51). *Erat subditus illis*: S. Josemaria descobriu nestas três palavras uma das breves biografias de Jesus Cristo que a Sagrada Escritura nos dá.^[6]

E aqui se encontra o segundo ensinamento que descobrimos na atitude do nosso Senhor: embora a sua natureza divina lhe tenha dado razões mais

do que suficientes para pensar que não precisava de ser guiado pelos seus pais, Jesus ensina-nos que a autoridade humana –na família, na sociedade, na Igreja– deve ser respeitada. Precisamos dela precisamente porque nos ajuda a descobrir o que Deus quer. Evidentemente, a autoridade humana não é infalível, e por isso ninguém é capaz de nos transmitir, sem mais, a vontade de Deus. Mas nós próprios também não somos infalíveis: por vezes podemos enganar-nos. É, portanto, razoável e mesmo necessário confiar naqueles que têm autoridade sobre nós, se o que realmente queremos é fazer a vontade de Deus. Porque, mesmo que não se possa dizer que a indicação concreta que recebemos está necessariamente identificada com o que Deus quer, estamos convencidos de que Deus quer que estejamos prontos para a seguir, por amor.

Assim se compreende melhor por que razão S. Josemaria unia o seu apeço pela obediência ao seu amor pela liberdade: «Sou muito amigo da liberdade, e é precisamente por isso que amo tanto essa virtude cristã,^[7] a obediência. Esta afirmação pode ser uma surpresa para qualquer pessoa que se aproxime dos ensinamentos de S. Josemaria pela primeira vez. Instintivamente, tendemos a pensar na obediência e na liberdade como dois inimigos que lutam para dirigir as nossas ações: se a liberdade prevalece, parece que a obediência é anulada; se a obediência prevalece, parece que a liberdade se retira. Isto é, no entanto, uma falácia. Amamos a nossa liberdade e de forma alguma queremos abdicar dela; queremos ser senhores plenos das nossas ações precisamente para que possamos fazer, porque nos apetece, o que entendemos que Deus quer que façamos. E é precisamente no amor à sua vontade que a obediência encontra o seu lugar e a sua razão de ser.

A autêntica obediência cristã é sempre obediência a Deus, e a filiação divina é o seu apoio, a sua razão de ser. Isto está claro na declaração de S. Josemaria que acabamos de citar, que continua: «Devemos sentir-nos filhos de Deus e viver com o empenho de cumprir a vontade do nosso Pai, de realizar tudo segundo o querer de Deus, *porque nos dá na gana*, que é a

razão mais sobrenatural.^[8] Encanta-nos estar nas coisas do nosso Pai Deus, porque nos apetece. O critério da autoridade humana ajuda-nos a descobrir o que Deus quer para nós, ou seja, o que significa aqui e agora o que nós queremos profundamente. E mesmo se por vezes não vemos claramente a linha de ação proposta, devemos confiar no desejo de nos ajudar que a anima, e continuamos a ser plenamente livres. Esta abertura, esta disponibilidade que está enraizada na nossa liberdade como filhos de Deus, reforça a abertura da nossa razão, a inestimável capacidade de nos deixarmos guiar, de manter uma mente aberta, de ver com os olhos dos outros e de adotar um ponto de vista diferente do nosso: uma capacidade que nos interessa muito formar.

A obediência ajuda-nos, então, a realizar o que desejamos profundamente. Se, pelo contrário, seguir Jesus Cristo e estar nas coisas do seu Pai –do nosso Pai– não é o nosso desejo mais profundo, aquele que explica todos os outros, a obediência perde o seu significado^[9] e é vista como um inimigo da liberdade, como um obstáculo para fazer o que queremos.

Em linguagem corrente, é frequente chamar obediência ao ato de executar as decisões ou orientações de autoridade. Mas não nos interessa apenas a obediência como um ato pontual, mas como uma virtude, porque queremos assemelhar-nos a Jesus Cristo. Não basta responder afirmativamente à pergunta: «Fiz o que me foi ordenado ou sugerido?». Poder-se-ia responder sim e ainda assim não ser totalmente obediente. Quem simplesmente aceita uma indicação sem a tornar sua, sem liberdade, está apenas a obedecer materialmente, mas isso não é a obediência de Jesus Cristo. Quem agir desta forma talvez esteja a fazer algo bom, mas não se pode conformar com isso, porque o objetivo é muito mais elevado, e é de facto irrenunciável: renunciar a isso significaria renunciar a ser livre, com a liberdade para a qual Jesus nos libertou (cf. Gal 5, 1).

No fundo, sou plenamente obediente quando faço o que me é pedido porque o quero fazer. E quero fazê-lo porque estou convencido que Deus conta com a minha docilidade. Cheguei a esta convicção porque tenho confiança Nele, que assiste com a Sua graça aquele que me instrui, e também confio na prudência e na experiência dessa pessoa. Nestes casos, vejo aquele que tem autoridade como alguém que me mostra o que vale a pena fazer, o que Deus quer. Sou livre não quando obedeço "se quiser", mas quando obedeço "porque quero".

Ouvir Maria

Voltemos agora à surpreendente resposta de Jesus aos seus pais, aliviados após aqueles dias de angústia, mas perplexos com o seu comportamento invulgar: «Por que me procuráveis, não sabíeis que devo ocupar-me dos assuntos do meu Pai?» O leitor do Evangelho pode facilmente imaginar a sua própria reação a uma tal resposta: Porque é que te procurávamos? não tínhamos de o fazer? devíamos ter ficado tranquilos, indiferentes ao que te acontecia? era isto que esperavas de nós? Maria reage com mais calma.

É normal que por vezes não compreendamos uma indicação ou um conselho. Consideremos outras palavras de S. Josemaria: «Muitas vezes [Nosso Senhor] fala-nos através de outros homens, e pode acontecer que, à vista dos defeitos dessas pessoas ou pensando que não estão bem informadas ou que talvez não tenham entendido todos os dados do problema, surja uma espécie de convite a não obedecermos». Neste ponto o leitor talvez espere ser alertado para o perigo de tais pensamentos. No entanto, S. Josemaria continua: «Tudo isto pode ter um significado divino, porque Deus não nos impõe uma obediência cega, mas uma obediência inteligente.^[10]

Um significado divino: através destas dúvidas, Deus diz-nos que quer que obedeçamos inteligentemente, sem declinar a nossa responsabilidade. Devemos expressar o nosso ponto de vista, as nossas convicções, «mas

sejamos honestos connosco próprios: examinemos, em cada caso, se é o amor à verdade que nos move, ou o egoísmo e apego ao nosso próprio julgamento.^[11] Por vezes, de facto, «pode acontecer que se procure conselhos que favoreçam o próprio egoísmo, que com a sua suposta autoridade silenciem o grito da própria alma, e mesmo que se mude de conselheiro até se encontrar o mais benevolente.^[12] Se não tivermos formado a atitude habitual de que a verdade é mais importante para nós do que o nosso próprio julgamento –em suma, se não formos obedientes– é fácil que nos enganemos, agora ou no futuro. A ira ou desorientação impedir-nos-á descobrir o que o Senhor nos quer dizer através do que é então incompreensível para nós.

Maria também não compreendeu (Lc 2, 50). Mas não se revoltou. Ela amava a vontade de Deus acima de tudo e sabia muito bem que há coisas que só com o tempo chegamos a compreender. «A sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2, 51).^[13] Nossa Senhora não vivia apenas externamente, mas considerava repetidamente os acontecimentos da sua vida, a fim de descobrir neles a ação de Deus. Maria escutava, que é o que em última análise significa ser obediente, *ob-audiens*: prestar atenção, permanecer à escuta. O tempo trabalha a favor daqueles que ouvem, confiam e perseveram calmamente na oração serena: permanecendo abertos à voz de Deus, descobrirão, como ela, esse *significado divino* e acabarão por ficar gratos mesmo na escuridão desses momentos difíceis.

Maria perseverou em oração. Passaram-se vinte anos e o seu Menino desapareceu novamente. Novamente três dias. Novamente em Jerusalém. Mas nessa altura ela já sabia que não tinha de se preocupar em procurá-lo, porque Ele estava nas coisas de Seu Pai. E talvez ela tenha agradecido ao Senhor por aquelas palavras desconcertantes dos seus lábios infantis: elas agora sustentavam a sua esperança no meio de uma tristeza que de outra forma a teria esmagado.

À sua intercessão confiamos que o Senhor nos concederá um grande coração, capaz de ordenar tudo nas nossas vidas à vontade de Deus. Um coração que é livre e aberto, que não se deixa encerrar na sua própria visão estreita. Um coração capaz de descobrir a ação de Deus nas nossas vidas, mesmo através de instrumentos humanos imperfeitos. Um coração capaz de ouvir e esperar, a fim de descobrir os frutos da sua ação nas nossas almas.

Julio Diéguez



NOTAS

[1] cf. S. Josemaria, *Santo Rosário*, quinto mistério gozoso.

[2] cf. também, por exemplo, Heb 10, 5-7 e muitas outras passagens.

[3] cf. por exemplo Is 49, 15: «Pode uma mãe esquecer o seu filho... Pois ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de ti».

[4] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 93.

[5] cf. S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 17.

[6] cf. *ibid.*

[7] *Ibid.*

[8] *Ibid.*

[9] Talvez o único valor que se conservasse fosse o de facilitar a eficácia de uma organização. Mas a obediência a Jesus Cristo não se reduz a isso.

[10] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 17.

[11] *Ibid.*, n. 17.

[12] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 93.

[13] cf. también Lc 2, 19.

17. A força delicada da confiança

A confiança descobre as potencialidades que estão escondidas dentro de cada um. Faz-nos crescer de forma natural, harmoniosa. Torna-nos capazes de mais.

Ninguém é um verso solto: «formamos todos parte de um mesmo poema divino».^[1] Os relatos individuais que tecem a história dos homens são entrelaçados por relações de filiação, fraternidade, amizade. O nosso coração dá os primeiros latejos graças à vida dos outros, e depois será continuamente encorajado, consolado, fortalecido – também ferido – por aqueles que partilham connosco o caminho da vida. O facto de dependermos deles, e eles de nós, não é um efeito colateral do pecado original, ao qual devemos resignar-nos, mas algo constitutivo do nosso ser à imagem de Deus.

Embora a nossa vida em sociedade às vezes pareça uma corrente frenética que tende a nos tornar individualistas, sabemos que só somos plenamente nós mesmos na relação, na interdependência: só nos encontramos quando estamos prontos para sair de nós mesmos. Quem descobre plenamente esta realidade deixa de ver nos seus próprios limites obstáculos que o impedem de ser feliz. Os relacionamentos são-lhe então revelados como pontes que expandem o seu mundo.^[2] Mas nem todos fazem essa descoberta, ou não na mesma medida, e por isso, em igualdade de condições de posição social, educação, carácter, diferentes pessoas podem viver de formas radicalmente diferentes, dependendo da qualidade dos seus relacionamentos: alguns, perdidos numa multidão solitária; outros, sempre acompanhados e sempre acompanhantes.

Um olhar transformador

No final do Seu tempo na terra, Jesus diz aos apóstolos: «a vós chamei-vos amigos» (Jo 15, 15). Aquele que é perfeito Deus e perfeito Homem, o modelo a que nos voltamos para aprender a ser humanos, percorre o caminho da vida de mãos dadas com os outros. É algo que já percebemos desde o primeiro encontro com os Doze: Jesus estabelece com cada um deles uma relação que avança num crescendo de conhecimento, de amizade, de amor, até entregar-lhes o Seu coração aberto. O leitor do Evangelho conhece as limitações, os defeitos daqueles que mais tarde seriam pilares da Igreja. Ele não os viu? Obviamente que sim, mas a palavra do Verbo é criadora; o Seu olhar de amor potencia-os, porque é um olhar cheio de confiança. Esses homens rudes sabem que são amados, escolhidos e crescem mais do que qualquer um ousaria esperar, porque percebem a confiança do Senhor neles. Isso também acontece nas nossas vidas, quando captamos o amor que Deus tem por nós. Embora muitas vezes falemos sobre a importância de crer em Jesus, não podemos esquecer que o que mais nos transforma é que Ele confia em nós. Sim, um sinal seguro de que a nossa fé está amadurecendo é que nos apoiamos cada vez mais na confiança que Deus tem em nós.

Vejamos o discípulo que permaneceu fiel a Jesus ao pé da cruz. Qual é o segredo da sua fortaleza? Talvez precisamente o modo como se refere a si mesmo: "o discípulo amado". João descobre a sua identidade no facto de ser amado por Jesus: isto expande as suas forças, o seu coração e torna-o capaz de uma fidelidade admirável. O seu relato da última ceia reflete até que ponto se tinha introduzido, pela confiança, no coração de Jesus. Assim é: a confiança permite-nos aceder a um conhecimento muito mais profundo do que é possível apenas com a razão.

Assim como entrou na vida dos Apóstolos, Seus amigos, Deus quer entrar na nossa. Também a nossa amizade com Ele pode então seguir esta linha ascendente, para que a nossa capacidade de amar se expanda cada vez mais. Com profundo respeito pela nossa liberdade, Jesus oferece-nos a Sua amizade, na qual se manifesta uma confiança que revela quem somos para

Ele.^[3] Para crescer e exercer livremente a nossa liberdade, precisamos de ter uma certa autoconfiança; uma segurança baseada, sobretudo, em saber que alguém como Ele (e quem como Deus?) aposta em nós... Tal convicção torna possível o crescimento, porque quando algo de bom nos custa, quando não nos vemos como capazes de melhorar a nós mesmos, a confiança de Deus em nós fortalece a nossa. A confiança sincera descobre as potencialidades que se escondem dentro de cada um, muitas vezes soterradas pela baixa autoestima ou pelo medo de fracassar, e encoraja a desenvolvê-las ao serviço dos outros: faz-nos crescer naturalmente, harmoniosamente; torna-nos capazes de mais.

É assim que Jesus ama os Seus: sabe quem escolheu, conhece-os melhor do que ninguém – melhor do que eles próprios – e aposta neles. Sabe até onde podem chegar e, contando com o tempo e a sua correspondência, vai-os levando aos poucos; não tem pressa em formá-los, pois sabe que esta é uma arte que exige paciência. Ele é um bom professor e sabe "perder" tempo com eles, assim como fazem os amigos. Conquista a confiança dos entes queridos com o Seu carinho e facilita o conhecimento mútuo com a Sua paciente disponibilidade, com a Sua compreensão. Este modo de querer, tão divino e tão humano, cria uma verdadeira amizade entre o mestre e os discípulos, que os envolve e faz aflorar o que há de melhor neles.

Deixando Deus entrar até ao fundo

Ao Senhor: «interessam-Lhe as tuas alegrias, os teus êxitos, o teu amor e também as tuas dificuldades, a tua dor, os teus fracassos».^[4] Por isso, é necessário falar-Lhe com confiança, abrir-Lhe amplamente o coração, partilhar com Ele tudo o que é nosso. Quando realmente confiamos em alguém, tiramos as máscaras que usamos para nos proteger noutros momentos: naquele momento elas parecem inúteis; sentimos que podemos ser nós mesmos sem medo. Essa confiança revela a verdade do nosso ser e dá-nos uma grande liberdade interior. Sabendo que não há amizade mais

sincera do que a d'Ele, podemos deixá-l'O entrar até ao fundo na morada da nossa alma. Vamos deixá-l'O na sala, onde recebemos os convidados?

À medida que a amizade cresce, o natural será que queiramos mostrar-lhe todos os cantos da nossa vida: a sala de trabalho, para que nos veja a fazer o nosso trabalho escondido; a sala de jogos, onde estão as coisas que nos entusiasma, os sonhos que nos movem; também mostraremos a arrecadação, cheia de coisas, algumas mais úteis do que outras, e as peças que foram quebradas pelo caminho. Se nos dermos a conhecer, se acendermos as luzes...Ele iluminará os cantos que parecem escuros e nos ajudará a ver aqueles espaços nos quais devemos pôr ordem. E fá-lo-á com clareza, mas sobretudo inspirando esperança, porque o Seu olhar não é um olhar que julga, que intimida; é um olhar de amor que fortalece e eleva: é um olhar criativo e redentor.

A confiança leva à confiança

O amor humano, nas suas melhores expressões, fala-nos do amor de Deus. Experimentar o impulso da confiança numa amizade, descobrir que alguém acredita em nós, é algo que nos move a dar o melhor de nós: percebemos que assim deve ser o olhar de Deus. É por isso que também devemos tentar olhar para os outros como Jesus; aprender com Ele a ser luz para os que estão ao nosso redor. À medida que experimentamos o valor transformador da confiança em Deus, vemos a necessidade de oferecê-la aos outros.

«Deus serve-Se muitas vezes de uma amizade autêntica para realizar a Sua obra salvadora».^[5] A confiança que os bons amigos têm uns nos outros é muitas vezes o meio que Deus nos oferece para nos fazer ver o que talvez não nos atrevamos a enfrentar sozinhos. Se tivermos a sorte de ter amigos verdadeiros, pessoas que nos querem bem, melhores, felizes, e nos atrevermos a abrir-lhes esses espaços de intimidade, teremos experimentado muitas vezes que o nosso mundo interior se enriquece ao partilhá-lo.

Quando há um clima de confiança, não há medo de que os outros vejam as nossas fragilidades e lutas, nem de compartilhar projetos e sonhos. Sabemos que quem nos ama nos ajudará justamente a superar os nossos limites e evitar que se transformem em barreiras. Na dinâmica humana de dar e receber, dar implica partilhar a nossa singularidade, mostrar-nos com autenticidade. Chegar a este ponto dá-nos uma grande liberdade, mas exige o esforço de sair de nós mesmos: a disposição de nos expormos, mesmo sabendo que isso nos torna vulneráveis. A confiança exige confiança, e o risco de ser feridos não é comparável com o ganho que supõe amar e ser amado.

Palavra que fortalece, que cura, que anima

A confiança é a base para qualquer relacionamento funcionar; para que as pessoas cresçam pessoal e profissionalmente; para todos os trabalhos de formação. Por isso, quando queremos ajudar outras pessoas, destacamos imediatamente a importância da escuta, a compreensão ou a paciência, etc., mas na realidade precisamos de muito mais: confiar nas pessoas leva-nos a olhar para elas com otimismo, a acreditar nelas, a projetar as suas potencialidades, a ter esperança no que podem vir a ser, para que também nos emocionemos com as suas lutas.

«Seguindo o exemplo do Senhor – escreve S. Josemaria – compreendi os vossos irmãos com um coração muito grande, não tenhais medo de nada e amai-vos de verdade. (...) Sendo muito humanos, sabereis superar os pequenos defeitos e ver sempre, com compreensão materna, o lado bom das coisas».^[6]

Agir assim não implica afastar-se da realidade, deixar de ver os limites ou defeitos dos outros. Se lhes queremos bem, querê-los-emos ainda melhores: conhecendo-os e amando-os como são, pela amizade e fraternidade que nos une, poderemos alertá-los dos possíveis perigos que lhes possam escapar, ou poderemos sugerir-lhes algo que podem não entender à primeira vista, e nós acompanhá-los-emos na descoberta do bem

que se esconde por trás dessa nova perspectiva.^[7] O afeto sincero para com o outro possibilita um clima de liberdade, de confiança, que se manifesta na clareza com que explicamos porque vemos que é conveniente que se esforce em determinado ponto de luta, de modo que se sinta acompanhado por nós ao longo do caminho, e não forçado a agir irracionalmente. «A função do diretor espiritual é ajudar a alma a querer – a que lhe dê na gana – cumprir a vontade de Deus».^[8]

Às vezes pode suceder-nos, ao querer ajudar alguém que parece não ouvir, deixarmo-nos levar pelo preconceito de que na realidade não quer, não se deixa levar. Não podemos esquecer que somos frágeis, e que o caminho, além de aprendizagens, às vezes deixa feridas que demoram a cicatrizar. Não poucas vezes, a dor causada por esses golpes leva à construção de barreiras que isolam, protegem de possíveis sofrimentos, mas também dificultam a recuperação da confiança necessária para continuar a crescer.

A palavra que fortalece, que cura, que anima, é a palavra mais puramente humana. Só se houver confiança, afeto sincero, livre, nos conectaremos com o outro, e a nossa palavra participará, com a graça de Deus, do Seu poder criador: será então uma manifestação do Seu amor, e ajudará a curar aquelas feridas. «Deus conhece cada um de nós em profundidade, mesmo os setores de sofrimento, e olha para todos nós com ternura. Aprendamos do Senhor a olhar para todos desta forma, a compreender a todos (...) a colocar-nos no lugar do outro».^[9] Temos que ter paciência e semear confiança com amor, com detalhes que mostrem o nosso interesse sincero. Deus quis que precisássemos uns dos outros, e Ele atua na história da humanidade por meio de homens e mulheres, contando com cada um para que nos ajudemos mutuamente.

Quem tem responsabilidade sobre os outros deve estar preparado para o risco de querer sempre dar soluções ou respostas. Às vezes, quase inconscientemente, podemos pensar que ajudamos o outro quando fazemos

com que ele assuma a nossa forma pessoal de obter os melhores resultados. Porém, a tarefa da formação não é fazer o outro caminhar como queremos. Pretender que os outros se ajustem a determinados moldes pré-determinados não lhes permite abrir horizontes; ao contrário, poderia sujeitá-los à frustração daqueles que não conseguem cumprir certas expectativas.

Na realidade, uma boa formação é aquela que faz de cada pessoa, pela mão de Deus, o verdadeiro protagonista da sua vida. Quem quiser colaborar nessa tarefa tem o papel de acompanhar, de facilitar o autoconhecimento, fazer boas perguntas que ajudem a refletir, dando mais pistas do que respostas, mesmo que isso exija mais esforço. Quando é cada um que descobre um horizonte e traça uma meta, o esforço para alcançá-la é muito mais eficaz, porque nasce de um motor interno. Mesmo que leve mais tempo para alcançar os "resultados" que se esperam, o próprio esforço configurará a pessoa de maneira boa, estável e virtuosa. O facto de tê-lo experimentado tantas vezes na própria carne nos levará a dar sempre grande importância à iniciativa pessoal e a estimular o protagonismo de cada um.

A confiança nasce onde se percebe o amor de Deus, que é paciente, não se irrita, não faz contas do mal, mas tudo perdoa e tudo crê (cf. 1Cor 13, 4-7). Quem ama assim torna-se um mestre, um ponto de referência firme, uma força delicada que leva os outros muito mais longe do que parece. Quantas surpresas temos quando respeitamos esse solo sagrado que são os outros! O Espírito Santo pode então ajudá-los a ser a melhor versão de si mesmos. Se tivermos esperança no que eles podem chegar a ser, se confiarmos na graça e em todo o bem que Deus neles coloca, dar-lhes-emos asas para voar.

Carmen Córcoles



NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 111.

[2] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1937.

[3] cf. *Sl 8*, 5-7: «que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares? Quase fizeste dele um ser divino; de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos».

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 218.

[5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/11/2019, n. 5.

[6] S. Josemaria, *Carta 27*, n. 35.

[7] cf. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 3-6.

[8] S. Josemaria, *Carta 26*, n. 38.

[9] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 15.

18. Liberdade interior, ou a alegria de seres quem és

Encontrar o seu centro no amor de Deus é tudo o que a nossa liberdade precisa para nos tornarmos pessoas únicas, felizes, que não se trocariam por ninguém.

A fama de Jesus espalhou-se por toda a Galileia. Era um mestre diferente dos outros: falava com autoridade, e a Sua palavra impressionava... até os demónios. Depois de pregar em vários lugares, «veio a Nazaré, onde tinha sido criado» (Lc 4, 16). S. Lucas situa esta cena no início da vida pública. A história é tão densa que pode ser vista como um "evangelho dentro do evangelho": em poucas linhas não só se abre solenemente a missão do Senhor, mas sintetiza-se toda a Sua vida.^[1] Jesus vai à sinagoga e levanta-Se para ler. Entregam-Lhe o pergaminho do profeta Isaías: «Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor. Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: “Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir”» (Lc 4, 17-21). Jesus apresenta a Sua condição de Messias em termos inequívocos, e fá-lo com um texto que destaca o dom da liberdade. Isso é o que nos veio dar; veio para nos libertar do cativo e da opressão do pecado.

A liberdade: os primeiros cristãos sabiam que este dom estava no centro da sua fé, e por isso S. Paulo fará dele um tema constante nas suas cartas. Jesus liberta-nos do peso do pecado e da morte, do destino cego que pesava

sobre as religiões pagãs, das paixões desordenadas e de tudo o que torna miserável a vida do ser humano na terra. No entanto, a liberdade não é apenas um dom, mas também ao mesmo tempo uma tarefa. Como escreve o Apóstolo dos Gentios, «Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão» (Gl 5, 1). É preciso, pois, resguardar a liberdade, fazer jus a este dom e não se abandonar de novo à comodidade da escravidão. Os primeiros cristãos tiveram essa convicção marcada com fogo; e nós? Muitos de nós fomos batizados quando éramos recém-nascidos. Que podem significar para nós as palavras de Isaías que o Senhor citou em Nazaré? E aquele chamamento a viver em liberdade, sem nos submetermos, de que fala S. Paulo?

Se fosse apenas uma questão de poder escolher

Quando falamos em liberdade, muitas vezes pensamos numa condição simples, uma qualidade das nossas ações: atuo livremente quando posso fazer o que quero, sem que ninguém me obrigue ou coaja. É a experiência de liberdade que temos quando podemos escolher por nós mesmos. Diante de uma pergunta como, por exemplo: «Vai comer bolo de chocolate ou fruta?», quem pode escolher qualquer um dos dois parece mais livre e escolhe o que prefere, pelo motivo que considera mais adequado. Já o diabético é obrigado a pedir fruta. Nesse sentido preciso, quem mais pode escolher é mais livre: quem tem mais alternativas e menos elementos que determinam uma direção. É por isso que ter dinheiro dá uma grande sensação de liberdade: abrem-se muitas oportunidades que se fecham a quem não o tem. Também a ausência de compromissos dá uma grande sensação de liberdade, porque aparentemente não há nada que dite ou restrinja as próprias decisões.

É claro que a ausência de coerções faz parte da condição de liberdade, mas não a esgota. De facto, alguns dos modelos de liberdade que percorreram a história viveram atrás das grades. O exemplo de Tomás Moro

na Torre de Londres é paradigmático. Do ponto de vista da escolha, ele não era absolutamente livre; e, no entanto... O mesmo vale para personagens mais recentes, ou para os primeiros mártires. Toda a forma de perseguição é uma tentativa de acabar com a liberdade, mas não existe uma forma meramente externa de fazê-lo. Por isso, Jesus diz: «Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma» (Mt 10, 28). A liberdade não é simplesmente uma condição, mas a capacidade de decidir – ou tomar partido por um tipo de conduta – no mais íntimo de nosso ser, para lá do que ditam as circunstâncias em que nos movemos.

Por outro lado, a liberdade que experimentamos nas nossas escolhas específicas tende a ter um alcance bastante reduzido. Quando pensamos em pessoas que entraram para a história pela forma como viveram a sua liberdade, não é isso o que costuma destacar. Podemos rever mentalmente os nomes de três ou quatro pessoas – conhecidas de todos ou simplesmente próximas de nós – que consideramos modelos de liberdade. Que se destaca na sua vida? Que os torna modelos para nós? Certamente não os admiramos porque souberam escolher sempre que comida preferiam, ou porque, para trocarem de parceiros quando quisessem, nunca se casaram. Trata-se mais de pessoas que se libertaram de tudo que poderia prendê-las, para se entregarem totalmente a algo (uma causa digna) ou a alguém; dar toda a vida. E são exemplos de liberdade justamente porque carregam essa dedicação até ao fim. Se Tomás Moro tivesse jurado lealdade a Henrique VIII contra a sua consciência, mesmo que o tivesse feito livremente, não teria entrado na história da mesma forma que aconteceu. Se S. Paulo, em vez de se esforçar por dar a conhecer Cristo até ao ponto de dar a vida por Ele, tivesse decidido abandonar a sua vocação e restabelecer-se como tecelão de tendas, ainda que o tivesse feito livremente, não pareceria um modelo de liberdade. Assim, para compreender plenamente a liberdade, é necessário ir além da simples capacidade de escolha.

Um tesouro pelo qual dar a vida

O Evangelho fala-nos de uma experiência de liberdade que consiste precisamente em renunciar a qualquer possibilidade de escolha: «O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola» (Mt 13, 44-46). As personagens destas breves parábolas deixam tudo por algo que merece a pena. Renunciam a escolher, comprometem-se totalmente com algo e não sentem que estão a ficar sem liberdade, mas a fazer, com ela, o melhor que podem. Na verdade, esta é a experiência de qualquer apaixonado. Não se importa de não poder sair com outras pessoas: deu tudo por aquela que ama; só quer amá-la e apaixonar-se por ela cada dia mais. E não lhe parece que assim esteja a desperdiçar a sua liberdade: pelo contrário, compreende que não pode fazer nada melhor com a sua liberdade do que amar aquela pessoa, aquele tesouro, aquela pérola valiosíssima.

Já só esta consideração permite perceber que a liberdade de escolha, ainda que seja uma dimensão da liberdade, se ordena a outra mais profunda: aquela que consiste em poder amar algo (ou alguém). Essa outra dimensão poderia ser chamada de *liberdade de adesão*. É a liberdade que praticamos quando amamos e que nos permite compreender que «a liberdade e a entrega não se contradizem; apoiam-se mutuamente».^[2] Ao dar a vida inteira, não se perde a liberdade, mas vive-se com maior intensidade: «Na entrega voluntária, em cada instante dessa dedicação, a liberdade renova o amor e renovar-se é ser continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios».^[3] Quando, depois de um dia intenso, só temos um tempo livre no final do dia e, percebendo que ainda não dedicámos tempo à oração, resolvemos fazê-lo em vez de descansar assistindo ao noticiário, estamos a usar a nossa liberdade num sentido que sustenta a nossa entrega; a chave que resolve esse dilema sem criar conflitos é, mais uma vez, o amor. Da mesma forma, a mãe de família, ao cuidar, por amor, de um filho doente que muda os seus planos, fá-lo

livremente, e essa dedicação dá-lhe uma alegria que não conseguiria fazendo o que lhe apetecia ou lhe convinha naquele momento.

Mas ainda podemos dar um passo adiante. Quando abraçamos algo (ou alguém) com toda a nossa vida, esse amor vai-nos configurando, faz-nos ser cada vez mais "nós mesmos": uma pessoa única, com nome e apelido. Por exemplo, Teresa de Calcutá. Imaginemos por um momento que lhe ofereciam uma vivenda para passar os seus últimos anos em paz e uma ONG para cuidar dos pobres de quem ela cuidava. Que teria respondido? A liberdade com que viveu a sua vida não consistia em poder deixar tudo e ir descansar tranquilamente, mas precisamente em abraçar com toda a sua vida uma coisa boa – Cristo presente nos mais pobres – e despojar-se, por sua vez, de tudo aquilo que entorpecesse esse ideal.

Na verdade, poderíamos facilmente encontrar exemplos semelhantes na vida de muitos outros santos e santas. Em todo o caso, o que os moveu foi o desejo de serem fiéis ao Amor ao qual tudo deram; responder ao chamamento que os tinha enviado ao meio do mundo, com uma missão que ia formando as suas vidas. Podemos recordar, por exemplo, o que o S. Josemaria escreveu em 1932: «Dois caminhos se apresentam: que eu estude, consiga uma cátedra e me torne sábio. Eu gostaria de tudo isso e vejo que é viável. Segundo: que eu sacrifique a minha ambição, e até o nobre desejo de saber, contentando-me em ser discreto, não ignorante. O meu caminho é o segundo: Deus quer-me santo e quer-me para a Sua Obra».^[4] Isso é o que se pode chamar liberdade interior: a fonte que explica que as minhas ações não respondem ao capricho de um momento, nem a mandatos externos, nem mesmo ao frio valor objetivo das coisas, mas a esse tesouro escondido pelo qual eu dei tudo: o Amor que veio procurar-me e me chama a segui-l'O. A partir desse chamamento, muito melhor do que de uma série de obrigações externas, compreendem-se as loucuras dos santos.

Logicamente, agir com liberdade interior não significa que não existam coisas que nos custem. No plano da nossa vida quotidiana, Mons. Ocáriz recordou com frequência algo que S. Josemaria costumava dizer: «Não é lícito pensar que só é possível fazer com alegria o trabalho que gostamos».

[5] Glosando esta frase, escreveu: «Podemos fazer com alegria – e não de má vontade – o que custa, o que não agrada, se o fazemos por e com amor e, portanto, livremente».

[6] Faz-se com total liberdade, porque se entende que dá resposta ao amor que levamos no coração. Ou seja, talvez hoje não me apeteça muito, talvez não compreenda bem porque tenho de fazer precisamente isto..., mas faço-o porque sei que faz parte do amor que abracei com a minha vida, e na mesma medida sou capaz de amá-lo. Quando atuo dessa forma, não o faço automaticamente ou simplesmente porque “tem que ser feito”, mas “por e com amor”, com voluntariedade atual. Com o tempo, o que agora faço contra a corrente, movido pelo amor a quem dei a minha vida, adquirirá o seu significado mais profundo. «Perceber a própria vocação como um dom de Deus – e não como uma simples sobreposição de obrigações –, mesmo quando sofrermos, é também uma manifestação da liberdade de espírito».

[7]

A liberdade como resposta

Na sua conceção de liberdade, uma parte importante da cultura atual muitas vezes não consegue ver para além da capacidade de escolher a cada momento sem qualquer coerção ou determinação: parece que, se isso for questionado, a liberdade desaparece. Porém, é um facto que escolher uma coisa muitas vezes significa renunciar a outras; que querer não significa necessariamente poder, e que o que nos parece um projeto firme pode facilmente naufragar. A antropologia cristã propõe uma relação muito mais harmoniosa e serena com a liberdade, a partir do momento em que a entende como um dom e um chamamento. Fomos «chamados à liberdade» (Gl 5, 13); e não a uma liberdade amorfa ou sem sentido, mas à "liberdade gloriosa dos filhos de Deus" (Rm 8, 21). A verdade da nossa filiação divina é o que nos torna livres (cf. Jo 8, 31-32). Por isso, a nossa liberdade não é

uma atividade espontânea, que brota sem saber de onde nem para onde. A nossa liberdade é, na sua dimensão mais profunda, uma *resposta* ao Amor que nos precede. É por isso que S. Josemaria poderia descrever a vida interior, no que diz respeito à luta, como um atuar «*porque nos dá na gana* (...) corresponder à graça do Senhor».^[8] Abraçamos livremente Aquele que "nos amou primeiro" (cf. 1Jo 4, 19), e tentamos com todas as nossas forças retribuir esse amor. E isso, que pode parecer um tanto abstrato, na verdade tem algumas consequências muito concretas. Por exemplo, diante das diversas escolhas que fazemos todos os dias, poderíamos perguntar-nos: "vou fazer isso, onde me leva? Está de acordo com o amor de Deus, com a minha condição de filho?".

Por outro lado, quando vivemos a liberdade como resposta, descobrimos que não há motor mais poderoso na nossa vida do que manter viva a memória do Amor que nos chama. Isso também é verdade no plano humano: não há força maior, para qualquer pessoa, do que a consciência de ser amado. Como a apaixonada que sabe que o seu amado conta com ela: «A voz de meu amado! Ei-lo que chega, correndo pelos montes, saltando sobre as colinas. (...) Ei-lo que espera, por detrás do nosso muro, olhando pelas janelas, espreitando pelas frinchas. (...) Levanta-te! Anda, vem daí, ó minha bela amada! Eis que o inverno já passou, a chuva parou e foi-se embora» (Ct 2, 8-11). Aquele que se sabe assim amado por Deus, chamado a incendiar o mundo inteiro com o Seu amor, está disposto a fazer o que for preciso. Tudo lhe parece pouco em comparação com o que recebeu. Dirá, como algo óbvio: «Que pouco é uma vida para oferecê-la a Deus».^[9] Dar-mo-nos conta de que «Deus nos espera em cada pessoa (cf. Mt 25, 40) e quer tornar-se presente nas suas vidas, também através de nós, leva-nos a procurar dar, a mãos cheias, aquilo que recebemos. E na nossa vida, minhas filhas e meus filhos, recebemos e estamos a receber muito Amor. Dá-lo a Deus e aos outros é o ato mais próprio da liberdade».^[10]

Não há medo ou mandato externo que mova um coração como a força da liberdade que se identifica com o seu Amor, nos mínimos detalhes. S.

Paulo dizia-o com a convicção de quem o viveu plenamente: «Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso» (Rm 8, 38-39). Logicamente, para que o Amor de Deus tenha essa força em nós, precisamos de cultivar uma profunda intimidade com Ele, antes de mais na oração. Ali, contemplando o Senhor, aprendemos o caminho da liberdade, e ali também abrimos o coração à ação transformadora do Espírito Santo.

Que a verdadeira liberdade assuma a forma de uma resposta, de um grande “sim”, tem também a ver com parte da herança que, humanamente, S. Josemaria quis deixar aos seus filhos: o bom humor.^[11] Não é simplesmente um traço de personalidade, mas uma verdadeira força – *virtus* – da liberdade. Se a vida do cristão se baseasse numa decisão ética, na luta para concretizar uma ideia, *quase* todos acabariam por alguma forma de esgotamento, desânimo ou frustração. Não todos, porque há temperamentos mais fortes, que até se estimulam ao serem forçados a nadar contra a corrente, mas quase todos. No entanto, a situação é muito diferente se a vida cristã tem origem no encontro com uma Pessoa que veio à nossa procura.^[12] Esta origem é a mesma que nos sustenta enquanto buscamos a meta com todas as nossas forças, por poucas que nos pareçam: «Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro, para ver se o alcanço, já que fui alcançado por Cristo Jesus» (Fl 3, 12). Foi Ele quem nos alcançou, quem se fixou em nós, quem acreditou em nós. Por isso, se sentimos a nossa pequenez, a nossa miséria, o barro – *húmus* – de que somos feitos, a nossa resposta será tão humilde como cheia de humor: responderemos a partir de um olhar que, «para além do que vemos de forma imediata e simples, nos permite ver o lado positivo – e, por vezes, até divertido – das coisas e das situações».^[13] Claro que somos feitos de barro; se em algum momento tentamos voar, não é porque perdemos isso de vista, mas porque existe Alguém que nos conhece melhor do que nós mesmos e que nos convida a dar esse passo.

O diálogo que o profeta Jeremias estabelece com o Senhor (Jr 1, 5-8) é muito bonito – e tem a sua graça –. Poucos profetas sofreram tanto quanto ele para tornar a palavra de Deus presente no meio do Seu povo. A iniciativa tinha sido de Deus: «Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações». Jeremias, por sua vez, não parece perceber mais do que a sua própria inadequação: «E eu respondi: 'Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem'». Mas Deus não desiste: «Não digas: 'Sou um jovem', pois irás aonde Eu te enviar». Como poderá o profeta seguir em frente, qual será a sua segurança? O mandato que recebeu? Muito mais que isso: «Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar». Às vezes, o pior inimigo da nossa liberdade somos nós mesmos, especialmente quando perdemos de vista o verdadeiro fundamento da nossa existência.

No fundo, o que surpreende não é que sejamos fracos e caiamos, mas que, sendo assim, continuemos a levantar-nos; que continue a haver espaço, no nosso coração, para sonhar os sonhos de Deus. Ele conta com a nossa liberdade e o nosso barro. É uma questão de olhar mais para Ele, e menos para a nossa incapacidade. A intimidade com Deus, a confiança n'Ele: daí nascem a força e a leveza necessárias para viver no meio do mundo como filhos de Deus. «Um escritor disse que os anjos conseguem voar porque não se consideram a si mesmos com demasiada seriedade. E também nós talvez pudéssemos voar um pouco mais, se não déssemos tanta importância a nós mesmos».^[14]

Lucas Buch – Carlos Ayxelà



NOTAS

[1] cf. J.M. Casciaro, «El Espíritu Santo en los evangelios sinópticos», en Pedro Rodríguez *et al.* (eds.), *El Espíritu Santo y la Iglesia*, Eunsa, Pamplona 1999, 65.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, *Apuntes íntimos*, n. 678, cit. em *Camino*, edición crítico-histórica.

[5] S. Josemaria, *Carta 13*, n. 106.

[6] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 6.

[7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 7.

[8] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 45.

[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 420.

[10] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n.4.

[11] cf. S. Josemaria, *Carta 24*, n. 22.

[12] cf. Bento XVI, Enc. *Deus caritas est*, n. 1.

[13] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 6.

[14] Bento XVI, Entrevista em Castelgandolfo, 05/08/2006.

19. Para dar o melhor de cada um

As virtudes dão brilho à nossa personalidade e tornam-nos flexíveis para descobrir o bem nas diferentes situações quotidianas.

Um poeta imaginava como as aves das zonas costeiras, sustentadas pela brisa, voam ébrias pela alegria de contemplar sempre a espuma do mar e a beleza do céu. Se não temos a sorte de viver à beira do oceano, talvez possamos recordar a impressão que se apodera de nós cada vez que voltamos de visita; não somente pela imensidão do mar, pelas suas cores ou pelo ambiente que gera, mas também pelo seu som. De facto, já existem uma infinidade de gravações do som do mar que permitem, em qualquer canto do mundo, ganhar um pequeno acesso a esse conjunto de vozes – da água, das rochas, das aves, da areia – tão tonificantes para quem as escuta. S. Josemaria imaginava as virtudes precisamente como cada um destes sons, tão distintos em tom e intensidade, mas que em conjunto formam a música marinha: «Assim como o rumor do oceano se compõe do ruído de cada uma das ondas, assim a santidade do vosso apostolado se compõe das virtudes pessoais de cada um de vós».^[1]

Ser perfeitos não é ser iguais

Escreve S. Jerónimo que «Jesus Cristo não manda coisas impossíveis, mas perfeitas».^[2] Diante disto poderíamos contestar que justamente o perfeito aparece-nos muitas vezes como impossível. Quem se atreve a dizer sobre si mesmo que as suas ações são «perfeitas»? Além disso, os testemunhos dos santos vão precisamente na direção contrária: eles, ao se aproximarem da luz de Deus, são cada vez mais conscientes das suas imperfeições. A perplexidade aumenta se nos damos conta de que o fragmento do Evangelho ao qual se refere S. Jerónimo é precisamente um mandato de Jesus: «Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste» (Mt 5, 48). Que mistério escondem estas palavras?

Um primeiro esclarecimento necessário tem que ver talvez com a nossa compreensão de «perfeito» como algo insuperável na sua espécie, algo que já não pode melhorar mais. Aplicada à conduta de uma pessoa, uma tal ideia de «perfeição» pode afastá-la tanto da nossa experiência comum que inclusive pode chegar a gerar-nos uma certa repulsa. No entanto, o sentido mais frequente com o qual se utiliza esta palavra na Bíblia tem a ver com algo completo, realizado, que dá tudo o que pode dar de si. Entende-se assim melhor que o convite de Cristo a «ser perfeitos» não é como o remate de uma lista de critérios a cumprir em todos os âmbitos da vida, mas a coroação de um discurso no qual se fala de amar a todos, amigos e inimigos, como Deus os ama (cf. Mt 5, 43-48). «Ser santos não é fazer cada vez mais coisas, ou cumprir certos padrões que nos tenhamos imposto como objetivo. O caminho para a santidade, como explica S. Paulo, consiste em corresponder à ação do Espírito Santo, até que Cristo esteja formado em nós (cf. Gl 4, 19)».^[3]

Em continuidade com este sentido de «perfeição», o Catecismo da Igreja fala das virtudes humanas referindo em primeiro lugar como «permitem à pessoa não somente praticar atos bons, mas dar o melhor de si mesma».^[4] Assim como, para gerar o som do mar, se misturam todas as ondas, uma sempre diferente da outra, numa vida santa soam em harmonia cada uma das virtudes: juntas dão forma à melhor versão de cada um. E como no mundo não há duas pessoas iguais, também não há duas maneiras iguais de conjugar cada uma das virtudes. Para nos tornar santos, ou seja, para nos levar para Ele, Deus conta com cada uma das nossas características, únicas, que conhece muito melhor do que nós. Cabe a cada um penetrar no «mistério do projeto único e irrepetível, que Deus tem para cada um e que se realiza no meio dos mais variados contextos e limites»:^[5] tornar realidade, com a graça de Deus e com a nossa liberdade, o filho amado, a filha amada com quem o Senhor sonhou desde a eternidade. Por isso, desde muito cedo, S. Josemaria dizia aos que se aproximavam do Opus Dei: «Haveis de ser tão diferentes, como diferentes são os santos do Céu, que tem cada um as suas notas pessoais e especialíssimas».^[6]

A santidade é um fato à medida

As diferentes virtudes não nos ajudam só a optar pelo bem em vez do mal numa ação concreta; isso é bastante, mas é ainda pouco. Na realidade, esse domínio sobre nós mesmos que constituem as virtudes, a ordenação das nossas forças para o amor, incentiva-nos a escolher o melhor por cima do medíocre. Às vezes, uma compreensão redutora da virtude faz com que a consideremos como um compromisso entre dois extremos negativos, como uma metade geométrica entre dois polos que queremos evitar. Assim, em vez de olhar para cima, preocupamo-nos mais em não cair no precipício da direita ou da esquerda. E, no entanto, Deus deu a cada um o seu próprio cume, que corresponde à nossa própria paisagem geológica, na qual empreendemos o caminho; e nessa paisagem temos de descobrir tanto os diferentes obstáculos ou perigos que nos espreitam, como os terrenos nos quais as nossas pisadas se agarram melhor ao chão, ao solo.

Ao comentar a ética aristotélica, S. Tomás afirma que «o meio *para nós* é o que não excede nem falta da devida proporção *para nós*. Por isso, este meio não é o mesmo para todos».^[7] O santo dominicano explica-o com a imagem do calçado, para o qual cada pessoa tem de encontrar o seu próprio tamanho; o filósofo grego, por seu lado, serve-se da imagem da comida, no sentido de que não são sóbrios da mesma maneira um atleta e alguém que faz pouco exercício físico. Como não existe uma única maneira de viver as virtudes, não parece bom caminho tentar escrever receitas universais para que alguém se torne uma pessoa ordenada, generosa ou humilde. Além disso, como também compreendeu Aristóteles, uma pessoa não consegue ser virtuosa somente por realizar externamente uma série de atos, mas por realizá-los com umas disposições interiores específicas: «Em primeiro lugar, se sabe o que faz; depois, se as escolhe e as escolhe por elas próprias; e, em terceiro lugar, se as faz com firmeza e constantemente».^[8] Por isso, se o ambiente formativo não incentiva a que as pessoas compreendam o interesse de adquirir essa ou outra virtude, e a escolham livremente

movidos pelo amor, os atos externos que supostamente trabalham nessa direção correm o risco de estar a trabalhar em vão.

Deslumbrada pelo facto de que, para nos tornar santos, o Senhor queira contar com as características pessoais de cada um, rezava uma mulher simples: «Faz-nos viver a nossa vida, não como um jogo de xadrez onde tudo se calcula, não como um jogo onde tudo é difícil, não como um teorema que nos quebra a cabeça, mas como uma festa sem fim onde se renova o encontro contigo, como um baile, como uma dança entre os braços da tua graça».^[9]

Músculos que se dobram em qualquer direção

Um dos indicadores de uma boa forma física é a de os músculos terem uma grande elasticidade. Com exercícios de alongamento e um bom cuidado das articulações, o corpo pode alcançar posições até difíceis de imaginar. Manter esta flexibilidade muscular ajuda a evitar problemas causados por más posturas continuadas e reduz a probabilidade de se lesionar. Algo de semelhante sucede com as virtudes na vida espiritual e, por isso, S. Josemaria costumava dizer que «a santidade tem a flexibilidade dos músculos soltos».^[10] Nesse sentido, explica, do mesmo modo que às vezes o amor de Deus nos levará a esforçarmo-nos por fazer algo que nos custa, outras vezes levar-nos-á a optar por algo mais cómodo e a agradecer-lo.

Não é por acaso que a palavra «virtude» venha do latim *virtus*, que significa capacidade ou força, precisamente como os músculos. As virtudes, na medida em que tiverem passado a formar parte de nós, não só nos permitem realizar os atos bons com gosto e facilidade, como nos tornam flexíveis para adotar a direção que possa exigir cada circunstância. É verdade que as virtudes nos levam a fazer as coisas de maneira ordenada; mas, mais profundamente, levam-nos a sermos nós próprios ordenados, apesar de nalguma circunstância possa não o parecer externamente ou não seja oportuno concretizá-lo de uma determinada maneira.

Conta-se que S. Carlos Borromeu, sendo jovem bispo, tinha fama de ser uma pessoa muito austera, que comia e bebia somente pão e água, nas quantidades indispensáveis; no entanto, se isso favorecia a relação com alguns, não tinha problema em tomar vinho com a frequência que fosse necessária.^[11] «Se os cristãos atuassem de outra maneira – observava o fundador do Opus Dei –, corriam o risco de se tornar tesos, sem vida, como uma boneca de trapos».^[12] Precisamente uma das coisas que mais chama a atenção nas bonecas de trapos é que não podem deixar de sorrir. Todos gostamos de estar rodeados de pessoas alegres, mas porque o são livremente, no momento adequado e com a medida adequada, não porque conseguiram incorporar mecanicamente um determinado comportamento.

S. Francisco de Sales, muito no início da sua correspondência com a que um dia seria Sta. Joana de Chantal, alertava-a contra a possível falta de liberdade de filha de Deus para a qual podia resvalar, inclusive através dos seus desejos de vida cristã. «Uma alma que se apegou ao exercício da meditação, interrompe-a, e vê-la-ás sair com pena, ansiosa e espantada. Uma alma que tem verdadeira liberdade sairá com o rosto equilibrado e coração bondoso perante o importuno que a perturbou, porque tudo é um, ou servir a Deus meditando ou servi-lo suportando o próximo; ambas as coisas são vontade de Deus, mas suportar o próximo é necessário neste momento».^[13]

* * *

«Sede valentes!», animava o Papa Francisco a um grupo de jovens polacos. «O mundo necessita da vossa liberdade de espírito, do vosso olhar confiante no futuro, da vossa sede de verdade, bondade e beleza».^[14] A força e a flexibilidade que nos dão as virtudes são como o clamor do oceano que insiste em mostrar-nos a sua novidade e a sua beleza; além disso, manifestam ao Espírito Santo a nossa docilidade para que Cristo se forme na nossa alma de uma maneira única na história. Não é estranho que o Catecismo nos fale das virtudes precisamente no capítulo sobre «a vocação

do homem»:^[15] porque estamos chamados a viver essa vida divina, estamos chamados a levantar o olhar para o horizonte, como aquelas aves costeiras, confiantes de que Deus apoia a nossa luta.

Andrés Cárdenas Matute



NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 960.

[2] S. Jerónimo, citado em *Catena Aurea*, comentários a Mt 5, 43-48.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral 28/10/2020, n. 6.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1803.

[5] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 170.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 947.

[7] S. Tomás de Aquino, *Comentário à Ética a Nicómaco*, Livro II, lição VI.

[8] Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, 1105a-1105b.

[9] Serva de Deus Madeleine Delbrêl, “O baile da obediência”.

[10] S. Josemaria, *Forja*, n. 156. Citado em Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 6.

[11] cf. carta de S. Francisco de Sales à baronesa de Chantal, 14/10/1604.

[12] S. Josemaria, *Forja*, n. 156.

[13] S. Francisco de Sales, carta à baronesa de Chantal, 14/10/1604.

[14] Francisco, Mensagem, 15/08/2018.

[15] *Catecismo da Igreja Católica*, Terceira parte, Primeira secção.

20. É justo e necessário: a justiça

A justiça começa pela nossa relação com Deus, que encontra a sua abordagem exata numa atitude fundamental: agradecimento. Editorial da série sobre virtudes: “Muito humanos, muito divinos”.

Jesus fala para todos. Os pescadores escutam com gosto falar do arrastão (Mt 13, 47-52), os agricultores entretêm-se discernindo quais são os critérios para que uma semente dê um fruto permanente (Mt 13, 2-9) e qualquer dona de casa sintoniza com a história da mulher que perde uma moeda, porque conhece essa aflição (Lc 15, 8-10). Com as imagens mais quotidianas, Cristo sabe iluminar as verdades mais transcendentais. No entanto, há também parábolas que nos podem deixar perplexos; apesar de estarem formuladas numa linguagem simples, situam-nos diante de paradoxos que nos obrigam a refletir. «Os meus planos não são os vossos planos» (Is 55, 8), parece querer dizer-nos às vezes Jesus.

Talvez uma das histórias do Mestre que mais perplexidade desperta é a do proprietário que sai cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha (Mt 20, 1-16). A narração começa como se poderia de esperar: o proprietário ajusta com os trabalhadores o salário para a jornada, um denário, e envia-os a trabalhar. No início parece que estamos simplesmente perante uma consideração sobre o aproveitamento do tempo e a prestação de contas. A parábola avança, todavia, e o proprietário decide contratar novos trabalhadores em horários mais tardios, pelo que trabalharão uma quantidade inferior de horas. A eles, em vez de lhes assegurar um salário determinado, promete-lhes que lhes pagará «o que for justo» (Mt 20, 4).

«O que for justo». Com esta expressão geram-se necessariamente expectativas nos ouvintes e nos leitores. Pensamos que aqueles que começaram a trabalhar mais tarde receberão menos dinheiro do que aqueles que se esforçaram desde o amanhecer. Por isso, quando os da última hora

recebem o pagamento de um denário, pensamos que os mais madrugadores obterão uma recompensa maior pelo seu trabalho. No entanto, o proprietário desconcerta-os a todos: em primeiro lugar, aos que trabalharam poucas horas, porque recebem o mesmo pagamento do que os outros; mas também aos da primeira hora, porque esperariam um suplemento análogo sobre o salário acordado. Os mais surpreendidos, contudo, talvez sejamos nós próprios, perante uma conceção tão pouco convencional da justiça. «Não me será permitido dispor dos meus bens como eu entender?», pergunta o proprietário da vinha (Mt 20, 15). Talvez também nós não saibamos como interpretar estas palavras.

É justo e necessário

Jesus não tem interesse em ocupar-se de questões económicas ou políticas: com esta parábola não pretende, por exemplo, discernir as características de um conceito tão complexo como o de salário justo. O Senhor quer, antes de mais, elevar o nosso olhar para a atitude misericordiosa de Deus, que acolhe todos, ainda que apareçam ou se encontrem com Ele à última hora, como o bom ladrão (cf. Lc 23, 43). Todavia, juntamente com este sentido fundamental, a parábola do Mestre proporciona-nos um enquadramento narrativo para nos fazer refletir sobre os diferentes âmbitos da virtude da justiça na nossa vida.

Se, como se afirma de modo clássico, a justiça consiste em dar a cada um o que é seu, o que lhe corresponde, estamos diante de uma disposição interior que salienta a nossa dimensão relacional. Convém então perguntar-se, em primeiro lugar, que devemos a Deus ou como será uma relação justa com quem é a fonte de todos os bens, começando pelo da nossa própria existência.

A oração eucarística da santa Missa proporciona-nos um bom ponto de partida. Assim reza o breve diálogo entre sacerdote e fiéis com o qual começa sempre o prefácio: «— Dêmos graças ao Senhor, nosso Deus. — É nosso dever, é nossa salvação».^[1] Inicialmente, a gratidão e a justiça

parecem contrapor-se: um dom caracteriza-se precisamente por ser um dom imerecido. O agradecimento é o reconhecimento de que uma pessoa foi mais além do estritamente devido. No entanto, diante de Deus mudam radicalmente as coordenadas, porque Ele é a origem de tudo o que somos e possuímos. Como diz São Paulo, «que tens tu que não tenhas recebido?» (1Cor 4, 7). A nossa vida enquanto tal é puro dom imerecido; daí que, no que diz respeito a Deus, o agradecimento seja um dever profundo. Nunca poderemos devolver-lhe o que faz por nós, e não há nisto nada de injusto. Mas, há aqui algo profundamente devido, profundamente justo: agradecer-Lhe tudo.

Descobrir que a nossa relação com Deus está condicionada pela sua doação gratuita e terna leva-nos a desfrutar da vida como seus filhos e liberta-nos de uma conceção da fé exageradamente centrada na *letra* dos mandamentos. Em vez de nos afligirmos diante do que se possa apresentar como uma lista infinita de propósitos ou preceitos através dos quais, de certo modo, *pagaríamos* o preço da nossa redenção, podemos visualizar a nossa correspondência ao amor de Deus como uma disposição de oferecer-Lhe todos os instantes da nossa vida, convencidos de que nunca conseguiremos agradecer-Lhe suficientemente tudo o que nos dá. Assim, por exemplo, a fidelidade a um plano de vida espiritual pode ser entendida, mais do que como um peso de consciência diante de uns compromissos adquiridos, como a manifestação mais direta da nossa gratidão ao amor que Deus derrama sobre cada um. «Vós, se vos esforçardes deveras por ser justos, considerareis frequentemente a vossa dependência de Deus – pois, que tens tu que não tenhas recebido? –, para vos encherdes de agradecimento e de desejos de corresponder a um Pai que nos ama loucamente».^[2]

A sua justiça é maior do que a nossa

Por outro lado, uma atitude de profundo agradecimento a Deus liberta-nos de um desejo excessivo de julgar a sua maneira de atuar. Às vezes,

perante acontecimentos pessoais ou sociais, quando somos subitamente confrontados com uma situação que não esperávamos, pode suceder que façamos perguntas deste estilo: «Como pode Deus permitir algo assim?». Talvez pensemos que outras pessoas são mais abençoadas do que nós ou que Deus parece não ouvir o que lhe pedimos nas nossas orações e pensamos: «Que injusto!». Comportamo-nos então como aqueles jornaleiros que trabalharam todo o dia e que não encaixaram a generosidade *desmesurada* do proprietário para com aqueles que tinha contratado ao cair da tarde. Em vez de se alegrarem porque esses trabalhadores iam ter algum dinheiro para comer, entristeceram-pela decepção das suas expectativas de receber uma graça maior.

Além disso, não faz sentido atribuir a culpa dos males ao Senhor. Muitos deles resultam da liberdade humana, das ações e omissões próprias e alheias. Além disso, é necessário convencermos-nos na nossa oração de que Deus é o Senhor da nossa vida e da história; também de que, apesar de na realidade não nos dever nada, uma vez que ele *é* Amor, está sempre a procurar o melhor para cada um, às vezes transformando o mal em bem de modos surpreendentes. S. João Paulo II dizia que «de certo modo, a justiça é maior que o homem, que as dimensões da sua vida terrena, que as possibilidades de estabelecer nesta vida relações plenamente justas entre os homens».^[3]

A oração dos que sabem ser filhos de Deus está marcada pela confiança em quem nos ama infinitamente e quer sempre o melhor para nós. Assim reza Jesus no horto das oliveiras: «afasta de mim este cálice..., contudo não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22, 42). Perante as situações que não conseguimos entender e que talvez nos causem sofrimento, enquanto procuramos encontrar soluções, podemos dizer ao Senhor: «que se faça a tua justiça e não a minha. Sei que estou em boas mãos e que no final tudo será para bem».

A justiça é um desejo e um mistério. Um desejo profundamente enraizado em nós, mas também um mistério que nos supera, no sentido em que só a Deus corresponde a última palavra acerca do que é justo e dos modos concretos de restabelecer a justiça. Por isso também não seria uma atitude cristã desejar o castigo dos nossos inimigos, como se nos correspondesse determiná-lo, ou referir-se demasiado facilmente à justiça divina para repreender as pessoas que atuam de forma imoral ou baseiam as suas vidas em valores muito diferentes dos nossos.

Sim, obviamente que a fé na justiça divina deveria consolar-nos quando sofremos uma injustiça ou quando nos entristecemos por uma evolução negativa do mundo. «Existe uma justiça. Existe a “revogação” do sofrimento passado, a reparação que restabelece o direito».^[4] Como o proprietário da parábola, Deus cumpre a sua promessa e recompensa quem trabalhou bem. Mas a revelação que Deus fez de si próprio leva-nos a confiar, ao mesmo tempo, que a sua misericórdia o leva a dar sempre novas oportunidades de conversão a quem faz o mal. «Não é simplesmente uma justiça estrita, baseada em cálculos teóricos, a que levou o Filho de Deus a pedir perdão ao seu Pai em nosso nome, mas um amor gratuito, que só tem em conta aquilo que pode fazer pelos outros».^[5] Daí que o dono da vinha não fique de braços cruzados depois de contratar os trabalhadores madrugadores, mas que inclusive na undécima hora queira dar trabalho a quem está prestes a perder uma jornada completa. Em suma, como escreve S. Josemaria, «Deus não se deixa vencer em generosidade».^[6]

Os outros são livres

Quando refletimos sobre a justiça como virtude que deveria moldar as nossas relações com os outros, muitas vezes afirma-se que se trata apenas de um requisito mínimo para a convivência: respeitar o outro na sua alteridade.^[7] A justiça poderia interpretar-se assim como uma atitude fria, que destaca mais as diferenças entre as pessoas do que o que têm em comum. Enquanto a caridade busca a unidade, a justiça sublinharia a

separação. Todavia, se observamos com atenção, a relação entre caridade e justiça é mais subtil.

O facto de que a cada um seja dado aquilo que lhe corresponde, como exige a justiça, encerra uma relação intrínseca com a devida repartição dos bens, com o cumprimento dos contratos e da palavra e com o respeito que devemos a cada pessoa. Poderíamos dizer, deste modo, que a justiça nos ajuda verdadeiramente a levar uma vida social pacífica, com as regras do jogo claras e sem nos incomodarmos uns aos outros.

Basta esta consideração para se dar conta de que não é pouco e nem sequer tão trivial reconhecer a alteridade dos outros e o direito que têm a ser como querem. Assim nos mostra S. Josemaria: «Estamos obrigados a defender a liberdade pessoal de todos, sabendo que Jesus Cristo foi quem nos conquistou essa liberdade. Se não o fizemos, com que direito reivindicaremos a nossa?».^[8] É precisamente isto que o proprietário da vinha censura aos trabalhadores madrugadores, que se sentem enganados: «Em nada de prejuízo, meu amigo. Não foi um denário que nós ajustámos? Leva, então, o que te é devido e segue o teu caminho, pois eu quero dar a este último tanto como a ti. Ou não me será permitido dispor dos meus bens como eu entender? Será que tens inveja por eu ser bom?» (Mt 20, 13-15).

Às vezes podemos sentir a tentação de desqualificar de antemão as opiniões de alguém que tem uma forma diferente de compreender o mundo ou se guia por outros valores. Acentuamos então excessivamente a dimensão unitiva da caridade, acreditando que qualquer diferença deveria ser superada para dar lugar ao verdadeiro amor, e confundimos a justiça com a mera igualdade. No entanto, «a justiça é o primeiro caminho da caridade, (...) parte integrante daquele amor».^[9] Esta virtude recorda-nos, em primeiro lugar, que todos temos direito a ser como queremos, a manifestar essa forma de ser para o exterior e a gozar os nossos próprios bens. Como escreve o Papa Francisco, «nenhum indivíduo ou grupo

humano se pode considerar onnipotente, autorizado a pisar a dignidade e os direitos dos outros indivíduos ou dos grupos sociais». ^[10]

S. Josemaria falava com frequência do numerador diversíssimo de que gozavam as pessoas que o seguiam: os diferentes caracteres, as livres opiniões e opções pessoais de cada uma, de cada um, em matérias políticas, culturais, científicas, artísticas, profissionais, etc. Distinguia-o de um denominador comum, muito pequeno em comparação, que eram as questões fundamentais da fé e do carisma que partilhavam. Faz-nos muito bem valorizar, respeitar e amar as diferenças legítimas com as pessoas que convivem connosco; «quem ama a liberdade consegue ver o que há de positivo e amável naquilo que outros pensam e fazem dentro desses amplos âmbitos». ^[11]

Pensar de outro modo implicaria cair na subtil tentação de querer ajudar os outros a partir dos nossos parâmetros, sem discernir aquilo de que na realidade necessitam e, sobretudo, o que lhes devemos. Seria injusto, por exemplo, pagar a um empregado um salário menor ao que corresponde o trabalho que realizou, simplesmente porque se pensa que é melhor oferecer-lhe um prémio que compense a diferença. Nesse sentido, o proprietário da vinha não peca contra a justiça ao pagar o mesmo a todos; talvez se possa pensar que tem um critério peculiar da retribuição, mas em nenhum momento falta à sua palavra: os que ajustaram um denário, receberam exatamente o estipulado; e os outros receberam o que ao proprietário pareceu justo. Assim é Deus: justo cumpridor das suas promessas, mas também Pai generoso, a quem «basta um sorriso, uma palavra, um gesto, um pouco de amor, para derramar copiosamente a sua graça sobre a alma do amigo». ^[12]

Gaspar Brahm



NOTAS

- [1] cf. Missal Romano, Oração Eucarística.
- [2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 167.
- [3] S. João Paulo II, Audiência, 08/11/1978.
- [4] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 43.
- [5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 8.
- [6] S. Josemaria, *Forja*, n. 623.
- [7] Acerca da alteridade como dimensão fundamental da justiça, cf. J. Pieper, *Las Virtudes fundamentales*, Rialp, Madrid 1990, p. 100 ss.
- [8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 171.
- [9] Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 6.
- [10] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 171.
- [11] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 13.
- [12] S. Josemaria, *Via Sacra*, V estação.

21. O reino de Deus e a Sua justiça: a justiça (II)

As relações mais relevantes da nossa vida definem os deveres mais importantes. A justiça traça-nos uma espécie de mapa para não os perder de vista. Editorial da série sobre as virtudes “Muito humanos, muito divinos”.

A tarde avança na praça da vila, e o dono da vinha ainda encontra outros trabalhadores sem ocupação. “Ninguém nos contratou” respondem eles. O senhor manda-os trabalhar na sua vinha, embora faltasse pouco para escurecer (cf. Mt 20, 7). A convicção de que a justiça social depende concretamente das suas próprias decisões leva o dono da vinha a contratar aqueles pobres homens. Por culpa deles ou não, tinham desperdiçado o dia inteiro, e talvez lhes faltassem até as coisas mais essenciais para sobreviver. Acima de tudo, sofreriam por não se sentirem úteis, o que é uma profunda angústia existencial. O dono da vinha, então, não se limita a dar-lhes dinheiro, mas ajuda-os a dar sentido à sua vida. Jesus não propõe uma solução política, mas quer sublinhar que a «fome e sede de justiça» (Mt 5, 6) deve levar-nos a procurar soluções criativas para os problemas sociais, e que nunca será uma atitude cristã centrar-se exclusivamente em questões pessoais.

Calor da caridade, solidez da justiça

A mesma justiça que nos leva a reconhecer os outros nas suas diferenças e, por isso, a respeitar tudo o que lhes pertence (a sua vida, a sua boa reputação, as suas propriedades) exige reflexão sobre os elementos mínimos necessários para uma vida humana digna, e agir em conformidade. Se Deus nos deu todos os bens da terra para que homens e mulheres possam desfrutar da vida em comunidade, não pode deixar-nos indiferentes que, enquanto alguns gozam de uma vida confortável, outros passem fome ou não possam beneficiar, por exemplo, de uma educação que abra as portas a

novas possibilidades. «O mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade (...). Por conseguinte, como comunidade, temos o dever de garantir que cada pessoa viva com dignidade e disponha de adequadas oportunidades para o seu desenvolvimento integral».^[1] Os desafios ecológicos, por exemplo, não podem abstrair-se de uma reflexão sobre a justiça. Além da opinião legítima que se tem sobre os diversos problemas e suas possíveis soluções, o cristão deve sempre sentir-se responsável pelo tipo de mundo que deseja deixar para as próximas gerações.

O calor da nossa caridade e a solidez da nossa justiça dar-nos-ão os critérios e a força necessária para viver da melhor maneira possível as nossas relações com os outros. Logicamente, os laços de caridade condicionam os nossos deveres de justiça e estas duas virtudes determinam muitas das decisões que tomamos no dia a dia: a preocupação com a minha família tem prioridade sobre outras possíveis iniciativas sociais. A «ordem da caridade»^[2] em que S. Josemaria insistia é também uma ordem de justiça: não seria justo tratar da minha mãe doente se não encontrasse tempo para a visitar porque estou ocupado com projetos de solidariedade muito valiosos, mas que me impedem de viver os meus deveres como filha ou como filho. Se a excessiva generosidade do dono da vinha, preocupado em que muitos usufruam de um emprego digno, o levasse a pôr em risco a solvência familiar, não seria inteiramente justo para com a sua família.

Mas os laços de justiça também nos ajudam a refinar a caridade. O amor à nossa própria família e conhecidos pode por vezes ser confuso e levar-nos a refugiar-nos na nossa vida privada, sem querer dar-nos conta das necessidades de tantos homens e mulheres que nos rodeiam; também pode levar-nos a buscar sempre a vantagem para nós mesmos, mesmo prejudicando terceiros. Por isso é bom observarmos a atitude do dono da vinha: apesar de ter uma situação cómoda e agradável, na qual provavelmente gozava de abundante riqueza, decide complicar a sua vida; percorre as ruas várias vezes e oferece a muitos trabalhadores a

oportunidade de receber dinheiro pelo seu trabalho. Assim é a fome de justiça de quem segue Jesus, que os leva a abandonar o próprio conforto.

Em suma, a caridade e a justiça devem estar entrelaçadas numa visão da realidade regida por uma consciência viva de tudo o que se relaciona na nossa pessoa e na nossa vida. «A justiça que pode ser o fundamento estável da paz é a justiça dos filhos de Deus, a justiça vivificada pela caridade que vê irmãos nos outros, filhos do mesmo Pai celeste».^[3] A nossa santidade consiste, em grande medida, em descobrir que o outro faz parte da nossa vida.

Relações e deveres

Nas Escrituras, a palavra “justiça” tem um significado muito mais rico do que no seu significado atual. «A justiça não é uma abstração nem uma utopia. Na Bíblia, ela é o cumprimento honesto e fiel de todos os deveres em relação a Deus, é fazer a Sua vontade».^[4] Quando se afirma, por exemplo, que S. José era justo, entende-se que ele era santo, ou seja, que em cada situação fez o que era certo. Uma dimensão muito importante de todas as decisões do santo Patriarca foi a de ponderar os seus deveres para com o Senhor e para com os outros, especialmente para com Maria, para ordenar as prioridades da sua vida e do seu coração. O justo não é tanto aquele que acredita ser a medida de todas as coisas, mas aquele que se deixa medir e organiza a sua vida segundo as suas relações com os outros. «O justo viverá pela fé» (Heb 10, 38).

Ao ler as obras de S. Josemaria, pode surpreender-nos que, a par de passagens em que descreve o amor e a dedicação como traços distintivos da vida cristã, em muitas outras ocasiões afirme que a santidade consiste simplesmente no cumprimento do dever em cada instante. «A nossa vida – a dos cristãos – tem de ser assim tão vulgar como isto: procurar fazer bem, todos os dias, as mesmas coisas que temos obrigação de viver; realizar no mundo a nossa missão divina, cumprindo o pequeno dever de cada instante».^[5] O facto de o conceito de "dever" gozar de uma posição tão

proeminente nos seus escritos pode causar certa perplexidade no leitor ou crente contemporâneo. De facto, converter o ideal cristão no cumprimento meticuloso de uma série de mandamentos não é apenas pouco atraente, mas também pode acabar por nos causar desânimo e tristeza. Se o cristianismo é a religião do amor e, portanto, da liberdade, por quê a ênfase de S. Josemaria numa palavra aparentemente sóbria e fria como "dever"? De facto, apesar da estranheza que nos causa o comportamento do dono da vinha, o que nos desperta a nossa admiração por ele é precisamente aquela generosidade que vai para além de um simples sentido de dever.

No entanto, não compreenderíamos a profundidade do pensamento de S. Josemaria se julgássemos que a sua mensagem é apenas um apelo frio e seco ao cumprimento dos deveres da nossa vida quotidiana. Não é o cumprimento em si que nos aproxima de Deus, mas o amor que nos leva a realizar cada tarefa do nosso dia com a maior perfeição possível. «A devoção sincera, o verdadeiro amor a Deus, leva ao trabalho, ao cumprimento – ainda que custe – do dever de cada dia».^[6] Mas para que a caridade, chamada a ser o motor e o fim de todas as nossas ações, não perca a necessária tensão para com o que é importante em cada momento, precisamos da virtude da justiça, que nos traça uma espécie de mapa com os marcos importantes para cada dia. A sua definição é baseada neste princípio: todo o dever é baseado numa relação. As relações mais relevantes na nossa vida definem os deveres mais importantes.

O dever de cada instante

Não poucos deveres de justiça são fruto e manifestação do amor, que demonstramos vivendo-os delicadamente. Cuidar dos filhos e conviver com eles é um dever de justiça, que logicamente nasce do amor. O seu cumprimento muitas vezes encher-nos-á de alegria, e nem precisaremos de no-lo propormos; mas às vezes pode parecer um dever mais pesado, porque colide com outras atividades possíveis ou porque estamos especialmente cansados. Render no trabalho é também um dever, não só para com o nosso

patrão, mas também para com a nossa família e para com a sociedade. Se recebemos um determinado salário por um determinado tempo e determinados resultados, é uma questão de justiça que nos esforcemos para alcançá-los. E, finalmente, o cristão que procura transformar todos os seus afazeres em oração e em ocasião de amar a Deus e aos outros descobre possibilidades de servir em todas as circunstâncias do seu trabalho.

Por outro lado, às vezes poderia parecer que exigir para si o respeito de certos direitos poderia ser contrário à caridade. No entanto, S. Josemaria sempre ensinou que uma manifestação da mentalidade laical – ou seja, do sentido de pertença ao mundo – consiste em exigir, com caridade e respeito, o que nos corresponde. Lutar, por exemplo, por um merecido aumento de salário ou pelo respeito de uma palavra dada como garantia não significa não saber perdoar ou não se contentar com o que se tem, mas consolida a prática da justiça no nosso meio e na sociedade, em benefício de todos. «Se somos justos, cumprimos os nossos compromissos profissionais, familiares, sociais..., sem espaventos nem alardes, trabalhando com empenho e exercitando os nossos direitos, que também são deveres».^[7]

As relações de justiça transformam-se, então, numa forma muito concreta de fazer o correto em cada instante, ou seja, o justo. Perguntar-nos todos os dias na oração sobre os nossos deveres ajuda-nos a centrar o nosso amor nos vínculos concretos que constituem a nossa vida. Também os trabalhadores da parábola, independentemente do tempo em que foram contratados e do acordo que estabeleceram com o dono da vinha, se esforçaram por cumprir o seu dever e obter a recompensa prometida.

* * *

«Ao entardecer, o dono da vinha disse ao capataz: “Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até aos primeiros”» (Mt 20, 8). Deus está determinado em que todos os homens sejam salvos, e também quer que todos desfrutemos de uma vida terrena tão digna quanto possível. Isso leva-nos a ter um cuidado especial com cada um

dos nossos deveres, para tornar este mundo um lugar mais humano e divino. Ao mesmo tempo, sabemos que a justiça plena só será alcançada no fim dos tempos e que está nas mãos de Deus. «Só Deus pode criar justiça. E a fé dá-nos a certeza: Ele fá-lo».^[8] Sim, «os últimos serão os primeiros» (Mt 20, 16). Quem se preocupa «pelo Reino de Deus e pela Sua justiça» (Mt 6, 33) pode alegrar-se com a *justiça* de Deus: «por causa d’Ele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo e n’Ele ser achado, não com a minha própria justiça, a que vem da Lei, mas com a que vem pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus e que se apoia na fé» (Fl 3, 8-9).

Gaspar Brahm



NOTAS

[1] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 118.

[2] cf. S. Josemaria, *Cartas* 4, n. 14; 6, n. 7.

[3] Fernando Ocáriz, «A herança espiritual de Mons. Álvaro del Portillo», março 2014, opusdei.org.

[4] Francisco, Discurso, 25/02/2023.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 616.

[6] S. Josemaria, *Forja*, n. 733.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 169.

[8] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 44.